

Atualidades



CRESCIUMA: Monumento erguido aos trabalhadores das minas de carvão.

& CIA. FILIAL EM JOINVILLE

LUIZ BROCKMANN, N.º. 179 — CAIXA POSTAL, 76

JOINVILLE

AGENTES PARA O ESTADO DE SANTA CATARINA:

LONDON & LANCASHIRE INSURANCE COMPANY LIMITED"

"COMPANHIA DE SEGUROS "CRUZEIRO DO SUL"

"COMPANHIA DE SEGUROS "SAGRES"

INCENDIO — TRANSPORTES — ACIDENTE PESSOAL — CASCOS

SUB-AGENTE EM FLORIANÓPOLIS: JAPY FERNANDES

RUA TRAJANO, N.º. 19 — SOBRADO

AGENCIARIOS: — THE LONDON ASSURANCE
COMPANHIA DE SEGUROS "IMPERIAL"
COMPANHIA "ROCHEDO" DE SEGUROS

BIBLIOTECA PÚBLICA

FLORIANÓPOLIS

19/5/70
SANTA CATARINA

COMPANHIA

BRASILEIRA

DE TRIGO

EMPREGUE SEU DINHEIRO

COMPRANDO AÇÕES DESSA

PODEROSA COMPANHIA

PAULISTA

CAPITAL CR\$ 60.000.000,00

COMPANHIA

SIDERURGICA

BELGO MINEIRA

USINAS EM SABARA E MONLEVADE

ESTADO DE MINAS GERAIS

PRODUÇÃO ANUAL

125.000 TONELADAS DE AÇO

ESCRITÓRIO CENTRAL

AV. NILO PEÇANHA 26 — 5º ANDAR

RIO DE JANEIRO

Biblioteca Pública de Florianópolis

Reg. no

9921

Data

PACOTES PARA A EUROPA

Entrega rápida, de stock já existente na Europa

Encaminhamento de pacotes feitos pelos interessados!

SERVIÇO RÁPIDO E ENTREGA GARANTIDA!

Peçam informações a

H. G. MOLENDA

Caixa Postal 152 — Rua Bocaiuva 60 — Telefone 1.352

FLORIANÓPOLIS

Atualidades

PUBLICAÇÃO MENSAL INICIADA EM 1945
REDAÇÃO E OFICINAS: AVENIDA MAURO RAMOS, 301
FLORIANÓPOLIS — S. CATARINA — BRASIL

O Jequitibá da nossa Democracia

Quando a 1º de julho deste ano comemorou-se o Centenário do nascimento, na heróica cidade de Santo Antônio dos Anjos da Laguna, do preclaro catarinense Raulino Horn, toda a Imprensa desta terra, justiceiramente, homenageou tão insigne varão, publicando seus dados biográficos.

O que faremos é um bosquejo da personalidade de varão tão ilustre: Raulino Horn, o Jequitibá da Nossa Democracia.

Homem de envergadura moral como raros, foi acima de tudo, um democrata incomparável, um cidadão que acima de seus interesses particulares colocou, sempre, os da coletividade.

Em sua longa existência de lutas em prol da terra catarinense, há um episódio digno de nota. Homem que subira às culminâncias da vida política, como membro do triunvirato de 15 de novembro de 1889, como senador republicano, aceitou para melhor eficiência do seu partido o lugar de Presidente da Câmara Municipal de Florianópolis, gesto esse que teve similar no do insigne general Antônio Vicente Bulcão Viana.

No desempenho de seus mandatos esse cidadão, homem de ciências e de letras, sempre se portou de maneira a merecer os aplausos de gregos e troianos.

Como deputado estadual era de se notar a sua linha de conduta. Procurava invariavelmente satisfazer os interesses da coletividade catarinense que, sempre, o elegeu seu mandatário.

Quando nos primeiros dias da República houve cisão nas hostes do Partido Republicano e foi fundado o Partido Republicano Federalista, e mais tarde, a União Federalista, a sua formação política lhe ordenou a coerência de idéias, e firme continuou no Partido Republicano.

Sua personalidade política merece mais que rápidas pinceladas. Merece, acima de tudo, um monumento gravado em letras de fôrma.

É esta a homenagem de "Atualidades" ainda que singelamente a tão ilustrado catarinense, varão de virtudes impares.

AS IGREJAS E A ARTE RELIGIOSA NA BAHIA

(Conclusão)

O do Destêrro, originário de uma capelinha de táboas coberta de palmas, alevantada nos tempos de Mem de Sá, tornou-se em 1677, o Convento, de Nossa Senhora do Destêrro, dirigido primeiramente por clarissas vindas de Évora, onde predominam os azulejos, e, em cuja capela, um sacrário todo de prata massiça extasia o visitante, diante da arte do autor de tão primoroso trabalho! Lá, também, tivemos a oportunidade de admirar duas custódias, uma de prata e outra de ouro, ambas cravejadas de águas marinhas, e de autoria do ourives bahiano Boaventura de Andrade que as fez em 1807. No segundo pavimento do Convento apreciamos um largo corredor de 115 metros de extensão, bem como, riquíssimo móveis de jacarandá, artisticamente trabalhados.

E, benigno auditório, chegamos, finalmente, ao Convento da Lapa, a última etapa de nossa peregrinação pela Cidade do Salvador, a Cidade que o povo imaginou ter 365 templos católicos, mas, que, na verdade, não possui mais de 67, e dos principais vos falei, desobrigando-me, assim, de uma missão bastante penosa para quem, não é conferencista, mas, grata para quem deseja fazer o seu Brasil conhecido por todos os brasileiros.

É esse Convento o local do sacrifício de Sôror Joana Angélica, pela Pátria e Pela Religião. Foi na porta do claustro desse histórico prédio que tombou aquela religiosa bahiana quando impedia a entrada, com seu corpo de sexagenária, no claustro que dirigia, das tropas portuguesas. Mas, porque tal ato? — Porque, sendo Joana Angélica bahiana, pensavam os portugueses que no quarto pavimento do Convento estivessem entrincheirados patriotas brasileiros, e, sem racionarem, com suas sacrílegas baionetas transpassaram a Heróica Bahiana.

E o Brasil tornou-se independente do jugo luso!

O túmulo de Joana Angélica está na capela do convento. Marcam seu local duas pequenas cruzes de madeira encravadas no asfalto.

E como vivem as freiras que

são enclausuradas, concepcionistas?

Vivem do produto da venda de seus doces gostosos, de seus sequilhos, e de seus licôres divinais!

Assim é, caríssimos ouvintes, a Bahia religiosa, com seus templos admiráveis, com suas heroínas sublimes, com seus conventos gloriosos, com sua arte religiosa que encontrou no Cônego Odilon Machado um pesquisador incansável! Assim é a Bahia, a encantadora terra do Senhor do Bomfim!

Antes de encerrar estas despri-

Homenagem á gloriosa Marinha Nacional

RIACHUELO

Ao Exmo. Snr. Almirante Antão Alvares Barata, dignissimo e estimado Comandante do 5º Distrito Naval, pelo motivo do transcurso do 84º aniversário da maior batalha naval da América.

Riachuelo! A Pátria exulta memorando
A brilhante epopéia, o feito glorioso
Em que leões do mar, em guerra pelejando,
Abateram tigrino 'imigo aventureoso!

Barroso, genial, valente, comandando;
Greenhalgh, que sucumbiu defendendo orgulhoso
O pátrio pavilhão; e outros que lutando,
Qual bravo Pedro Afonso heróico e valeroso;

Marujo de valor, herói já consagrado,
Marcílio Dias faz prodígios de bravura,
Destroçando viril de fêras um punhado!

Marujos de Barroso, herói incontestado!
Riachuelo é feito ingente que perdura
Elevando o Brasil, honrando o seu Passado!

Florianópolis, 11 de Junho de 1949.

Ildefonso JUVENAL

morosas palavras quero patentear os meus agradecimentos á todos que me escutam nesta palestra, e muito especialmente, á direção da Juventude Católica de Florianópolis, que me proporcionou esta oportunidade de transmitir o que vi, senti, e apreciei nessa gloriosa Bahia, nos memoráveis dias do 1º Congresso de História da Bahia, e, também, ao Exmo. Sr. Dr. Tolentino de Carvalho, pela honrosa delegação que me conferiu como representante da Prefeitura desta bela e querida Florianópolis áquela certame.

Á todos o meu sincêro obrigado!

POMADA
MINANCORA
NUNCA EXISTIU IGUAL

PARA FERIDAS,
ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES,
COCEIRAS,
FRIEIRAS,
ESPINHAS, ETC.

CORPO DE BOMBEIROS

A efeméride de 26 de setembro corrente assinalou a passagem do 23º aniversário da fundação do Corpo de Bombeiros desta Capital, organização que, instalada à rua Tenente Silveira, pelo então Governador do Estado, Gal. Dr. Antônio Vicente Bulcão Viana, vem prestando relevantes serviços à população da Capital e dos municípios circunvizinhos.

"ATUALIDADES", registando o feliz acontecimento, envia aos valerosos soldados do fogo, as mais efusivas felicitações por tão significativa data.

SELOS POSTAIS DA IUGOSLÁVIA

Conforme comunicação da Secretaria Internacional da União Postal Universal, o ministério do Comércio Estrangeiro da Iugoslávia tomou a decisão de que todos os selos e artigos de filatelia, obliterados ou não, serão considerados como mercadoria de importação ou exportação submetida à fiscalização consoante as normas regulamentares relativas ao controle da importação e da exportação naquele país.

O Comércio de exportação e importação de selos e de todos objetos necessários à filatelia realiza-se por intermédio da **Jugofilateleja** (empresa de comércio de selos), em Beograd.

Aos colecionadores organizados é permitida a troca de selos com o Estrangeiro na seguinte forma:

a) Cada filatelista da Iugoslávia pode ter no Estrangeiro até 20 correspondentes para suas trocas, porém dois, no máximo, para cada país;

b) um correspondente pode receber da Iugoslávia uma só remessa por mês. Para as novas emissões da República Federativa Popular da Iugoslávia, não obliteradas, a restrição é limitada a 200 dinars valor nominal, e para outros selos, obliterados ou não, a uma quantidade de 50 peças.

c) a permuta de selos é controlada pela União dos Filatelistas, isto é, pela Associação Filatelista.

Essas prescrições estão em vigor desde 15 de Março último.

EMPRESA AUTO VIAÇÃO BRASIL

Florianópolis, Santo Amaro, Rancho Queimado, Rio Bonito, Taquaras, Barracão, Bom Retiro, J. Paulo, Canoas, Bocaina, Macacos, Lajes e São Joaquim, Urubici, Pericó etc.

Passageiros — Encomendas —

Correio — diariamente

ZAPPELLINI & IRMAOS

"ATUALIDADES"

Ao conhecimento dos nossos leitores, colaboradores, assinantes e favorecedores, uma comunicação se faz necessária — a de que fomos forçados, por motivos irremovíveis, a atrasar, ultimamente, a publicação periódica de "ATUALIDADES".

Com o presente número, encerrando matéria de outros, esperamos normalizar a publicação de nossa revista, solicitando escusas por sermos forçados, como já frizamos, a procedermos dessa forma.

O próximo exemplar, que reunirá os de outubro, novembro e dezembro deste ano, será o comemorativo do NATAL, para o que contamos, desde já, com a colaboração e os anúncios dos nossos amigos e favorecedores, solicitando-lhes a fineza de se entenderem com o sr. Adão Miranda, nosso antigo colaborador, o qual, a partir desta edição, irá dirigir provisoriamente a nossa revista.

Esperamos, e contamos com a preferência com que tem sido, até agora, honrada a "ATUALIDADES", que procuraremos torná-la digna da imprensa catarinense.

JORNALISTA JOÃO KUEHNE

É-nos grato registrar o restabelecimento da grave enfermidade que o reteve ao leito por algumas semanas, do nosso prezado amigo e prestimoso companheiro de redação, jornalista João Kuehne, funcionário da D. O. P. S.

Ao prezado amigo e companheiro, cujo afastamento de nossa redação se faz necessária por algum tempo até que se tenha restabelecido completamente, desejamos votos de que, muito breve, o tenhamos novamente conosco à frente dos destinos de "Atualidades".

VIUVA ANA HOEPCKE

A sociedade catarinense foi abalada, na manhã do dia 16 de setembro, com o falecimento, nesta Capital, na Casa de Saúde São Sebastião, onde se achava em tratamento, da exma. sra. d. Ana Hoepcke, viúva do inesquecível comerciante e industrial sr. Carlos Hoepcke.

A extinta, cuja vida teve-a pontilhada de ações caridosas, atendendo à centenas de pessoas pobres e à obras pias, nasceu no Castelo de Tunenberg, Alemanha, em 1875, no dia 19 de novembro, vindo a falecer com a avançada idade de 74 anos, deixando uma única filha, a exma. sra. d. Ruth Hoepcke da Silva, esposa do sr. dr. Aderbal Ramos da Silva, Governador do Estado.

O sepultamento do seu cadáver teve lugar às 17 horas do mesmo dia, saindo o féretro de sua residência, à Avenida Trompowski, para o Cemitério Público, tendo grande acompanhamento, notando-se a presença do sr. Governador José Boabaid, Secretários d'Estado, chefes de repartições públicas, funcionários da firma Hoepcke e grande número de pessoas de nossa alta sociedade.

"ATUALIDADES" envia à família enlutada as expressões do seu pesar.

O INTRUSO

Por Osmar Silva

Chovia torrencialmente. Há três dias que aquele mísero ser enfrentava a tormenta, sem encontrar um abrigo. Rugia, dentro dele, uma tempestade maior do que a desencadeada pelos elementos. Sentia gana de morder, de matar, para satisfazer o instinto revoltado. Batido, escorraçado, sem um gesto amigo a amenizar-lhe a desventura, êle prosseguia rua afóra sob a chuva inclemente, castigado pelo vento impiedoso.

Frio e fome ... fome, frio e apêgo à vida, embóra miserável e sordida.

O chalézinho plantado naquele jardim florido, surgira, aos seus olhos, como uma mirágem no deserto. A paz, o calor e a quietude deviam morar ali dentro. E talvez existisse um bom cantinho para dor mir. Parou pesando as probabilidades. Parecia pensar: "Será que me permitirão a entrada? Ou serei escorraçado, mais uma vez, sem piedade?"

Decidiu-se, por fim. Aproximou-se, com um tênue brilho de esperança no olhar amortecido. Bateu à porta, uma batida leve, tímida, o gesto do fraco que fáz da humildade uma arma de proteção.

Mal batera, a porta se abriu e o dono se apresentou. O corpanzil ocupara o espaço formado pela abertura. Nenhum som articulou.

Olhou-o, apenas. Olhou-o duramente. E o seu oihar parecia dizer: "Quem és, mísera criatura? Como ousas, intruso, perturbar o meu sosêgo? Pretendes, por acaso, desfrutar as comodidades que êste chalet oferece? Louca temeridade! Repara, tudo aqui é automático, como automática é a diferença entre nós. Basta que me aproxime para que a porta se abra. Se me retiro, ela se fecha. O chão é atapetado. O aquecimento, elétrico. Tudo o que o confôrto pode proporcionar, eu encontro aqui. Sou o guardião dêste lindo jardim e do pomar que vês acolá. Retira-te antes que a minha paciência se exgote. Eu sou o mais forte, tú és o mais fraco".

E o mais forte, um grande cão de guarda, hostil e rancoroso, retirou-se para o interior do seu domínio. O clic da porta ao fechar-se delimitou as fronteiras que os separavam.

E o mais fraco, um cãozinho viralata, de pêlo surrado, semi-morto de fome, frio e cansaço, desamparado e insignificante, qual trapo inútil na enxurrada, curvou-se,

Sacudiu o pêlo escasso — manifestação de filosofia canina — e reencetou, mais uma vez, a peregrinação, batido pela chuva e pela ventania .

Um nutrido cão de guarda. . . . um mísero viralata.
O mais forte. . . o mais fraco!
Os homens. . . A VIDA!

Em 20 de julho de 1949.

A distancia do passado

Juvenal Melchiades de Souza

(Continuação)

— O Juca foi sempre o mió pião do Pingo d'Água — afirmava.

Nêgo bão no laço. Não é pru sê meu fio. O coroné sempre diz:

— Nego de valô! É o mió pião da fazenda...

E desfiou um rosário de elogios sôbre o filho.

Leonel deixou a mucama na sua choça e voltou à casa grande.

A negra com o cachimbo no canto da boca acompanhou com o olhar os passos de "senhôzinho", até que suas vistas cansadas não mais o distinguiram.

Só a lua da fazenda tinha encanto.

A última noite que lá pernoitára êle ficara até alta madrugada, namorando-a da janela do seu quarto.

As suas gazes lacteas lembravam-lhe a seda dos cabelos de Rubi e o seu esplendor era suave como o veludo rubro e quente dos seus lábios.

O brilho luculento das estrêlas ornamentavam o reposteiro azul do firmamento.

Os rubís celestes brilhavam emprestando o seu encanto a nostalgia daquela noite que agonizava no manto gris da abóboda celeste.

Uma noite de verão a esvair-se lenta e docemente...

Uma cigarra cantava num cipreste esguio, do verde da esmeralda. E o seu cântico mais se assemelhava as doridas notas de uma lira desprezada que mãos bondosas, outra vez, afagavam. Era como o som de um clarim celeste anunciando a passagem silenciosa e triste da caravana da saudade. As estrêlas corruscavam lá no céu e a merencória lua dos poetas projetava com carinho a sua luz sôbre o cipreste.

E a brisa ciciava meigamente um poema sob as chispas das estrêlas.

A nostalgia dessa noite enluarada invadiu-lhe a alma e Leonel deixou-se acariciar pelo langor emotivo da saudade.

Depois, a cigarra quedou muda, como a fundir, a languidez daquela noite, ao silêncio imperativo da distância.

Êle nunca desejou tanto a Rubi...

Cerrou a cortina da janela e deitou-se para logo adormecer sob o calor da lâmpada do desejo, iluminando mil promessas de ventura.

Agora, êle a sente bem junto a si e a melodia daquêle fox vai casar-se às pulsações dos seus corações, que se confundem.

Vê os seus sonhos consubstanciados em realidade, e clama pelos dias que perdeu.

Dias felizes que êle atirou para longe de sua vida — pensava Leonel.

Rubi buscou com o olhar suplicante os olhos dêle.

Lá fora, a mesma brisa vadia

da fazenda beijava o asfalto das ruas e afagava o balcão azul do céu e, o seu rumor leve transmitia a todos os corações o poema luculento do lampadário celeste, pirogravado no manto de veludo azulado, onde adormecem as estrêlas.

— Está triste porque está a meu lado? — perguntou ela.

— Estou feliz, como jamais me senti — respondeu Leonel.

— Obrigada, meu amor.

Continuaram dansando em silêncio...

A madrugada já ia alta. Um carro deslisava no asfalto, serenamente. A lua iluminava a Guanabara e as estrêlas crepitavam, ainda, lá no céu. O carro avançava sereno; Rubi e Leonel não falavam. Ela conservava a cabeça pendida no ombro do rapaz; êle acariciava-lhe os cabelos sedosos.

A madrugada vinha trazendo consigo, ao dealbar do novo dia, o fastio das orgias.

Leonel consultou o relógio: três horas.

Cerrou os olhos e aspirou profundamente o ar puro da manhã.

Rubi aconchegou-se a êle. O carro rolava no asfalto...

*
* *

Os anos foram um a um passando, sepultando atrás de si alegrias e tristezas. Muita cousa foi esquecida com o tempo.

Outra pausa. O meu interlocutor agora, aceitava um cigarro que eu lhe oferecia. O calor aumentava bastante.

Miguel consultou o relógio: nove e trinta, e, prosseguiu:

— Sim, o tempo! Mudo êle vai ensinando a humanidade e prossegue indefinidamente rolando, no seu silêncio austero, ensinando, ensinando sempre.

O tempo passa como o mais sábio professor na vida da gente.

Aquêles que aprenderam com o grande Mestre, no longo curso da vida, afirmam a nova geração que o TEMPO ENSINA. E, enquanto o tempo passa ensinando a gente, os homens vão com a vida, rolando, rolando...

O tempo passa, de rugas sulcando rostos, tornando de prata os cabelos e ensinando, ensinando sempre.

Aos máus discípulos vai o tempo castigando com a velhice.

O milenar viandante caminha austero e sereno, ensinando, castigando, envelhecendo.

Cansada de rolar por fim, exausta do longo aprendizado, na final etapa, a humanidade entende o professor.

E um sorriso de ironia amarga, aflora aos lábios dos discípulos máus.

Como aprender se já vai longe o mestre? Como volver a estrada percorrida?...

Com as energias gastas, quase consumidas como vencer a distância do passado?

E o tempo passa como o mais sábio professor na vida da gente...

Leonel continuou por mais dois longos anos naquela vida de prazeres, de orgias. Repetira também, o segundo ano da Academia.

Certo dia, Rubi deixou o Rio, em companhia de um caixeiro viajante que se apaixonara por ela. Partiu sem lhê dizer adeus.

Leonel permaneceu, muito tempo, abatido por aquêle golpe inesperado. Tentou reagir, a princípio custara-lhe bastante.

Certa manhã deixou a capital da República com destino a fazenda Pingo d'Água.

Recebera telegrama de Ananias, o administrador da fazenda, comunicando-lhe que seu pai se encontrava gravemente enfermo.

Alcançou seu pai com vida ainda, para abraça-lo.

Pelo que pôde observar nas conversas que teve com Ananias, os negócios do coronel não marchavam bem.

Durante uma semana esteve a cabeceira de seu pai, dia e noite, atendendo solícito, ao seu menor chamado, ministrando-lhe os remédios e cuidados, segundo a indicação do médico.

Uma semana após a sua chegada o coronel Silveira veio a falecer.

Um mês depois, o "Diário de Diamantina" anunciava a venda da fazenda Pingo d'Água.

*
* *

Leonel ordenou ao capataz que liquidasse as contas de todos os trabalhadores da fazenda e os despachasse. Os olhos de Ananias encheram-se de lágrimas e o capataz nada disse, limitando-se a obedecer.

A mucama velha sentiu muito. O seu mundo estava delimitado nas terras de Pingo d'Água.

Leonel deu ordens ao capataz que procedesse a doação da gleba, nos fundos da mata.

No cartório da Vila foi registrado o título de propriedade no nome da negra Tereza.

Ela havia acabado de criar Leonel; foi sua mãe de criação.

Mãe preta — como êle a chamava.

Leonel julgou que assim procedendo indenizaria o débito contraído com a negra velha.

Ela não agradeceu, chorou apenas...

Logo após a morte de seu pai, verificara Leonel que a roça que confrontava com as terras do Comendador Seixas, já havia um ano, tinha deixado de pertencer ao Coronel Silveira.

Êle soubera, por carta que lhe escrevera o pai, que êste estava

em demanda com o Comendador Seixas.

Ananias explicara-lhe:

— O caxixe foi bem feito, doutor Leonel.

O Comendador mandou buscar dois advogados de Belo Horizonte. O falecido entregou a questão ao doutor Fagundes. Ele nunca ligou muito, dizendo que era uma causa ganha por natureza, mas, o diabo é que no fim acabou aparecendo os documentos de uma demarcação antiga, registrada no cartório, dez anos antes de o Coronel haver comprado Pingo d'Água.

Comentam aos quatro ventos que o Noronha comprou as terras do "Barro Roxo", com o dinheiro dado pelo Comendador, depois do registro da medição velha no cartório dêle.

O falecido seu pai não foi mais o homem que era. Por fim já nem saía de casa. Isso foi a morte dêle, tenho certeza.

E outra vez os olhos de Ananias foram umedecidos pelas lágrimas.

Ultimada a venda de Pingo d'Água, Leonel abandonou a fazenda, instalando-se definitivamente no Rio de Janeiro.

O seu retôrno a capital da República foi um contraste flagrante com o seu último regresso ao Rio, um ano antes.

Agora êle voltava desolado, humilhado com a derrota sofrida por seu pai, na demanda travada com o Comendador Seixas.

Ainda se Rubi não o tivesse abandonado — pensava êle.

Por que lhe fizera aquela ingratidão? — perguntava Leonel a si mesmo.

Como o iludira até o último momento! Nunca o quizera. Apenas vendia por alto preço o seu carinho e a sua beleza. Não obstante tudo isso, êle ainda a desejava ardentemente.

Se ao menos ela voltasse.

Os dias deslizaram indiferentemente, enquanto Leonel tentava apagar de sua lembrança a presença de Rubi.

As cenas de bacanaís aumentavam a proporção que os dias se sucediam.

E mais dois anos êle se deixou levar num redemoinho de orgias, tentando esquecer os dias que ficaram para trás. Cansou afinal.

Os seus recursos financeiros diminuíram visivelmente. Leonel com grande sacrifício conseguiu, por fim, elaborar um novo plano de vida e num esforço tenaz recuperar o tempo perdido.

Por essa ocasião travou conhecimento com Euzébio, um jovem que acabava de iniciar-se na Academia.

Tornaram-se bons amigos. Os anos passaram e Leonel foi bebendo a influência que o amigo adquiriu, com o tempo, sobre êle.

Eusébio, dotado de um caráter reto diferia diametralmente de Leonel.

Com o decorrer do tempo cada vez mais se estreitaram os laços de amizade entre os dois jovens.

Outra pausa, e o meu interlocutor acrescentou:

— Esqueci-me de esclarecer que Eusébio era tio de Louro e por seu intermédio, mais tarde, foi ês-

te sabedor da vida do pai de Lígia, desde o tempo de estudante...

Um bando de gaivota cortava o espaço num cadenciado ruflar de asas. Na praia, os banhistas faziam lembrar um formigueiro destruído por uma queimada nas roças, confundiam-se, esbarravam-se, cruzando-se em várias direções...

Miguel pigarreou, atirou a ponta do cigarro no mar e prosseguiu na sua narrativa.

— Leonel abandonou a sua roda antiga, resolvido a afastar-se, para sempre, do círculo em que vivera até aí.

Aos poucos foi vencendo os obstáculos que se antepunham em seu caminho e, por fim, aclimatou-se ao novo ambiente que o cercava.

Um ano mais tarde veio conhecer a mãe de Lígia.

Dona Adélia contava vinte primaveras quando Leonel a desposou.

Três anos após o seu casamento falecia o seu sogro em consequência de um desastre ocasionado na estrada Rio-Petrópolis.

Dona Adélia, era como Lígia, filha única, tendo ficado órfã de mãe aos dezesseis anos de idade. Seu pae jamais pensara em contrair segundas núpcias.

Leonel passou a dirigir os haveres deixados por seu sogro, sendo bem sucedido. Dotado de tino comercial, em pouco tempo aumentou consideravelmente o seu capital.

Anos depois Lígia nascia.

Cresceu indiferente à vida, como acontece a tôda menina rica, não conhecendo a dor de desejar algo que não pudesse possuir.

Se chorou foi por motivo banal. Seus lábios sempre conheceram a fartura, cresceu rodeada de conforto, sem nunca ter consciência de que lá fora, longe de seu palacete, existia um mundo vazio, pontilhado de seres infelizes, cheio dos filhos da desdita. Um mundo feito de lágrimas e desconforto.

Seus pais nunca lhe falaram sobre o outro lado da vida, nunca lhe contaram que à sombra dos majestosos arranha-céus existia um sub-mundo.

Ela nada sabia da face negra da vida; cresceu alheia ao mundo do anqumato. Nunca teve tempo de imaginar que do outro lado dos palacetes, existia um outro mundo, feio, sujo, povoado de gente que quase não sabe sorrir.

Nunca lhe passou pela cabeça que no árido deserto da vida, vivessem criaturas de olhos pisados e aprofundados pela miséria, crianças que morrem a mingua de um pingo de leite, meninos mirrados, raquíticos, e, homens esqueléticos que se arrastam a sombra dos arranha-céus.

Ela tinha muitos brinquedos e nem tinha tempo de brincar com todos. Como poderia então adivinhar que dia e noite a tuberculose patrulhava as ruas sombrias dos povoados anônimos? Como poderia, ela, uma menina feliz, saber que atrás do muro dourado da felicidade existem homens chicoteados pela maldade de outros homens, que existem mulheres que traficam o corpo para não morrer

de fome, que existem crianças com febre e famintas?

Como poderia ela, aquela ingenua menina, saber que na arena da vida existem seres humanos que já não parecem gente?

Impossível! Sobre êles, sobre êsses bagaços da humanidade seus pais nunca lhe falaram.

Os anos foram passando e Lígia tornou-se moça.

Contava ela dezoito primaveras quando a encontramos no Colégio Pedro II^o, no dia em que se bacharelou.

*
* *

A lua lentamente rompendo a densa cortina de nuvens, imperou no azul sidérico e a proporção que a noite caminhava, mais se tornavam visíveis os rubis trementes que faiscavam no firmamento, fundindo os seus lampejos ao brilho pálido da lua.

E o celeste lampadário suave, carinhosamente iluminava as águas crêspas da Guanabara e nelas projetava a sombra do soberbo e magestoso Pão de Açúcar.

E, lá do alto, do ápice da montanha, de braços abertos, o Cristo Redentor do Corcovado, parecia contemplar a Guanabara.

Louro acabara de ocupar uma mesa do bar "Nice".

A brisa livre e macia acariciava o povo que caminhava em duas alas opostas. Como sempre, naquela noite, a Avenida Rio Branco estava concorrida.

Uns iam calmos, sorridentes, envoltos na volúpia branca da felicidade, outros, no poente da desdita, arrastando as negras cruces da aflição.

Louro nunca estivera tão alegre como naquela noite. Êle passara o dia todo em companhia de Lígia; seus pais dispensaram-lhe muitas atenções.

Gente boa — pensava Louro.

Sabado, a noite, Louro ficara até alta madrugada sem conseguir conciliar o sono, pensando como seria recebido na manhã seguinte, em casa do Dr. Leonel.

Possivelmente seria uma coisa horrível; os pais de Lígia, por certo, dispensar-lhe-iam um tratamento todo cerimonioso, embarcando-lhe os movimentos e mesmo até a palavra. Louro precisava enfrentar a sua situação. Se êle se apresentasse tímido, embarçado fatalmente causaria uma impressão desoladora.

Lígia dissera-lhe muitas vezes, que dona Adélia gastava dias inteiros lendo. Preferia os clássicos — afirmara.

Aos domingos, ela dedilhava o piano executando composições de Beethoven, Strauss ou Chopin.

Louro, lembrando-se dessa recomendação sentia caláfrios percorrer-lhe a espinha dorsal.

Nada entendia de música; lera também muito pouco. Preferiu sempre o estilo regional.

De certa feita lera Machado de Assis, não assimilara bem.

Que fazer?

Era horrível aquela situação. Dona Adélia possivelmente levaria a conversa para o terreno da música ou da literatura; talvez para ambos. E êle como sairia desse labirinto? Não poderia opinar

COMÉRCIO & TRANSPORTES

C. RAMOS S. A.

Matriz: Florianópolis

Filial: Lajes

Rua João Pinto, 9

Rua Cel. Córdova s/n.

Concessionários da

INTERNATIONAL HARVESTER MÁQUINAS S/A.

Caminhões "International" — Tratores de rodas e esteiras — Motores
Industriais — Conjuntos Elétricos



Distribuidores dos

Automóveis **CITROEN**

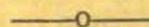
para Florianópolis e Sul do Estado



Distribuidores

para o Sul do Estado dos óleos e lubrificantes

"VEEDOL MOTOR OIL"



Distribuidores

dos afamados motores de popa marca

"JOHNSON SEE HORSE"

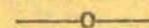


Secção de Peças e Acessórios

para caminhões **"INTERNATIONAL"**

— Peças Chevrolet e Ford —

Estreito — Sub-Distrito de Fpolis.



Posto de gasolina **"Esso"** e serviços

Óleos e lubrificantes de todos os tipos e marcas

Gasolina Esso — Baterias — Pneus — Serviço de lavação,

lubrificação e consertos

Estreito — Sub-Distrito de Fpolis.

Lamurias do tipografo CONVERSA ENTRE MACACOS . . .

Tipógrafo nunca mais hei de ser,
Não há salário algum que me seduza,
Prefiro ser soldado ou ser caxeiro,
Ou vergar do marujo a dura blusa.

Oh! vida mais levada da casqueira,
Mas cheia de segredo e de pomada!
Por isto hoje me rio, quando leio,
Qualquer tipografia empastelada.

Odeio essa tipada de letrinhas,
Que a vista nos estraga sem pesar,
Tenho horror dos pastéis inconscientes
E ao trabalho de pé — para massar.

Com o tal componedor ali tristonho,
Vergado sobre as caixas de madeira,
Eu pobre tão aflito me mostrava
Como estando com a morte à cabeceira!

Um espaço, um cliché, mais filete,
Os malditos granéis, a impressão,
Os cunhos, a escova e a bolandeira,
A pinça — para ardua correção:

Tudo isto ali ouvia indignado,
Compondo e descompondo eternamente.
Aqui no original um nome estranho.
Que letra de fazer suar a gente!

Tal é a triste vida do impressor,
Honrosa bem o sei, mais mui pesada;
Criei tanta aversão que se ali cruso
Já tomo outro lado da calçada.

Três macacos sentados num coqueiro
Discutem sobre assunto corriqueiro,
E, de repente, um diz aos outros, sério:
— Eu soube, ha pouco, um caso (que mistério)
Que o homem provém da nossa nobre raça,
E tal notícia a mente nos embaça,
Pois um macaco nunca deixa a espôsa
E os filhos seus no abandono... É cousa
Nunca ocorrida, que uma mãe macaca
Abandonasse os filhos, por ser fraca
Do seu juízo, indo juntar-se, louca,
— A outros macacos de moral pouca,
Até que um dia... (o tempo tudo some)
Os filhos seus já nem lhe sabem o nome...
E outra cousa não vista, oh companheiros,
Um macaco fazer nalguns coqueiros
Uma cerca em redor, feita de tócos,
Para outros micos não comerem côcos!
Si eu procedesse assim, não ha negar,
A fome os forçaria a me roubar...
Mais uma que um macaco não faria,
Sair de noite ou ir para a folia,
Usar revólver, ou navalha ou faca
Para sua desgraça e da macaca...

.....
Não pôde, pois, um sêr assim impuro
De nós ter descendido, — isto eu lhes juro!!! —

(Adaptação de uma poesia inglesa)

Tóta

sobre o assunto; limitar-se-ia a ouvir, concordar e calar.

Que fracasso!

A própria Lígia, certamente, acabaria por compreender que Louro não estava a altura de privar com êles.

O resultado seria perdê-la para sempre.

A noite escoava-se lentamente, enquanto Louro, alheio ao tempo, martirizava-se com as suas conjecturas.

Adormeceu afinal, sob aquêlê pesadelo...

O domingo surgiu numa radiosa manhã de sol, clara e alegre.

Nove horas da manhã.

Louro comprimiu o botão da campainha e minutos depois, uma rapariga ainda nova, assomou a porta. Depois de apresentar-se, foi introduzido na casa pela criada.

Lígia veio ao seu encontro sorrindo.

Enquanto esperavam por dona Adélia e o doutor Leonel, conversavam na ampla sala de visitas.

Temí que você não viesse — disse Lígia.

— Por que? — acudiu Louro ainda, sob a tensão nervosa que o dominava ao comprimir o botão da campainha.

— Não sei por que, mas temí que você faltasse. Coisas que não se explicam — completou ela. Desde oito horas que estou a sua espera e cada minuto que passava mais se acentuava a certeza de que você não viria. Coisa engraçada!

— E agora, está satisfeita?

— Claro. Desejei tanto a sua

presença. Se não viesse ficaria desolada, nem sei o que julgaria.

— Jamais deixaria de vir — acudiu Louro.

— Bem o sei; mas...

Não compreendo; é difícil de explicar a razão dessa dúvida.

— Bem, não falemos mais sobre isso; você agora está aqui e vai ficar de castigo por ter demorado, fazendo a sua Lígia esperar, seu máusinho.

Sorriram.

Louro, pouco a pouco, ia se tornando senhor de si. Já respirava com facilidade e o seu coração deixara de pulsar descompassadamente.

— Qual o castigo que me vai imputar? — indagou êle.

— Só estará em liberdade à noite; ficará o dia inteirinho prêso aqui.

— Que bom! — exclamou Louro sorrindo.

Dona Adélia e o marido entraram na sala. Depois de trocarem cumprimentos, o doutor Leonel, convidou Louro a passar para a sala de jantar. Dona Adélia chamou a criada, mandou servir licor.

Lígia apressou-se em servir Louro.

— Gosta? — indagou ela quando Louro já havia tomado a metade do cálice.

— Ótimo!

Lígia obrigou-o a tomar o restante e enchendo de novo o cálice, disse em tom de brincadeira:

— Não devia ganhar mais, porque foi máu. Fez a gente esperar tanto!

Louro sorriu.

A criada chegou trazendo os

jornais da manhã que entregou ao doutor Leonel.

— Prefere ler um pouco? — indagou êsse, dirigindo-se a Louro.

— Obrigado, conversarei com dona Adélia e Lígia.

— Permitirá, então, que eu os leia; não é?

— Como não, doutor; esteja a gôsto.

— Vai passar as férias no sul? — indagou dona Adélia.

— Não, minha senhora — apressou-se Louro em responder.

Como já disse à Lígia, serei admitido, em julho, na Companhia Mecânica e Importadora de São Paulo, de sorte que ficarei por aqui, visto faltar pouco tempo.

Tenho muita vontade de visitar minha mãe e minha mana, no entanto, não é possível.

Ficará para o ano que vem.

— Um ano passa rápido — interveio dona Adélia.

— E também você esteve lá no ano passado — lembrou Lígia.

— Exatamente.

Mamãe por certo, há-de ter paciência. Ela está radiante porque conclui o ginásio e também, por haver conseguido colocar-me.

Telegrafou-me na terça-feira dando-me parabens.

— Sua mãe deve orgulhar-se de você, meu filho, — acrescentou dona Adélia.

Louro corou e agradeceu.

— Bondade sua, dona Adélia. Realmente, quase tôdas as mães orgulham-se dos filhos; mamãe me adora, talvez até se orgulhe de mim.

É natural.

(Continúa)

CÓMERCIO E INDÚSTRIA
K. RAMTOUR

Florianópolis - S. Catarina

FA'BRICA DE BANHA

Produtos suínos - Conservas - Comestíveis - Salsicharia - Laticínios - Aves frigorificadas - Ovos etc.

MERCADO PUBLICO MUNICIPAL

Distribuidores no Estado de Santa Catarina dos produtos de ferro e aço da Cia. Siderúrgica Nacional (Volta Redonda).

Equipamentos para construções de estradas de rodagem.

Máquinas de escrever
"CONTINENTAL"

Motores a gasolina, querosene e a óleo cru
Grupos eletrogeradores para fornecer luz para sítios

Porcelana técnica
Produtos veterinários
Arados, cultivadores, grades de discos e de dentes, pás, enxadas

Válvulas Igassú
Móveis da Cia. Industrial "CIMOS" (Rio Negrinho)

Passadeiras de veludo, linolium
Tampas de vidro e de borracha — Cereais
Pneumáticos e câmaras de ar

WESTINGHOUSE
Geladeiras, Aspiradores de pó, Enceradeiras, Máquinas de lavar roupas.

RÁDIOS: — O novo e incomparável rádio-fonógrafo "Westinghouse", com tom VITAL, traz o mundo ao seu lar!

Compare e comprará um rádio "WESTINGHOUSE".

OSNY GAMA & CIA.

Representações — Conta Própria — Importação — Exportação.

Rua Jerônimo Coelho, 14-A. — Caixa Postal, 239 — Telefone 1607.

FLORIANÓPOLIS

Dr. Rafael G. Cruz Lima

— E —

Dr. Carlos Loureiro da Luz

ADVOGADOS

Escritório: — RUA JOÃO PINTO N. 18

Organização Comercial Catarinense

Indústria e Comércio Borteluzzi S. A.

Importadores — Comerciantes — Exportadores

COMÉRCIO EM GERAL:

Fazendas, armarinhos, roupas feitas,
Chapeus, calçados

Ferragens, louças, tintas, óleos etc.

FABRICA DE PRODUTOS SUÍNOS:

fabrica de banha marca «PORCO»
salames tipo italiano e linguiça

ENGENHO DE ARROZ:

beneficiadores de arroz «DORA»

Endereço Telegrafico: BORTOLUZZI

Nova Veneza - Município do Crescuma - Estado de Santa Catarina

Drogaria e Farmacia "Catarinense" S. A.

A maior organização farmacêutica do sul do Brasil

Distribuidores para o Estado de S. Catarina dos produtos dos laboratórios:

S. A. de Perfumarias Roger Chéramy
Ely Lilly & Co. of Brasil, Inc.

Laboratório Xavier

Química Baruel Ltda.

E. C. de Witt & Cia. Ltda. (Fixbrill)

Johnson & Johnson do Brasil.

Laboratório de Biologia Clínica Ltda.

Instituto Pinheiros S. A.

Laboratórios Andrômaco S. A.

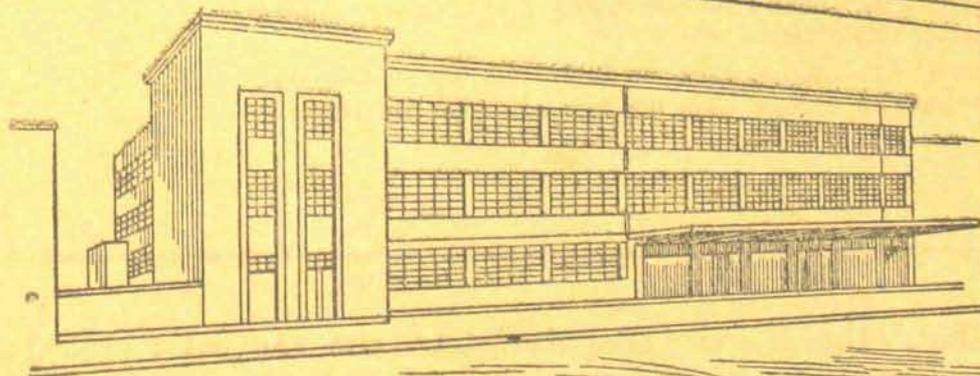
A. J. Ferreira & C. Lt. (Urodonal etc.)

Bernard Bruggemann (Perl-It)

Perfumaria Anhangá Ltda.

Laboratório Vitex Ltda.

Renato Guimarães (Safrol etc.)



SEDE DA MATRIZ, em construção

MATRIZ: JOINVILLE

STA. CATARINA — C. Postal 95

FILIAIS: FLORIANÓPOLIS - Rua Trajano, n.º 5 — BLUMENAU - Rua 15 de Nov., n.º 508
FLORIANÓPOLIS - «Farmácia Noturna» — JOAÇABA, Rua Paraná, 53

CASA
FOTO AMADOR
G. Scholz

Rua 15 de Novembro, 596
Telefone 1010

BLUMENAU

Cervejaria Catarinense S. A.

'OURO PILSEN'

a nossa cerveja de alta qualidade e de
preço ao alcance de todos.

Representante: J. BRAUNSPERGER

Rua Felipe Schmidt, 41. Telefone 1350



O maior e o mais antigo Clube de Sorteios do Estado
Sob autorização e fiscalização do Governo Federal, de acôrdo com o Decreto 7.930,
de 3 de setembro de 1945

CAPITAL FIXO Cr\$ 200.000,00

Praça 15 de Novembro, 22 — 2º andar. Florianópolis — Santa Catarina

Distribuição mensal de prêmios em mercadorias nos seguintes valores:

1º Prêmio: — Cr\$ 6.000,00.

5 Prêmios de Cr\$ 1.000,00 cada um (aproximações superiores).

5 Prêmios de Cr\$ 500,00 cada um (aproximações inferiores).

Mate é a mais saudável e a melhor bebida do Brasil, recomen-
dada pelos mais notáveis cientistas do mundo.

Tomar MATE é garantir a saúde!

Silvino E. Carneiro da Cunha
do Inst. Hist. Geog. de Sta. Catarina.

A data 13 de maio transcorrida ontem, é uma das mais gloriosas da nossa história. Recordamos o gesto eminentemente patriótico da excelsa Princesa Isabel, nascida no Palácio de S. Cristovão, no Rio de Janeiro, a 29 de julho de 1846 e falecida no Castelo d'Eu (París), em 1921.

Pela terceira vez assumia a Princesa Isabel, as rédeas da regência, na ausência de seu augusto Pai D. Pedro II^o, que retirara-se enfermo para a Europa, sendo então presidente do Conselho João Mauricio Wanderlei (Barão de Cotegipe). Coube-lhe então no gabinete João Alfredo, presidente do Conselho, assinar a 13 de maio de 1888, a lei que declarava livres todos os escravos do território nacional.

Com esse sublime ato a sereníssima Princesa Isabel veio ao encontro dos anseios do povo brasileiro.

Outras leis anteriores já haviam transitado no Parlamento com o mesmo objetivo; isto é, a extinção da escravatura. Assim, a lei Rio Branco de 28 de setembro de 1871, denominada "Lei do Ventre Livre", declarava libertos os filhos de mulher escrava nascidos daquela data em diante. Em 1875, outra lei do Conselheiro Souza Dantas, foi promulgada na mesma data (28 de setembro), libertando os sexagenários.

Tais leis, porém, não satisfaziam a vontade dos brasileiros.

Não somente na Capital do Império, como ainda nas Províncias, surgiam as reclamações contra a escravidão. É de imaginar-se, com esse movimento de exaltação e ansiedade, o rumo que tomou a causa da abolição no parlamento, e bem assim o interesse e o entusiasmo com que o povo brasileiro recebeu altaneiro e decisivo da Princesa Isabel, assinando a lei que o povo batisou de "Lei Áurea", banindo de todo o território nacional a escravidão da raça negra.

No Brasil, não há idéia de nenhum movimento haver despertado maior interesse e que

mais agitasse a família brasileira do que a extinção da escravidão. Nesse empolgante movimento não podemos esquecer a valiosa contribuição dos vultos intelectuais da nossa nacionalidade. Além dos abolicionistas de 1871 até 1888, que trabalharam na promulgação da lei de 13 de maio, cabe também essa glória aos propagandistas Joaquim Nabuco, José Mariano, Souza Dantas, Ruy Barbosa, Luiz Gama, José do Patrocínio, o tribuno ardoroso que mais se bateu pela extinção do cativo, e tantos outros propagandistas da abolição.

Foi José Bonifácio, o patriarca, que na Constituinte do Império, deu o primeiro grito contra o tráfico dos negros, apresentando em 1843, o projeto de lei que extinguiu dentro de quatro ou cinco anos o comércio dos escravos africanos. Dizia êle naquela época:

"Eis aqui tendes, senhores, o que me sugeria por ora o amor da Pátria, e o zelo da Justiça, e da Piedade cristã. A vós compete corrigir, aumentar e aperfeiçoar o meu magro e desalinhado trabalho, e a mim me bastará a consolação de haver excitado mais esta vez a vossa atenção sobre um assunto tão poderoso quanto necessário".

Ainda na Assembléa Constituinte de 1823, quando se abordava o mesmo assunto, José da Silva Lisboa (Visconde de Cayrú), o maior financista do Império, com a sua voz autorizada se revoltava contra o tráfico negro e assim se expressava:

"Para que olharmos com tanto desprezo para os africanos? Mal haja mos que introduziram o tráfico da escravatura — para os irem arrancar de um solo e fazerem da América uma Ethiopia!"

Outros parlamentares também se manifestaram sobre o magno problema do tráfico negro, dentre estes destacou-se José Lins Coutinho, orador vibrante e ardoroso que, em 1826, na tribuna do parla-

mento clamava com veemência:

"Eu desejava que se acabasse esse tráfico de escravos! Somos livres. E um povo livre deve pugnar pela liberdade do genero humano!"

A 23 de novembro de 1826, o Brasil celebrava com a Inglaterra o tratado para a abolição do tráfico africano.

Euzebio de Queiroz, no mesmo ano (1826), batia-se com destemor no parlamento, contra o tráfico africano. E, graças ao pertinaz esforço deste ilustre brasileiro, foi promulgada a lei de 4 de setembro de 1850, extinguindo o comércio de africanos.

Joaquim Nabuco, mais tarde, a figura incomparável de diplomata e de escritor elegante, empolgava na Constituinte do Império com as fulgurações de seu gênio e sua grande eloquência nessa memorável campanha, trabalhando sem desânimo até a vitória final. E, o grande tribuno já nas vésperas de ser promulgada a "Lei Áurea", assim falava:

"A escravidão ocupa o nosso território, oprime a consciência nacional, e é inimigo peor do que o estrangeiro pisando no território da pátria. Precisamos apressar a passagem do projeto de modo que a libertação seja imediata. Lembro-me, sr. presidente, que, quando na convenção francesa foi proposta a abolição da escravidão e um deputado começava a falar, se ouviu logo esta interrupção. "Presidente, não consintas que a convenção se deshonre, discutindo por mais tempo este assunto. E a assembléa levantou-se unanime, e o presidente declarou que abolida a escravidão aos gritos de "viva a convenção" e "viva a república"! como eu quizera agora, que, aos gritos de "viva a Princesa Imperial", e "viva a câmara dos deputados", decretássemos neste momento a abolição imediata da escravidão no Brasil".

Castro Alves, o mais vibrante defensor dos escravos, em 1863 contando apenas 16 anos

Das 9,30 — 12 e das 16,30 — 18

de idade, compunha os seus primeiros versos pela libertação dos escravos:

Senhor Deus dos desgraçados!

Dizei-me vos, Senhor Deus!
Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os céus?!...

O' mar, porque não apagas
C'oa esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?...
Astros! noite! tempestades!
Rolai das imensidades!
Vencei os mares, tufão!

No entretanto, não quiz o destino cruel, que o lírico e torturado vate visse o seu sonho realizado, pois a 6 de julho de 1871, tendo vivido apenas 24 anos, entregava sua alma ao Criador.

Nas comemorações, pois, desse glorioso dia, voltemos os nossos pensamentos para o passado, evocando com carinho e veneração a figura inesquecível dessa mulher e soberana, entoando uma prece cheia de saudade e gratidão — A' Redentora que, deixando as glórias e as culminâncias do Trono, obedecendo os impulsos de seu coração, num gesto de misericórdia e de sublimidade cristã, assinou com altivez e coragem, o decreto Imperial extinguindo a escravidão da raça negra, em nossa Pátria.

Florianópolis, maio, 1949.

Enérgico apêlo

Castorina Lobo-de S. Thiago

Diante das sombrias perspectivas da vida, na hora que passa, as nossas energias buscam revigorar-se para enfrentar as lutas cruciantes, que se travam dentro do nosso próprio eu, a-fim-de vencer a cegueira do orgulho que nos impede de reconhecer a nossa mesquinhez, a nossa miserabilidade, em face da obra portentosa da criação.

A luta se intensifica em todos os planos subjetivos, demandando a expansão das atividades da inteligência para a conquista do ideal do progresso, que vive latente no íntimo de todos os seres e de tudo o que constitui o Universo. O homem, obedecendo a esse imperativo, sofre a influência de forças incoersíveis que, às mais das vezes, o afastam do rumo, impelindo-o a distanciar-se do verdadeiro objetivo da vida.

E são essas lutas incruentas, travadas a todos os instantes, no âmbito sagrado da consciência — oficina onde se retemperam as energias, aprimoram-se os sentimentos e selecionam-se os valores, que hão de estabelecer o equilíbrio da mentalidade das futuras sociedades humanas. O atrazo moral da humanidade é uma condição transitória. Pouco a pouco, e muito lentamente, as trevas irão cedendo lugar à luz que brilhará, um dia, orientando os navegantes do oceano da Vida, como os faróis, na escuridão das noites procelosas.

Com a iluminação, progressiva, das consciências pelos fulgores da Verdade, começará a nova era em a qual se processará a renovação de um mundo, cujos alicerces serão estabilizados, solidamente, pela exata concepção das leis divinas e humanas. Concios dos seus verdadeiros destinos, os homens compreendendo a futilidade e a incoerência das ambições terrenas, procurarão alargar os horizontes do espírito, cultivando as ciências e as artes. Com a mentalidade, assim, renovada, a humanidade

terrena procurará devassar os mistérios, que se ocultam nos arcanos do Infinito, onde rolam os mundos que, na harmonia das suas leis, escrevem a sinfonia portentosa do Universo.

Não havendo mais a ambição desmedida e desordenada dos bens terrenos, cessarão as razões de ser das guerras ideológicas e de conquistas.

O progresso não estará sujeito à uma solução de continuidade e o homem, na plenitude das suas possibilidades animicas, dilatará sua capacidade realizadora no campo dos ideais.

Serão solucionados numerosos problemas, até hoje, insolúveis e que dizem respeito às manifestações do que constitui a vida planetária.

Integrado nas suas ilimitadas possibilidades, será êle o artífice de um mundo melhor, de um mundo mais feliz e cujas fronteiras se dilatarão até ao Infinito!

Sem as grandes e absorvedoras preocupações de ordem material, o espírito alçarà o vôo, qual altaneiro condor, e, lá das alturas, abrangerá numa larga visão, o conjunto e a expressão verdadeira da existência terrena, em todas as suas manifestações.

Quanto mais alto subir, mais mesquinhos se lhe apresentarão êsses anseios que convulsionam os corações, no afã das conquistas de tão efêmera existência.

Sua ascensão para as esferas da intelectualidade, o distanciará, cada vez mais, desses ideais frívolos que representarão para a sua, já desenvolvida e apurada sensibilidade e para a sua análise esclarecida, caprichos pueris, inconsciências próprias de uma infância mal orientada. Mas, a infância é transitória, e depois dela, vem a idade da Razão.

Assim como se dá com os indivíduos, acontece com as coletividades.

PETROLINA MINANCORA

CONTRA CASPA,
QUEDA DOS CA-
BELOS E DEMAIS
AFECCÕES DO
COURO CABELUDO.
TONICO CAPILAR
POR EXCELENCIA.

A aculturação dos japoneses

Egon Schaden

Universidade de São Paulo

A situação cultural dos imigrantes europeus e asiáticos e seus descendentes nos Estados do Sul destaca-se entre os assuntos antropológicos do Brasil pela curiosidade que tem despertado entre os nossos estudiosos e publicistas. Poucos são, entretanto, os que se abalançam a verificar a realidade em excursões científicas ou através de pesquisas organizadas com o necessário cuidado. Poucos, muito poucos conseguem libertar-se das atividades e visões etnocêntricas, para adotar o critério fundamental da objetividade. Não admira, pois, que as explicações e interpretações correntes hoje em dia se reduzem, não raro, a paráfrases mais ou menos brilhantes de uns tantos estereótipos que já eram corriqueiros no tempo dos nossos avós.

Mas, de outro lado, também já contamos, felizmente, com alguns trabalhos, embora pouco numerosos, que se distinguem pela orientação científica. Um dos mais conhecidos é o estudo de Emílio Willems sobre a aculturação dos alemães no Brasil Meridional. Pela análise e discussão dos fenômenos e problemas relativos aos colonos de origem germânica, sem a tendência a diagnosticar males, a fornecer receitas ou a fazer apologias, essa obra imprimiu novo rumo aos estudos sobre a colonização estrangeira no Brasil.

Emílio Willems iniciou depois uma pesquisa sobre os imigrantes japoneses no interior de São Paulo, a qual entretanto, ficou sensivelmente prejudicada pelos transtornos oriundos da guerra.

Mesmo assim pôde realizar não somente uma excursão à zona rural de Registro, no vale do Ribeira de Iguape, mas também um inquérito antropológico em 220 escolas primárias oficiais situadas em zonas de colonização japonesa. Parte dos resultados dessa pesquisa constitui objeto do Boletim número LXXXII (Antropologia n. 3), publicado recentemente pela Faculdade de Filosofia de nossa Universidade sob o título "Aspectos da aculturação dos japoneses no Estado de São Paulo".

No prefácio do volume salienta-se incisivamente que o trabalho deve ser encarado como contribuição preliminar, pois nele não se examinam senão algumas das mudanças ocorridas na aculturação dos colonos de origem nipônica no interior do Estado. Além de fornecer uma primeira visão de conjunto dos aspectos mais característicos da aculturação dos japoneses de São Paulo, o estudo será, sem dúvida, de extraordinária valia para futuros pesquisadores. Nele encontrarão muitas pistas e sugestões aproveitáveis na elaboração e fundamentação de seus planos de estudo.

Realizou-se a coleta do material pelo concurso dos professores das

escolas primárias estaduais. E cumpre reconhecer que estes revelaram boa-vontade acima de toda expectativa, como também uma eficiência satisfatória. Não dispondo, todavia, de treino científico, ou ignorando mesmo o imperativo de se evitarem, na medida do possível, quaisquer avaliações de natureza subjetiva, muitos pesquisadores, em vez de se limitarem à apresentação pura e simples dos fatos, aventuraram-se a fazer apreciações críticas acerca do elemento japonês. Ora tomam a defesa da imigração nipônica, ora censuram nos colonos umas tantas atitudes e maneiras de ser ou de reagir que lhes parecem contrárias aos interesses brasileiros. Falam, às vezes com certo azedume da lentidão com que se processaria a marcha aculturativa dos imigrantes e da lealdade que a primeira geração dos descendentes conserva, ou conservava, em face do Japão, de seus modos de vida ou até de sua linha política. Surgem aqui e ali curiosos vereditos sobre a superioridade dos padrões de higiene pessoal e doméstica adotados pelos colonos, sobre o valor de sua alimentação tradicional ou sobre as vantagens e desvantagens das técnicas agrícolas por eles empregadas. Não faltam os juízos categóricos, embora muitas vezes contraditórios ou incoerentes.

Ademais, a investigação foi feita numa época em que a instrução primária deste e de outros Estados era "mobilizada" para a obra da nacionalização do elemento alienígena. Diante da preocupação, aliás muito justa e perfeitamente compreensível, de acentuarem os obstáculos que se lhes deparavam e de sublinharem as pequenas e as grandes vitórias da escola na destruição dos padrões orientais, tarefa que lhes vinha sendo recomendada com insistência pelas autoridades do ensino, os mestres escola esqueciam-se com alguma facilidade dos intuitos estritamente científicos da pesquisa.

Tudo isso não desfaz, evidentemente, o muito que há de positivo nas informações prestadas. Revelam-no os comentários de Emílio Willems a uma série de relatórios sobremodo ricos em dados significativos. Acostumado a lidar com essa ordem de problemas, o autor separa o joio do trigo com relativa facilidade. Além do mais, não se deve perder de vista que as manifestações valorativas dos próprios pesquisadores não deixam de ter interesse para a compreensão dos contactos culturais. É claro que a aculturação constitui sempre e em toda parte um processo recíproco. Por isso mesmo, a atitude da população luso-brasileira — inclusive a dos professores, que, aliás, desfrutaram notável prestígio no meio japonês — têm uma influência talvez decisiva em certos aspectos e sobretudo no

ritmo das mudanças culturais e da assimilação.

Nas páginas dedicadas à análise dos informes colhidos, Emílio Willems discute de forma sucinta as condições gerais e os aspectos particulares da aculturação dos japoneses e dos nipo-brasileiros no interior do Estado, salientando depois, num capítulo especial, os problemas sociológicos ligados à miscigenação. Diante da persistência com que se vem repetindo, em livros e periódicos, as mais abstrusas idéias sobre as relações entre a miscibilidade dos imigrantes e o processo aculturativo, esse capítulo assume uma significação bem peculiar. Convém, pois, resumí-lo em poucas palavras.

Três ordens de fatores, a saber, os caracteres raciais, as diferenças de cultura e as de classe social, exercem influência sobre a miscigenação.

Os traços somáticos que distinguem o japonês, sendo encarados pela população nativa como responsáveis pelas diferenças culturais (por sua vez interpretadas como expressão duma inferioridade cultural ou psíquica), formam a primeira barreira contra a miscigenação. E a esse respeito "parece haver uma aversão recíproca entre brasileiros e japoneses" (pág. 105).

Por seu turno, o apêgo de um grupo ao conjunto de seus elementos culturais é um fenômeno inerente à vida de qualquer sociedade integrada. No entanto, há em cada cultura uma ou várias esferas particularmente resistentes a influências estranhas. No caso dos japoneses em face dos brasileiros, a organização patriarcal da família nipônica representa um dos núcleos mais sólidos de sua cultura e, ao mesmo tempo, um dos mais fortes obstáculos contra os casamentos mistos. Para o japonês "o casamento não é assunto individual, mas um arranjo entre famílias" (pág. 106); por isso "um aumento da miscibilidade dos japoneses depende, em primeiro lugar, da desintegração da família nipônica no meio brasileiro" (pág. 107). Os padrões do namoro e do noivado, inexistentes na cultura nipônica, são aceitos com certa rapidez pelos filhos de imigrantes que vivem nas cidades, mas faltam ainda nas zonas rurais.

Finalmente, é notória a posição social "inferior" dos caboclos com relação ao colono japonês médio. Tanto o grau de instrução como a situação econômica menos favorável da maioria dos brasileiros da roça dificultam os casamentos mistos.

De outro lado "importa saber, não somente se o japonês aceita o brasileiro, mas também se o brasileiro aceita o japonês como cônjuge" (pág. 109). Uma pesquisa realizada em 1940 em várias escolas normais do Estado de São Pau-

O Centenário de Raulino Horn

A Câmara dos Deputados rende homenagem à memória do ilustre catarinense — O discurso do deputado Octacílio Costa

Na sessão de sexta-feira última, a bancada catarinense na Câmara dos Deputados apresentou — e foi aprovado — um requerimento para a inserção em ata de um voto de regozijo pela passagem do 1º centenário de nascimento de Raulino Horn.

FALA O DEPUTADO OCTACILIO COSTA

Encaminhando a votação, usou da palavra o Deputado Octacílio Costa, da representação pessedita, que proferiu o seguinte discurso:

“Sr. Presidente, passa hoje o dia do centenário do nascimento de um dos maiores filhos do meu Estado — O Coronel Raulino Julio Adolfo Horn. Há dias, lia uma bela página escrita por um dos mais brilhantes sociólogos brasileiros que é Silvio Rebelo. Disse o notável sociólogo que, por uma espécie de fluido misterioso — pelo sentimento prende-se o homem a um canto de paisagem — a terra e a gente que o viu nascer e das quais recebeu as impressões de infância. O que está próximo, e se deixa envolver no mesmo laço afetivo — a Casa, a rua, a cidade, a pronuncia integra-se no homem, constitui aquele fundo, ao mesmo tempo insuspeitado e presente da sua natureza.

Não entram nessa parte noturna natureza humana, considerações lógicas nem julgamentos intencionais. Cada homem pertence a uma terra, vive da tradição de seus mortos, das suas crenças, das sensações da sua gente, das suas árvores, das suas cores dos seus sons, sem se dar por isso naturalmente como se ele próprio fosse um simples elemento da paisagem que o cerca.

Recordamos e repetimos estes conceitos do eminente sociólogo

lo revelou que num total de 1960 pessoas interrogadas havia apenas 100 (i. é, 5, 62%) que declararam admitir um japonês como membro da família pelo casamento. Não há negar que este é um argumento ponderável contra a opinião corrente de que não existe preconceito racial no Brasil.

Concluindo, é bom acentuar mais uma vez que, a par do seu alcance sócio-anropológico e das perspectivas que abre para investigações subsequentes nas zonas de colonização japonesa, o trabalho de Emílio Willems encerra uma valiosa experiência: a de que o professor das escolas primárias rurais é um auxiliar de pesquisa muito mais eficiente do que se costuma admitir.

sem entretanto fazermos uma apologia do espírito de provincia sem que nos fechemos a novos sentimentos que nos ligam a outras provincias, sem esquecer a duniidade da Pátria comum a nossa Pátria, o Brasil grande, uno indivisível e glorioso!

Assim sr. Presidente temos comemorado o dia do nascimento de grandes brasileiros, filhos de diversas unidades da Federação, por iniciativas de representantes dessas mesmas unidades no Congresso Nacional.

Pensavamos hoje no centenário do nascimento de um grande catarinense naqueles conceitos que lemos nessa obra tão justamente julgada e apreciada por Taft, Edion, Wilson — a lei do Triunfo.

“Ninguém pode tornar-se um grande condutor de homens, se não tiver no coração o leite da bondade humana e se não dirigir antes pela sugestão e pela bondade do que pela força”.

O Catarinense cujo centenário do nascimento hoje comemoramos era sobretudo um bom. Não é, sem dúvida por esse predicado, que o meu Estado comemora o grande acontecimento.

Era um homem de lutas, um grande patriota, um grande brasileiro, atento ao senso do civismo e as sugestões do patriotismo.

Tinhamos vinte e sete anos, quando fomos eleitos pela primeira vez ao Congresso Representativo do Estado, depois reeleitos em diversas legislaturas.

Em 1910, ha precisamente, quase quarenta anos, conhecemos Raulino Julio Adolfo Horn.

Da sua vida de lutas em prol da grandeza do seu Estado e da Pátria, podemos dizer que por ela viveu, amando-a servindo-a e honrando-a.

Ardoroso propagandista da Abolição do elemento servil, com Germano e André Wendausen, Cruz e Souza e Esteves Junior, José Veiga e seu irmão Eduardo Horn e tantos outros. Santa Catarina segundo o exemplo do Ceará, do Amazonas e do Rio Grande, incluiu-se entre as provincias que se antecederam a Aurea, na libertação dos escravos.

Grande propagandista da República, disse Lucas Boiteux, História de Santa Catarina, a idéia, republicana não era nova desde 1831. Com a guerra dos Farrapos, o pensamento entre nós tomou vulto principalmente no Sul da Província.

A vitória do Governo Imperial apenas abalou as cinzas que cobriam o brasido inextinguível. O Manifesto Republicano de 1870 dispersou as cinzas e levantou a fagulha primeira adormecida, afirma o notável historiador citado.

Seria longa a lista dos nomes que se destacaram na propaganda Republicana, dos que sopraram e reacenderam as labaredas que haviam de queimar o trono bragantino.

Dentre os mais ardorosos propagandistas da República, no meu glorioso Estado barriga-verde, sobressaiu Raulino Horn.

Fundaram-se os clubes republicanos. Em 1888 o Município de S. Bento elegia a primeira Câmara Republicana.

A 17 de novembro de 1889 instalou-se na antiga Desterro a cidade que para logo, foi a cidade de Florianópolis, o governo provisório constituído pelo catarinense ilustre farmacêutico Raulino Julio Adolfo Horn, Coronel Rego Barros Cavalcanti de Albuquerque e dr. Alexandre Bayma.

Constituído esse triunvirato no Clube Republicano Esteves Júnior foi o mesmo substituído pelo então Tenente Lauro Müller como Governador do Estado. As eleições processaram-se em 1890 tendo sido eleitos, após brilhante vitória republicana, Raulino Horn, Luiz Delfino e Esteves Júnior, senadores da República. Em 1891 constituiu-se a primeira Assembléia Constituinte do meu Estado, tendo sido eleitos representantes do grande Município serrano de Lajes, os Coroneis João Costa e Vidal Ramos, o único sobrevivente da Assembléia Republicana Constituinte de 1891.

Raulino Horn presidiu os destinos de Santa Catarina como Vice-Governador e Presidente da Assembléia em 1889, em 1890, em 1920, 1921 e 1922. Fundou o maior laboratório de Santa Catarina — o laboratório Rauliveira — o mais antigo do Estado.

Vivendo toda uma longa existência na antiga Desterro, mais tarde Florianópolis, viveu o grande catarinense cercado de profunda e verdadeira estima pública, como homem de sociedade, como industrial, como administrador e como um dos grandes chefes do Partido Republicano Catarinense.

Prestou ao Estado e à República grandes e inolvidáveis serviços.

É com profunda emoção que em nome do meu Estado, recordamos a vida do velho servidor do Estado e da República, que ele serviu, amou e honrou, — neste dia memorável do centenário do seu nascimento. (Muito bem; muito bem. O orador é cumprimentado).

Em seguida, é aprovado o requerimento.

(Do “Brasil-Portugal”, do Rio de Janeiro).

Profanação

Por Osmar Silva

Primavera. O ar embalsamava-se com o perfume das flores e um cheiro ativo de terra punha um brilho de satisfação no olhar dos camponeses. Os homens revolviam a terra preparando as sementeiras; as mulheres, rindo e tagarelando, colhiam os últimos frutos temporões. O mugido distante das vacas nos currais punha um tom de queixume no ambiente, sem quebrar, contudo, a harmonia do conjunto. Flores, frutos, vozes e mugidos... Um estranho coquetel de sons e de perfumes na magia da tarde em declínio. Súbito, sem nada que denunciasse a sua aproximação, a mulher apareceu aos olhos espantados dos camponeses. Quem seria? Uma promessa? Um presságio? Quem poderia responder?... Os cabelos doirados caim-lhe em ondas sobre a alva túnica.

Na fronte altiva e bela refulgia um diadema. Era como se o último raião de sol tivesse tomado forma, preso ao encanto da terra que antes fecundára!

Caminhava com passos firmes e cadenciados. Os homens descobriram respeitosa a cabeça à sua passagem, enquanto as mulheres cobriam de flores o caminho rústico. Ela não se deteve. Agradeceu com um sorriso, prosseguindo em direção à vila.

O silêncio desceu sobre os campos. Algo iluminou a mente daquela gente rude. Olharam-se e em silêncio se compreenderam.

Na quietude da tarde, já sem sol, um sino algures tangeu.

Outro se lhe juntou, acordando, com as notas graves, os ecos adormecidos. Homens e mulheres, em místico recolhimento rezaram à meia voz, a "Ave-Maria".

A noite caíra de todo, um borrão negro de tinta manchando a alvura das casas, quando a mulher dos cabelos doirados chegou ao vilarejo. Estranha aparição na noite-escura. Do diadema que lhe ornava a fronte uma luz resplandescendente se irradiava infiltrando-se pelas frestas das casas, acordando os moradores. O caminho parecia, agora, prata refulgindo ao luar. As janelas apinharam-se de gente.

A noite se encheu de mil ruídos diferentes. Lenços acenavam. As mães mostravam os filhos pequeninos, sem saber porque o faziam.

Os homens sacudiam os górrros, confusos, mas sem receio. A mulher não se deteve. Agradeceu com um sorriso, prosseguindo a caminhada. Quem será? — perguntavam. Uma promessa?... Um presságio?...

Ninguém sabia, mas algo iluminou a mente daquela gente rude e em silêncio se compreenderam. Na extrema curva do caminho a mulher desapareceu.

E a mulher dos cabelos doira-

dos continuou vencendo distâncias.

As portas da grande cidade — Capital do Mundo — a mulher se deteve um instante. Chegára ao fim da jornada. A cidade parecia-lhe hostil. Penetrou, passando quase despercebida por entre a multidão compacta que invadia as ruas, discutindo e gesticulando, como se um grande acontecimento estivesse ali se desenrolando.

O prédio de linhas chamadas modernas — uma forma bizarra de arquitetura ostentava na fachada o nome "CASA DA PAZ" e mais abaixo uma nota explicativa: Entre por aqui — lado Norte. Saia pelo lado Sul.

E a mulher dos cabelos doirados entrou sem vacilação. Salas e corredores foram transpostos sem dificuldades. Chegou ao salão nobre.

Mais campos de cultura foram atravessados. Vilas, pequenas cidades, sem conta, viram-na passar, sempre com o mesmo alvoroço, mixto de inquietação e esperança. E sempre a mesma pergunta: será uma promessa?... Um presságio?... Ninguém sabia, mas olhavam-se e em silêncio se compreendiam.

Olhou. No centro, em tórno à grande mesa de forma circular tomavam assento os representantes de quase todas as nações do mundo. Realizava-se mais uma sessão da grande CONFERÊNCIA DA PAZ. Uma seléta assistência aguardava, com impaciência, o desenrolar dos acontecimentos.

A conferência se arrastava há dois meses, sem resultados positivos. Irradiando força, serenidade e determinação, a mulher fez sua aparição no recinto. Milhares de olhos convergiram para a sua pessoa.

Indiferente ela se aproximou. Nesse momento, o presidente daquele magno conclave se levantava. Com voz clara e potente, falou:

"Senhores, completaremos hoje a 59ª. sessão da Conferência da Paz. Espero que sejamos mais felizes esta noite para que possamos encontrar a formula definitiva que dê ao mundo a paz que tanto necessita".

A gargalhada da mulher dos cabelos doirados cortou, impiedosamente, os aplausos que se iniciavam. Paz?!... — e sua voz soou no recinto como o estalo de uma bofetada. Falas em paz!... Eu sei quem tú és. Discutes a paz mas queres condicioná-la aos teus inconfessáveis interesses. Vejo ao teu redor milhares de mãos implorando auxílio. Vocações perdidas na voragem das lutas estéreis. Mães miseráveis. Crianças subnutridas. Indiferença, angústia, pessimismo. Desnivelamento. Miséria. Fome. Suicídio. Sim, eu te conheço. És o EGOISMO!

Dedo em riste apontado para outro cavalheiro, a mulher continuou:

— Também te conheço. És o benemérito cidadão que se bate pela paz mas que ri, interiormente, das próprias palavras. Alimentas a vaidade dos poderosos. Insuflas o ódio. Falas em paz com o pensamento fixo na guerra. Rastejas, abjetamente, à sombra do mais forte, qual chagal à espreita de migalhas. Sim, eu te conheço. És o SERVILISMO.

Ninguém ousára interromper a tremenda acusação. O silêncio era como uma confissão de culpa. Inflexivelmente, a mulher prosseguiu:

— Conheço-os a todos, senhores. Vejo aqui, além de outros, profanando os mais sagrados anseios dos povos atormentados, o interesse pessoal, a cupidez, a intriga, a inveja, a desonestidade e o selo do oficialismo — a HIPOCRISIA!

Pretender com esses sentimentos sórdidos assentar bases para a paz, é escarrar na face dos que ainda possuem fé.

Fé?... Infeliz humanidade! O seu pior inimigo, lobo travestido de cordeiro, também aqui está presente. Seu nome é sinônimo de todos os males que afligem os povos. É o pecado original da insensibilidade humana. É destruição, extermínio, invalidez. Vê-lo é associá-lo às mulheres sem esposos, filhos sem pais, crianças famintas, prostituição, miséria, cinzas, desolação. Sua presença neste recinto é um escarneo à paz. Esse monstro que, como os senhores, hipocritamente clama pela paz, aguarda na sombra o momento de acender o estopim da guerra.

Amolda as consciências ao seu vil interesse. Fabrica, no mundo inteiro o material bélico. Comanda os trusts. Manobra a indústria. Favorece o câmbio negro. Cercea a liberdade econômica. Esse, senhores, é o Capitalismo — a guerra personificada.

Calou-se a mulher dos cabelos doirados. E, então, o presidente interpelou-a:

— Quem és mulher esfinge?

— Quem és tú que desnudas os nossos pensamentos mais recônditos? Que te deu o direito de privar desta assembléia? Quem és loiro fantasma?... A mulher riu. Um riso que não expressava alegria. Riso de amargura e desencanto.

— Eu sou aquela que procurei. Aquela sob cuja égide foi idealizada esta conferência. Aquela cujo nome é aqui invocado apenas para rotular intentos inconfessáveis. Aquela que se não subordina aos seus mesquinhos interesses. Sim, eu sou a PAZ!

Paz, senhores, é Concordia, é Equilíbrio, é Fraternidade. Fora desse tríplice aspecto não haverá paz. Pelas armas serei inconquis-

FALANDO AO MEU CIGARRO

João Melchhiades de Souza

tável. Que paz desfruta o mundo depois da última guerra?

Paz de sangue, miséria e destruição. Não poderá haver paz para o trabalhador que não consegue com o esforço honesto assegurar o mínimo necessário a si e à família. Abrem-se-lhe, portanto, as portas dos vícios e da delinquência.

Nem haverá paz para as mães angustiadas, nem para a juventude que se debate, desorientada, sem um sentido nobre a nortear-lhe os passos.

Nem haverá paz, senhores, para a imensa maioria dos marginais e dos desajustados.

Urge, senhores, uma transformação radical na estrutura social do mundo. Humanizem-se os homens e olhem a seu redor. Não procurem a paz pela guerra. Outros são os meus caminhos. Continuem com a farsa, se quiserem. Eu me retiro. Adeus.

O silêncio pesou no recinto como uma maldição. Algo iluminou a mente daquela gente culta, mas teve a duração de um relâmpago.

Olharam-se, mas não quiseram compreender.

A saída a mulher dos cabelos doirados era esperada. Um homem e u'a mulher ali estavam.

Ele — trazendo nos cabelos brancos a marca de infinitos desgostos e contemporizações.

Ela — sinais indeléveis da ingratidão e falsas interpretações.

Eu sou o DIREITO — disse o homem.

Eu sou a JUSTIÇA — disse a mulher.

Tú és a PAZ — disseram ambos.

Tal como tú abandonamos o recinto. Os homens não nos querem. Deixemo-los entregues ao próprio egoísmo e nefastas paixões. Vamos.

Na CASA DA PAZ a comédia prosseguia. Pelas amplas janelas escancaradas podia-se divisar o céu — imenso escrínio de fulguração deslumbrante — como um convite à MEDITAÇÃO e à PAZ.

Mas os poderosos da terra não olham para o céu!...

Sob a luz das estrélas, a PAZ, o DIREITO e a JUSTIÇA, eram sombras indistintas desaparecendo na distância...

E nunca mais foram vistos na superfície da terra!...

Em 29 de abril de 1949.

DR. LECIEN SLOINSKI

Causas civis e criminais

Avenida Getúlio Vargas

Araranguá

— Cigarro amigo, tu que te vestes de branco e tens o corpo louro, deves ser um bom; deves ser, até, um justo.

Só os bons e os justos é que suportam o martírio e a imolação sem lamúria, sem repulsa e sem ódio.

O sacrifício da tua própria incineração, para satisfazer o capricho de uma criatura, encerra a essência de uma parábola vivíssima.

A tua brandura, a tua humildade, a tua resignação, na linguagem do teu sacrifício, que se não exaspéra, que não reclama e não protesta, são uma lição a culminar na dôr e no martírio...

Vou conversar contigo, olhando as espirais que sobem; tu sabes muita coisa das ilusões, não sabes?

... E nós brincamos muito com as ilusões...

Na infância construímos de montõesinhos de areia os nossos primeiros castelos.

Neles depositamos as vibrações da nossa alegria e a doçura da nossa bondade... parecia até que tínhamos o coração nas mãos...

Não acreditámos na maldade do sopro do vento, que havia de derrubá-los, desalojando-os para além.

Confiávamos apenas na beleza daquelas formas imperfeitas e inacabadas, como obra impecável e duradoura.

E, continuámos assim, pela infância afóra, até os albores da adolescência...

Na juventude, com outras areias mais leves, volateis como a poeira, continuámos a construir, aos montões, pacientemente, novos castelos.

Castelos niveos, soberbos, grandiosos mesmo, dormindo sôb a carícia dos sonhos bons e felizes — tão bons e tão felizes que a gente dêles se não esquece mais pela vida afóra...

Castelos de afeições... castelos de felicidades... castelos de riquezas... castelos de honrarias...

Depois, caminhámos atrás da glória e ela nos fugiu.

Estendemos os braços ao amplexo das afeições e elas nos traíram. Acenámos para a ventura e ela se distanciou de nós...

Ficámos então, a sofrer, na impiedade do vento, a destruição dos castelos frágeis.

Em tórno de nós as areias se desuniram, se desagregaram e esvoaçaram, escrevendo à frente do caminho que palmilhámos uma última estrófe: a do poema da confiança, que nós compuzemos um dia, para interpretar com as ternuras mais doces e que a mão do destino rasgou com indiferentismo.

É assim que se escreve o epílogo amargo das ilusões desfeitas...

Mas, ainda, impregnados de alguma essência estranha, que fere a nossa sensibilidade e foge na vaporosidade das coisas abstratas, as nossas mãos tateiam em vão...

Tudo passou...

E, as espirais do meu cigarro, brancos aranhóis volateis, sobem, vão-se para o alto, desenhando umas sombras esguias e indecifráveis, que se desfazem também, sem que as mãos crispadas, ávidas de sonhos e devaneios, possam tocá-las.

É o "noli me tangere" das ilusões...

Desta vez, a nossa alma mais se enternece e se confrange.

Aquilo que se evola esconde certamente, no seu segredo indecifrável, o cortejo das ilusões...

As ilusões venceram... e fazem agora ironia, porque se põem a brincar conosco...

Uma festa de arte que deixou saudades

Na Capital Federal, a 27 do mês próximo findo, um numeroso grupo de intelectuais promoveu uma bela homenagem ao poeta, Sr. General Arnaldo Damasceno Vieira, presidente da "Sociedade de Homens de Letras do Brasil", comemorando o seu aniversário.

Aquela tertulia foi uma verdadeira festa de arte, na qual tomaram parte, abrilhantando o programa, diversos escritores e poetas entre os quais o dr. José de Albuquerque, a poetisa Mau a de Sena Pereira, a poetisa Iveta Ribeiro, a Dra. Adalzira Bitencourt e muitos outros elementos destacados.

Aos amplos e artísticos salões do 18º andar do edifício "Barke de Matos", séde da "Academia Fluminense de Letras", onde se realizou a belíssima festa, compareceram expressivos valores das artes e das letras, pertencentes à "Associação Brasileira de Imprensa", "Sociedade Brasileira de Filosofia", "Sociedade dos Homens de Letras do Brasil", etc.

É nos grato acrescentar que dois catarinenses ali tiveram destacada atuação, pois além da poetisa Maura de Sena Pereira, que declamou dois poemas, o escritor, poeta e jornalista João MELCHIADES DE SOUZA, como orador oficial, recebeu o encargo de interpretar o pensamento dos manifestantes proferindo a belíssima oração que nesta edição "ATUALIDADES" publica.

ORAÇÃO PROFERIDA, NOS SALÕES DA "ACADEMIA FLUMINENSE DE LETRAS", PELO ESCRITOR E JORNALISTA JOÃO MELCHIADES DE SOUZA:

Exmas. Sras. e meus Snrs.!

Evidentemente, nenhum outro local estaria melhor indicado que este, para que fosse homenageado o brilhante poeta Snr. General Arnaldo Damasceno Vieira!

Aqui estamos num recanto, onde, sem dúvida, em verdadeiros torneios da inteligência, tudo é propício às manifestações artísticas.

Aqui, se respira uma atmosfera que vivifica a própria alma e, a beleza das decorações, os tons amenos dos reposteiros, a suavidade da própria luz, dão ao ambiente um certo encanto, uma situação assás privilegiada, que nos convida às deliciosas expansões do espírito.

Parece que este recinto gerou-se de um prodígio, fez-se como um encantamento de fadas, como um milagre dos deuses, que trouxeram dos seus domínios todas as sublimidades, para que nele se constituísse um legítimo templo de arte!

Nenhum outro recinto seria mais propício ao enaltecimento de um grande vate, pelo transcurso da sua data natalícia.

Parece-me, queiram observar, meus senhores, que não é uma festa terrena, é uma festa do céu. Aqui se irmanam as belezas do

ambiente e as pujanças do espírito.

A luz jorra suave, amena, dando ao ambiente essa tonalidade celina, que igual talvez existisse no templo de Apolo, mas sempre reservada para a sagração dos poetas!

Pois, só para legítimos poetas, se concebe que descesse à terra uma nesga do próprio céu, deslizando lenta, descendo numa pulverização de oiro, deluindo-se das alturas, no contacto com as nuvens, para, finalmente purificando-se, transformar-se nessa luz suave que aí está, e que sómente baixava do Olimpo para as cerimônias mais solenes: a coroação dos deuses, a sagração dos heróis e a glorificação dos poetas!

As musas muito se alegraram no dia 22 do corrente... É que, aquela data assinalou o aniversário do nascimento de Arnaldo Damasceno Vieira, ocorrido na Capital do Estado do Rio Grande do Sul, em 1876. Filho do escritor e poeta João Damasceno Vieira Fernandes e de D. Rafaela Vieira de Azambuja, recebeu o ensino das primeiras letras em escola sob a direção de sua tia, Anália Vieira do Nascimento — também poetisa. No Seminário Episcopal de Porto Alegre completou os estudos secundários, bem como em dois outros colégios, dirigidos por notáveis educadores. Atraído pela carreira das armas, matriculou-se no Colégio Militar da sua cidade natal e, depois, engenheiro civil e militar, bacharel em ciências físicas e matemáticas, desempenhou várias comissões de relevo, recebendo a medalha de ouro como recompensa dos bons serviços prestados ao Exército Nacional, onde galgou diversos postos, atingindo, finalmente, o generalato. A Escola Politécnica da Bahia lhe conferiu, também, o diploma de Engenheiro Geógrafo. As qualidades de militar e de homem de ciências, aliou-se a de poeta, como verdadeira predestinação.

Deu à publicidade seus poemas, reunidos em diversos livros, em 1903: "Constelações", e depois, "Baladas e Poemas", "Poemas do Sonho e da Ironia" e, finalmente, "Lendas da Princesa Loura". Não parou aí sua atividade no domínio das letras, revelou-se também como teatrólogo, escrevendo, em colaboração, a comédia musicada, em um ato, "Esmeralda". É autor de outra peça: "O Criado do Doutor", comédia em um ato, de "Ainda se morre de Amor...", comédia em um ato, escrita em verso, e "Imortalidade", que encerra um inteligente estudo de psicologia e espiritualidade.

No setor das atividades jornalísticas, fundou e redigiu duas revistas literárias: "O Album" e "Brasillea".

Atualmente, é Presidente da "Sociedade de Homens de Letras do Brasil", presidente de honra, também do "Comité Cultural Ar-

gentino", membro titular da "Academia Rio Grandense de Letras", membro de honra da "Sociedade dos Artistas Nacionais", pertence, ainda ao "Instituto de Geografia e História Militar do Brasil", à "Sociedade Brasileira de Escritores", à "Associação Brasileira de Imprensa", à "Associação Brasileira de Autores Teatrais", à "Federação das Academias de Letras do Brasil", à "Associação Brasileira de Filosofia", ao "Instituto de Engenharia Militar"; ao "Instituto Histórico e Geográfico do Pará", também preside o "Teatro Educacional Samuel Campelo", fazendo parte ainda, de muitas outras associações científicas e culturais.

A personalidade de Arnaldo Damasceno Vieira, como se vê, votou-se a intensas atividades, refulgindo seu nome, em todas elas, de maneira expressiva, enobrecendo sempre as tradições paternas.

Aqui me acho como obscuro bardo das terras de Santa Catarina, com a lealdade de um homem do Sul, como um egresso das miraculosas terras de Dias Velho, trazendo, ainda, gravado na retina, o deslumbramento panorâmico daqueles recantos, que inspiraram a alma de Luiz Delfino e fizeram tanger, às vezes plangente e queixosa, a lira simbólica de Cruz e Souza!

Aqui vim para saudar-te, poeta eminente, para dar-te um aplexo de estima e de veneração, pelo muito que te foi dado realizar, engrandecendo a poesia nacional.

Pensamentos idos, vividos, sentidos, sonhados, palidos e burilados no verdadeiro cinzel da arte, com a maestria de um perfeito joalheiro!

Apóstolo da arte de bem sentir e de saber dizer, em poemas magníficos, nas retratações dos seus interminos estados d'alma, tantos versos, tantas estrofes, tanta poesia!

Deste descanso à espada; a lira, porém, esta, não repousou, continuou a vibrar pela vida afóra, como se fôra a própria razão do teu viver e, para delícia nossa, há de continuar a tanger, por muitos anos, que a arte não se afadiga, não se cansa, não envelhece; pode mudar de som, de côr, e de forma, mas, nunca morre, e se perpetua no tempo como a geratriz das forças espirituais, como a essência da própria vida, como uma emanção divina!

Baseou-se, sempre, nesta concepção de arte todo o teu patrimônio poético.

Praticaste uma poesia verdadeiramente poesia.

A ela há de humildemente pedir licença certa pseudo poesia que por aí anda, méro devaneio, pela ausência da beleza, gerada pela pobreza das expressões, e por certa miserabilidade estilística...

Poeta, eu não me considero vexado de, nesta oportunidade, afir-

mar a minha profissão de fé na verdadeira poesia, aquela que tu e tantos outros praticaram, lembrando o que já dissera pelo "Jornal do Brasil", quando deplorei o desaparecimento de Pereira da Silva, com que tive a honra de conviver, no antigo matutino "A Pátria".

Afirmava eu, então: "...foi legítima glória da poesia nacional; há de ficar, como se fôra um marco imperecível, a recordar às gerações vindouras que — poesia, é mais que um desalinhavado conjunto de palavras ôcas, sem nexos, sem sonoridade e sem expressão. É rima, é ritmo, é metro, é sentimento, é alma, é interpretação".

Era este o meu entendimento, àquela época e foi novamente sintetizado, quasi quatro anos mais tarde, pelas colunas de "Letras e Artes", quando opinando sobre o pensamento de Tristão de Athayde, quanto à situação literária atual; dizia eu, então: "...o império das coisas literariamente mirabolantes, o predomínio dos versos até de vinte sílabas! Foi uma catástrofe. Adeus condoreirismo genial! Adeus parnasianismo de tão nobres preciosidades! Adeus simbolismo de tamanhas emoções e que obrigavas os homens a pensarem! Adeus, metro, rima, ritmo, cadência, sonoridade, sentimento, expressão!"

Pois bem, meus senhores, dêsse néo-dilúvio, nem tudo está perdi-

do; salvaram-se, felizmente bons versos — para que se possa afirmar que aqueles que têm a virtude de transmitir aos leitores, como participantes das suas emoções, o sentimento do poeta, confirmem que no Brasil há, ainda poesia e, entre os bons versos, aí estão os de Arnaldo Damasceno Vieira!

herdando do seu pai o glorioso patrimônio da vocação poética, recebendo das mãos paternas uma lira que era tangida com tamanho brilho e encantamento, já-mais a deslustrou. E, aquela lira continuou a ser vibrada com o mesmo entusiasmo, com a mesma maestria! Grave, sem dúvida a responsabilidade contraída pelo filho, perante a literatura nacional, recebendo legado tão precioso!

Poeta, desejamos que continues a sonhar e a cantar por longos anos! A tua lira ainda dispõe daquela maviosidade de outrora — os poetas, só eles, têm o direito de aspirar a vida dos pássaros, nas harmoniosas saudações às alvoradas de oiro ou nos psalms emocionantes aos crepusculos sangrentos! Canta, poeta! Canta. A poesia não admite limitações de idades. Ela se eterniza em mocidade espiritual! Ela soergue o homem, nas ascensões pelo infinito e os faz baixar à terra, banhados pela luz sideral, tocados pelos en-

cantamentos das visões paradisíacas e ele, como que desce translucido, mais espiritual que corpóreo, mais angelico que humano; para perigrinar sempre, como numa sublimação, pelas eternas jornadas do sonho!

Tarde que já se fecha nessa delicada cortina de luz, tarde de hoje, que se extingue na metamorfose das cores e na transmutação das penumbras! Tarde da exaltação desse grande poeta — cede-teu lugar à pulverização das estrelas e à luminosidade do luar, que se estendem dos céos e, lá de cima, mostrando o caminho de Santiago, falam à alma, com se fossem apostrofes eternas, transmitindo ao poeta a determinação divina de continuar a cantar, a cantar sempre os seus poemas, sem direito de descanso, porque na vida dos poetas, ha a renúncia de si mesmos: — sua missão é cantar, cantar sempre, na magua e na ventura, nas alegrias e nas dores.

A lira do poeta não tem a idade das coisas efemêras, já-mais poderá emudecer; deve vibrar sempre, sempre!

Até que estalem as cordas do coração — para que possa receber, depois, com as bênçãos de Deus, os osculos da Glória, e a veneração da posteridade!

João Melchides de Souza

MADEIRAS E FÉCULA

LUIZ OLSEN S. A.

RIO NEGRINHO

Santa Catarina — Brasil

SERRARIAS

Madeiras

em bruto e beneficiadas

PASTA MECANICA

End. telegr.: «LUIZINHO»

Códigos: «Ribeiro» e «Mascotte»

ESCRITÓRIO EM JOINVILLE

Caixa Postal, 190

D R S.

J. B. BONASSIS

A. G. DE ALMEIDA

F. MAY FILHO

— A D V O G A D O S —

Causas civeis, comerciais, criminaes, trabalhistas, contratos, naturalizações, consultas e pareceres

Escritórios:

Rua Felipe Schmidt 34 - sala 3 - Florianópolis
Rua Pedro Demoro 971 - Estreito

ESCRITÓRIO IMOBILIÁRIO

A. L. Alves

Rua Deodoro n. 35

— Florianópolis —

Encarrega-se de: compra, venda, hipoteca, legalização, avaliação e administração de imóveis

Organiza, também, papéis para compra de propriedade pelos Institutos de Previdência e Montepio Estadual.

Evolução do sistema escolar em Santa Catarina, no período de 1834 a 1889

Ao ilustre professor LUIZ A. MATTOS

IRIS FADEL

“A instrução é dote que se não gasta, direito que se não perde, liberdade que se não limita” Coelho Netto.

A instrução em Santa Catarina, como em outras províncias do Império, constituiu um problema que teve de enfrentar sérias dificuldades, desenvolvendo-se com grande morosidade. Muitas foram as causas que determinaram o entrave do rápido progresso, o que se verificou em todo o sistema educacional brasileiro.

O que passo a descrever a respeito do assunto acima citado, se baseia nos livros “A Instrução e as Províncias”, de Primitivo Moacyr; “Os Jesuítas em Santa Catarina e o Ensino de Humanidades na Província”, de Osvaldo R. Cabral, e informações prestadas pelo insigne historiador catarinense Cap. de Mar e Guerra, Lucas B. Boiteux. 1833 — “Pelo decreto de 26 de julho de 1833, foi mandado criar uma escola primária na Laguna. Foi submetido a exame e considerado habilitado Feliciano Nunes Barreto, cuja nomeação tem a data de 4 de abril de 1834.

1834 — Em 1834, Feliciano Nunes Pires abriu uma aula de Francês, e estabeleceu-se uma segunda cadeira de Latim, que passou a ser lecionada pelo padre João Boaventura Cardoso.

1835 — Pela lei provincial nº 9 de 15 de abril de 1835, foram criadas cadeiras de primeiras letras nas paróquias de Imaruí, Rio Vermelho (na Ilha), Itajaí e nos curatos de Canasvieiras (Ilha) e Itapocroy. Os professores teriam de ordenado anual 180\$000, devendo lecionar, segundo o método individual, a ler, escrever, as quatro operações de Aritmética, a Gramática Portuguesa, Ortografia e Doutrina Cristã. A 2 de julho de 1835 foram nomeados professores: do Rio Vermelho, Francisco Rodrigues da Fonseca; de Canasvieiras, José Henrique da Cunha; de Itapocroy, Jacinto Zuzarte Pinto; de Sant’Ana, Ignácio José de Carvalho e da escola do sexo feminino da Capital, dona Ana Luiza de Azevedo.

(Transcrito do artigo “A instrução pública em Sta. Catarina de Lucas A. Boiteux, publicado no Jornal do Comércio em março de 1945.

1836 — (Primitivo Moacyr) “A instrução primária da província, diz o presidente, no relatório, está longe de apresentar resultados satisfatórios: o número de alunos é infe-

rior ao que a população pode oferecer, não há método regular e uniforme no ensino, nem da escolha das leituras e modelos; e os discípulos saem em grande parte mal instruídos nas matérias que devem aprender. O segundo motivo do atraso, só poderá ser removido, quando tivermos compêndios bem ordenados que os professores sejam obrigados a seguir no ensino. Estes motivos só removem estabelecendo um estímulo que convide os mestres a terem maior número de alunos e a se interessarem por seu adiantamento, o que nunca se obtivera com o sistema de ordenados fixos por mais vantajosos que sejam: e criando uma Escola Normal, onde se habilitem os professores para o magistério.” Pág.347

A renda era diminuta, a despesa com a instrução pública se elevava a 4:960\$000. O provimento de cadeiras vagas ou criadas devia ser feito por concurso, anunciado por editais, por intermédio das câmaras municipais; editais afixados dois meses antes, em tôdas as freguesias e distritos, mencionando as cadeiras, os ordenados, o dia e o lugar do concurso; eram exigidas as seguintes condições: cidadão brasileiro, gozando dos direitos políticos. Tôdas as cadeiras, menos primeiras letras, poderiam ser lecionadas por estrangeiros, na falta de nacionais, com ordenados estabelecidos conforme as cadeiras. Após os exames, feitos publicamente na câmara municipal da capital, com a presença do presidente e um dos vereadores, era lavrado o “térmo”, figurando primeiro os concorrentes mais habilitados, os quais o assinavam juntamente com o presidente e vereadores. Os que fossem aproveitados para o magistério levariam “o diploma aos registros da camara municipal e do Tesouro da província para se lhe abrir assento, contando o vencimento do dia da posse, que verificará por atestado do juiz de paz”. Quando o professor estivesse impedido de lecionar ou vagar-se a cadeira, seriam nomeados professores interinos, com ordenados inferiores aos dos efetivos. “O impedimento justificado por mais de um ano, torna vaga a cadeira, ficando o professor com direito à jubilação, segundo os anos de serviço”. Pág. 348.

Os professores das escolas de instrução primária (método individual) ensinariam a ler, escrever, as quatro operações da aritmética, gramática da lingua nacional e doutrina cristã e recebiam nas vilas 240\$000 e nas freguesias 200\$000

Nas escolas de ensino mútuo, aplicava-se o método de “Lancaster” e os ordenados eram: nas cidades .. 360\$000 e nas vilas, 300\$000.

As instruções necessárias à regularidade do ensino eram dadas pelo govêrno, que também designava os livros que deveriam ser adotados. Deviam ser criadas escolas de ensino mútuo na capital da província, vilas mais populosas e em outras vilas, que por lei, se achassem providas. “As escolas das freguesias serão admitidas ao ensino individual, sem que contudo os seus professores atuais sofram diminuição nos ordenados com que foram providos. Igualmente nada perderão os professores das escolas de ensino individual que atualmente percebem maiores ordenados que os estipulados nesta lei”. (14 de maio de 1836). Em 1836 a província custeava 18 escolas publicas com 553 alunos, havendo 448 alunos de escolas particulares.

Consta do relatório do presidente: “O colégio do reverendo João de Boaventura Cardoso continha 31 estudantes, distribuidos em aulas de latim, retórica, história, cronologia, geografia, francês, filosofia e teologia.” Pág. 349.

1837 — As escolas de ensino mútuo não corresponderam as esperanças, nem deram bons resultados havendo necessidade de procurar um meio de melhora-lo com proveito para a mocidade catarinense. O presidente sugeriu à Assembléia Legislativa várias medidas: vitaliciedade, provimento, uniformidade de métodos no ensino primário, inspeção ativa.

A despesa com a instrução neste ano foi de 4960\$000.

O poder legislativo mandava o govêrno pagar uma gratificação anual de 30\$000 aos atuais professores de primeiras letras, com ordenado inferior a 200\$000 e que tivessem efetivamente mais de 20 alunos.

A legislatura não esqueceu os estudos intermediários. “Foram criadas na capital da província uma cadeira de filosofia racional e moral, retórica e geografia, e outra de aritmética, algebra, geometria, teórica e prática e trigonométrica. Os lentes de qualquer delas perceberão os ordenados de 500\$000 e serão providos no forma da lei de 1835 (concurso)”. O curso era de dois anos, sendo designados pelo govêrno, os compêndios, de acordo com os professores. Pág. 351.

1838 — Não apareceram concorrentes às cadeiras de estudos intermediários, criadas em 1837, por isso foi anunciado em outras pro-

vincias, pois talvez se encontrassem professores aptos para tais magistérios. Também na Corte foram publicados os mesmos anúncios.

A despesa com a instrução foi de 6.600\$000.

1839 — As cadeiras do colégio da capital continuam vagas, por falta de concorrente à sua regência. Foi pedido o aumento dos ordenados dos futuros professores. Há em exercício 23 escolas primárias públicas com 123 alunos; 10 particulares com 202. A verba orçamentária vai a 7.220\$000. Pág. 352.

1840 — É lamentável o estado da nossa instrução pública primária, não obstante os esforços para evitar este mal. Diversas são as causas do atrasamento: mestres ignorantes, ordenados mesquinhos. É sugerido para que haja em cada província uma "Escola Normal e na capital dela, para aí se aprender, por um método que seja comum a todo o Brasil", formando, assim, mestres públicos para as vilas e freguesias, dispensando-se, então, os concursos e exames. Os lentes para os referidos estabelecimentos que deviam ser criados o quanto antes, deviam ser procurados na Escola Normal do Rio de Janeiro. A Assembléa Legislativa autoriza o governo a mandar engajar na Escola Normal do Rio de Janeiro, um professor de primeiras letras apto para lecionar as matérias adiante declaradas, percebendo um ordenado que não exceda a 800\$000.

Viria o referido professor reger a escola pública de primeiras letras da capital, devendo ensinar: 1º a ler e a escrever pelo método Lancaster ou pelo método individual; 2º as quatro operações de aritmética, quebrados, decimais e proporções; 3º noções gerais de geografia teórica e prática; 4º gramática da língua nacional; 5º elementos de geografia; 6º os princípios do moral cristã e da religião do Estado." Pág. 353.

Incumbir-se-ia o referido professor, de lecionar às crianças as matérias do curso primário, como também preparar os professores de primeiras letras menores de 35 anos, com exercício nas escolas vizinhas. Daí por diante ficava sob a responsabilidade desse professor, o atestado de capacidade dos demais que voltariam a reger suas escolas ou delas seriam dispensados, uma vez que não revelassem aptidão. Quanto à regulamentação e orientação do ensino ficaria a cargo do presidente da província, sendo que a inspeção competeria às câmaras municipais (Lei 136 de 14 de abril).

1841 — "A Assembléa fez nova lei relativa ao ensino.

O presidente da província é autorizado a mandar habilitar-se nas doutrinas que se ensinam na Escola Normal da província do Rio de Janeiro a um indivíduo brasileiro, que, em concurso público, mostrar maiores conhecimentos das matérias exigidas na lei de 1836, percebendo pensão anual de 30\$000.

Concluídos os estudos, deverá prestar serviço público compatível com os conhecimentos adquiridos.

As providências para melhorar a situação do ensino estavam sendo tomadas com grande interesse, porém falharam os meios de levá-las a efeito.

Ainda a falta de professores, ausência de alunos, a incúria dos chefes de família, continuavam a contribuir para que "não se illustre e sobressaia a mocidade da província naturalmente talentosa" Pág. 357.

Não foi dado cumprimento à lei de 1840 por não haver na Escola Normal do Rio de Janeiro discípulo com conhecimento suficiente para vir ensinar na província. Esta declaração do diretor daquela escola bem demonstra o atraso da instrução não só na província de Santa Catarina, mas em toda a Colônia. Restava uma solução: "Mandar alguns moços de boa noção e bem principiado, habilitarem-se naquela escola, o que foi feito em 1842. Pág. 357.

Oswaldo R. Cabral em seu livro "Os jesuítas em Santa Catarina e o Ensino de Humanidades na Província", cita o seguinte fato (de Ariringuá) Em 1841 o padre Mariano Berdugo, expulso da Espanha em 1835, juntamente com outros padres e refugiados na capital platina, lançou suas vistas para o Brasil, visitou o Rio, estudando a possibilidade de instalar fundações Jesuítas no Imperio.

"Quando lhes tocou deixar a Argentina, soube o mesmo padre Berdugo que a Assembléa de Santa Catarina votava lei de meios para permitir a vinda, da Europa, de missionários da Propagação da Fé e, como lhe parecesse ótima a oportunidade, enviou imediatamente os padres Miguel Cabeza — um dos expulsos de Rozas — e Antonio Babra, bem como do irmão Alonso Romero a estudar as possibilidades".

Mais tarde o proprio padre Berdugo embarcou para Santa Catarina, acompanhado dos padres Vilá, Lopes, e Martos e do irmão Saraco, fundando a residência do Destêrro, começando a trabalhar incansavelmente na igreja do "Rosario", ha-

vendo frequências aos Sacramentos e melhoria dos costumes. Passaram a percorrer a Ilha e a Província, evangelizando.

1842 (Primitivo Moacyr) Neste ano, ainda não foi posta em execução a lei de 1836 (prêmio aos professores), que, por certo, concorreria para melhoramento do ensino, juntamente com outras medidas que visassem multar os pais omissos em mandar seus filhos às escolas. Verificava-se, em 1842, a frequência de 618 alunos nas escolas públicas de primeiras letras e de 487 nas particulares do mesmo grau, destacando-se como bons profissionais do magistério José Joaquim Lopes e Telemaco Boulich, que lecionavam na Capital. O orçamento da receita sobe a 72:770\$000, sendo a despesa com a instrução pública 6:820\$000.

1834 — O primeiro estudante da província que terminou seu curso na Escola Normal e Escola de Arquitectos Medidores do Rio de Janeiro foi Francisco José das Neves, que em 1834, providencia para que funcione a escola da Capital onde além do ensino constante da lei de 1840, instruiria os professores que precisassem se aperfeiçoar.

1844 — De acôrdo com a lei de 1840, da-se neste ano, a abertura e funcionamento da Escola Modelo da Capital. Foram examinados e julgados pelo professor desta escola, professores efetivos bem como três interinos: o de Laguna, Itajaí e Tubarão. Assim ficam providas de professores habilitados 14 escolas públicas com a frequência de 389 alunos, 15 particulares com 378 alunos. Nesse tempo, eram afamadas, a escola do cidadão José Joaquim Lopes e a aula de dona Felicidade Cândida da Conceição.

Andava, então, a receita da província em 70:000\$000, da qual dispendia 8:000\$000 com a instrução.

Cita Oswaldo R. Cabral "Apesar dos exhaustivos trabalhos religiosos, em setembro de 1844, não obstante a existência, em pieno funcionamento, desde o ano de 1843, de aulas particulares de latim, francês e filosofia, ministrada com raro brilho pelo padre Joaquim Gomes de Oliveira e Paiva, que não havia muito se ordenara e fixara residência em sua terra natal, aulas frequentadas nas duas primeiras disciplinas por vinte e um alunos e na segunda por quatro, os missionários espanhóis abriram também um curso de latim" (Falas de 1843-1844). "E que o Pe. Ramon, então superior interino da Missão em Montevidéo, inteirando-se pelo

Pães, doces, biscoitos, balas, caramelos nos Varejos

MORITZ

SOBERANA, Praça 15 — Tel. 1505 — TIRADENTES, 45 — Tel. 1225

Pe. Cabeza do sucesso obtido e da lthemquerencia que gozavam os Jesuítas em Sta Catarina, acedera aos seus desejos de fundar um Colégio" (P. Pablo Hernandez, op. cit. pág. 53). "Esta modesta aula, para cujo prosseguimento lembra a Câmara á Assembléia um auxilio pecuniario, foi o inicio do primeiro colégio jesuíta de instrução secundaria, aberto no Desterro ou em Sta Catarina, colegio que em successivos anos tomaria um notavel desenvolvimento, atraindo até alumnos doutras Provincias e mesmo de fora do Pais". Pág. 27.

Embora desde 1837 (Lei 69), tivesse o Governo criado duas cadeiras secundárias, a primeira de Retórica, Filosofia e Geografia e a outra de Aritmética, Algebra, Geometria e Trigonometria — a instrução official na Provincia não passava do ensino de primeiras letras e de uma aula de latim, professada pelo velho Sargento-Mór Mariano Antonio Corrêa Borges, aula de mui pouca frequéncia e que pela jubilação do professor, já sem alumnos, seria fechada em 1846" (Fala de 1850). Pág. 27.

1845 — (Primitivo Moacyr) Nêsse ano ainda havia sensível falta de aulas femininas na Capital, sendo aberto um crédito para o ensino particular de 20 alunas pobres.

1846 — As atividades dos padres missionários, em relação ao ensino aumentam. Fala-se na criação de internatos. A despesa com o ensino eleva-se a 10:000\$000.

Cita Osvaldo Cabral — "Em 1840 já o colegio dos padres era uma fundação de auspiciosas perspectivas e a Presidência solicitava á Assembléia não dever duvidar em proporcionar-lhe maiores meios de gradualmente poderem aumentar o seu util estabelecimento de que muitas vantagens colherá a Provincia" (Fala de 1846) "auxilio que, de certo, não faltou, pois logo puderam edificar no Mato Grosso (ao centro da actual praça Getulio Vargas) e preparavam-se para receber pensionistas". Págs. 27 e 28.

Houve progresso e aproveitamento. Visitou o colégio o Imperador Pedro II (1845), fazendo perguntas ás alunas e tratando os padres com bondade.

Este colégio foi o que manteve o primeiro internato em Sta Catarina, pagando cada interno 16\$000 pela pensão e pelo ensino. As cadeiras não constavam só de Latim, mas também de geografia, francês, filosofia, historia elementar, retórica e geometria. Nenhum outro colégio secundário havia na Provincia.

A disciplina que teve o ensino

mais descuidado (no Século passado) foi o da lingua pátria. Só no ultimo quartel do século é que se encontra mais frequente e ensino de gramatica nacional. Por essa época o Presidente começou a preocupar-se com a nacionalidade dos professores, aconselhando fiscalização por parte do governo afirmando "nos somos brasileiros e brasileira deve ser a educação dos nossos filhos." (Fala de 1849). Pág. 32.

1847 — (Primitivo Moacyr) O presidente insiste no auxilio á aula dos missionários, cujo ensino vem se ampliando, com aulas de geografia, filosofia, história elementar, retórica, geometria e francês.

1848 — (Informações de Lucas A. Boiteux) "A instrução primária da Provincia foi remodelada e regulamentada de conformidade com a lei provincial nº 268 de 1º de maio de 1848. Haveria, então em cada municipio Diretores encarregados da inspeção das escolas públicas e particulares. Pela lei orçamentária desse ano ficou o presidente autorizado a dispender com a instrução a importância de 12:950\$000. Entre 16 de setembro de 1848 e 6 de fevereiro de 1850, esteve como diretor municipal das escolas primárias da capital o coronel reformado Joaquim de Almeida Coelho. Foram feitas diversas modificações no magistério.

1849 — Nêsse ano foi criada no Desterro uma segunda escola de primeiras letras do sexo feminino. A dotação destinada ao ensino sofreu uma redução. A instrução primária da Provincia contava nesse tempo, com 15 escolas de primeiras letras, providas, tôdas do sexo masculino e 5 internas. Do sexo feminino existiam 4, sendo uma interina.

A matricula dessas escolas era de 1182 alumnos. Havia mais de 11 escolas particulares de meninos e igual numero de meninas. Fôra adotado o método individual para a leitura e escrita."

Cita Osvaldo Cabral "Em 1849, ano em que suspendeu o Governo o auxilio pecuniario ao Colegio (jesuítas), frequentavam as aulas 34 alumnos, a metade deles como pensionistas. O Presidente João José Coutinho visitando-o inesperadamente, teve a satisfação de ver a par da regularidade e asseio da casa, contentes os pensionistas" (Fala de 1850). Pág. 32.

Diz a "Reseña Histórica". "o Colégio de S. Catarina, ao qual concorreram alumnos não só daquela Provincia, como também de outras e alguns do Rio de Janeiro e Montevideo, chegou a gozar tal fama que certos seculares de boas intenções e que no Rio de Janeiro se

haviam juntado e congregado recursos para estabelecer um colégio católico, fizeram esforços junto aos padres, em 1849, para que da direção se encarregassem os jesuítas" (P. Pablo Hernandez, pág. 54). Teve o referido colégio de enfrentar sérias dificuldades, sendo uma delas a concorrência de outro colégio o de "Belas Artes", fundado pelo Pe. Joaquim Gomes de Oliveira e Paiva. Pag. 22.

1850 — (Informações de Lucas A. Boiteux). "Nêsse ano o numero de escolas masculinas era de 21 e femininas 12, particulares 22. O Arcebispo Oliveira e Paiva abriu um colégio em que se ensinavam português, francês, latim, inglês, geografia, história, retórica, poetica, filosofia racional e moral, elementos de fisica e quimicas, botânica, desenho, música vocal e instrumental e escrituração mercantil.

1851 — Em 1851 foi aberto o Instituto Catarinense, dirigido pelo professor Francisco Paulicéa Marques de Carvalho. Na opinião do Presidente, neste ano, a instrução pública não melhorara.

1852 — O Presidente Coutinho achava que os professores eram decididos e que a fiscalização escolar pelas municipalidades fôra um desastre. Propunha professores adiantos e lembrava a necessidade da nomeação de professores para as colônias alemãs recém-fundadas. A despesa com a instrução foi orçada em 17.460\$000 para o ano financeiro de 1852 a 1853. Havia certo progresso na frequência escolar. O colégio dos Jesuítas cerrou suas portas, em consequência da febre amarela.

1853 — (Oswaldo R. Cabral) "A febre amarela atacou a mais da metade da população. Em fins de junho desse ano fatídico, já não existia coisa alguma do esforço destes jesuítas que, em terra longínqua e estranha, em anos de trabalho sem descanso e sem desânimo, haviam fundado um Colégio, que era o legitimo orgulho da pequena Provincia e que lhe fôra fonte de tantas esperanças. Escaparam á epidemia, apenas três padres, e, em junho o Pe. Berdugo comunicava á Presidência a clausura definitiva do Colégio. O Presidente da Provincia assim comunicou á Assembléia o ocorrido: Como antes de 1846, acha-se a instrução secundaria desta Provincia, reduzida a uma aula de Gramática Latina desta Capital. Conclue o Presidente que com a extinção do Colégio ficou reduzida a zero a instrução secundaria". Pág. 38.

1854 — (Inf. L. A. Boiteux). "Em 1854 foi criada na Colônia Dona

LABORATÓRIO ELECTRO TÉCNICO "ELECTRON"

OTOMAR GEORGES BÜHM

Profissional Formado na Europa com 20 Anos de prática

Especializado em reconstrução de

MOTORES, DINAMOS, TRANSFORMADORES, etc.

Rapidez e Garantia

Florianópolis - Estreito. Estado de Santa Catarina

Rua Osvaldo Cruz, n. 613

Francisca (em Joinville) uma escola masculina de primeiras letras, tendo o professor nomeado ter conhecimento da língua alemã, com o ordenado de 600\$000 anuais. Já existia ali uma escola alemã estipendiada pela Sociedade Colonizadora. Foi criada na Capital uma Biblioteca Pública.

1855 — O Presidente da Província foi autorizado a abonar uma gratificação de 300\$000 anuais a quem estabelecesse aulas particulares para mais de 10 alunos.

1856 — Possuía a Província 28 escolas masculinas de primeiras letras e 11 femininas, com a frequência de 1312 alunos. Foi fechada a aula de latim existente no Destêro (Fpolis.)

1857 — Foi aberto ao ensino o "Liceu Provincial", destinado à instrução secundária. As Irmãs de Caridade também fundaram um pequeno Colégio na Capital.

1859 — O Liceu teve novos estatutos. Foram estabelecidos prêmios para alunos e professores.

1860 — Os padres Lazaritas abriram um Internato na Capital, recebendo alunos de 8 anos para cima, já sabendo ler e escrever.

1861 — Foram criadas duas escolas, uma em Brusque e outra em Santo Amaro.

1862 — Foi suprimida a escola da Várzea do Ratonas.

1863 — Foi criada uma aula para as órfãs desvalidas.

1864 — Foi extinto o Liceu Provincial e contratado com os jesuítas o estabelecimento de um Colégio de curso secundário.

1865 — Foi criada uma escola em Garopaba. A dotação para a instrução pública foi fixada em 59.122\$000 para 1867.

1868 — O Presidente teve autorização para reorganizar o serviço da instrução pública.

1870 — O Presidente Galvão ao referir-se à instrução pública da Província dizia que ela não existia, pois era triste simulacro, cômico arremedo do que se há feito em outras províncias.

Nesse ano foi criada uma escola na Palhoça.

Quanto ao Colégio dos Jesuítas, chamado "S. Salvador", não preenchia os fins a que se destinava.

Existia, nesta época, um Conselho diretor da Instrução e uma Inspectoria geral. Sendo rescindido o contrato com os Jesuítas voltou a ser organizado o "Liceu Provincial" afim de atender ao ensino secundário.

1871 — O Presidente Vieira Tosta, declarava estar a instrução pública longe de atingir ao grau de desenvolvimento que seria para desejar. Propunha a obrigatoriedade do ensino primário, achava os regulamentos deficientes. Nesse

ano, o Cap. Tenente reformado Paes Leme, estabeleceu um Colégio de ensino secundário para o sexo masculino.

Foram extintas a Inspectoria geral e a Repartição de Instrução Pública. Em abril de 1871 a Assembléa destinava 62.337\$000 para a instrução pública. Foi estabelecido para meninas o Colégio da Conceição, particular.

1872 — Foi feita uma revisão na legislação da instrução pública. Existiam na Província 93 escolas públicas, com a frequência de 2989 alunos e 43 particulares com a frequência de 1160 alunos.

Em março de 1872 a loja maçônica "Regeneração" abriu uma aula gratuita de ensino primário. Funcionava à noite, passando a ser frequentada por 60 alunos, maiores de 16 anos. Por esse tempo o professor Benjamin Carvalho de Oliveira abriu uma aula noturna em Camboriú, frequentada por 21 adultos.

1873 — O Presidente chamava a atenção para a falta de instrução secundária.

1874 — Pela lei de abril de 1874 ficou estabelecida a obrigatoriedade dos pais, tutores ou protetores de meninos maiores de 7 anos e menores de 11, e de meninas maiores de 7 e menores de 10, de lhes dar instrução primária. Em setembro de 1874 foi instalada em S. Francisco uma aula noturna de ensino gratuito.

1875 — O Presidente, pela lei de abril de 1875, autorizou a contratar o estabelecimento de um Colégio de instrução secundária para o sexo feminino. Passou a funcionar o "Ateneu Provincial".

1876 — Fundou-se na Laguna uma Biblioteca Pública. No governo do Presidente Taunay existiam 115 escolas públicas na Província, sendo 66 masculinas, 49 femininas, 32 particulares.

Pela lei nº 807 de 20 de abril de 1876, foi criada na Capital uma "Escola Normal".

1878 — A frequência das escolas, nesse ano, foi de 3591 alunos. No município de Blumenau existiam 20 escolas funcionando regularmente, sendo, porém, lamentável, dizia o Presidente, que continue ali tão descuidado o estudo da língua nacional.

1880 — Surge nova lei referente ao ensino primário, sendo criadas 15 escolas públicas e uma mista. A frequência escolar era de 2737 alunos. O "Ateneu Provincial" continuava funcionando. Dizia o Presidente, criticando a organização em vigor, que: "sem bons vencimentos nunca se teriam bons professores". Nesse tempo os professores efetivos recebiam 700\$000 anuais e os interinos 500\$000.

O Presidente Lima Santos era de opinião que se devia dar ao "Ateneu" uma organização mais livre permitindo aos alunos o estudo de qualquer matéria separadamente conforme sua vocação de necessidade.

1883 — Foi criado na Capital, o "Liceu de Artes e Ofícios" para a instrução popular e também foi regulamentada a "Caixa econômica escolar". A despesa com a instrução foi fixada em 86.710\$000.

1884 — A matrícula total nas escolas da Província era de 2433 alunos, dando a média de 39 alunos matriculados por escola, com a frequência de 24 alunos. Foi criada a classe de professores públicos subvencionados. Contava a Província com 52 estabelecimentos de ensino não auxiliados pelo governo. No "Instituto Literário", recém-criado, estavam matriculados 138 alunos e no "Liceu de Artes e Ofícios", 141.

1885 — O Presidente Rocha lembrava a difusão do ensino não só sob o ponto de vista político, como sob o ponto de vista moral e econômico. Dizia o Diretor Geral da Instrução em seu "Relatório": "Reformas tem prejudicado a Instrução, não só abrindo largas portas ao magistério público, como desprotegendo aqueles que abraçam a espinhosa vida de Mestre, com verdadeira dedicação pelo exercício. Se uma reforma é realizada com proveito, vêm logo as leis de exceção, os retoques e quiçá as alterações profundas anular os seus bons efeitos".

Na administração Rocha, a Província contava com 144 escolas de ensino primário, das quais 135 eram públicas. A despesa com a instrução foi fixada em 96.965\$000, quando o orçamento total da Província era de 431.989\$000. Uma lei provincial determinava que nenhuma escola poderia ser subvencionada se não ensinasse o idioma e a gramática nacionais.

1886 — Foi estabelecido o ensino primário obrigatório em toda a Província.

1887 — Voltou a ser feito pelas municipalidades a fiscalização da instrução pública.

1889 — Foram criadas duas escolas, uma na cidade de S. Francisco e outra no Alto Aririú, no município de S. José. Ao findar o Império, existiam em Sta. Catarina 159 escolas de ensino primário, com as quais dispndia o erário público cerca de cem contos de réis.

E a instrução pública, segundo o seu Diretor, estava "convertida em instrumento político, sem uniformidade, sem plano, sem nada."

Rio de Janeiro 13 de junho de 1948.

MATRIZ

Rua 15 de Novembro, 533

Caixa Postal, 90 - Fone 1085

Blumenau — Sta. Catarina

End. telegr.: "Stewart"

GRAFICA 43 S. A.

INDÚSTRIA E COMÉRCIO

IMPRESSOS EM TIPO LITOGRAFIA E OFFSET — LIVRARIA
— PAPELARIA — ARTIGOS DE ESCRITÓRIOS E ESCOLAR

FILIAL

Rua João Pinto 9-A

Fone 1407-Caixa postal, 309

Florianópolis-Sta. Catarina

End. telegr.: "Stewart"

Considerações sobre

Caça, caçadas e caçadores em Santa Catarina

IV

Uma das caçadas mais sensacionais e perigosas, sem dúvida, é a da onça ou tigre, denominação esta muito mais generalizada no interior catarinense, daí a preferência que damos a ela para o nosso uso. É realmente uma caçada que exige do homem enorme soma de energias físicas e morais. Infelizmente ou felizmente, conforme o caso, hoje em dia, a caça ao tigre já está bem rara e cada vez se torna mais difícil e dispendiosa.

Outrora, o tigre, principalmente, o pintado, era encontrado em quasi todas as matas do Estado, onde as histórias sobre as suas caçadas constituem, uma reminiscência, assumindo um caráter mais ou menos lendário, sendo elas, quasi sempre, cheias de lances épicos.

Os velhos caçadores, êsses que já passaram a casa dos 70 janeiros, alcançaram, de fato, em toda a sua plenitude, os primórdios das caçadas em nosso território, podendo, porisso mesmo, contar-nos, com vantagem, as melhores histórias cinegéticas ocorridas naqueles bons tempos, quando um fio de bigode valia muito mais do que uma enfeitada promissória. Mas, a verdade é que, naquela época, isto é, há 50 anos passados, havia muito tigre, até mesmo nos sertões de Massiambú, a 40 quilômetros desta capital. Por essa razão pode-se fazer uma idéia dos enormes danos que êles causaram aos rebanhos de então, dada a sua notável voracidade. E, o peór é que não foram só os rebanhos que sofreram com êles, pois muita gente boa foi comida pelos felinos vorazes. Certo, daí, o por que do respeito em que é tida, até em nossos dias, tão maliciosa féra.

Não obstante o progresso, não se pense que os terríveis carniceiros estão extintos em terras catarinenses. Pelo contrário, uma vez que existem, ainda, muitos tigres pintados e pretos, predominando em

Chapecó, nos distritos de Campo-Errê, Dionísio Cerqueira, São Domingos e Abelardo Luz, onde o seu rugido pavoroso é a música selvagem escutada durante a noite, cuja escuridão aproveitam para fazer as suas excursões de carniçaria. A imensa floresta, dessa zona, em que vivem em constantes viagens, é de uma beleza misteriosa, sendo, sobretudo de uma exuberância magnífica. Cerca de oito mil quilômetros quadrados de mata virgem, onde o homem ainda não penetrou, a não ser para caçar, e isso mesmo ao longo das picadas, cobre um solo fertilíssimo, todo recortado por caudalosos rios, constituindo, êsse pedaço da terra brasileira, o grande futuro de Sta. Catarina. Nesse rincão longínquo, da nossa Pátria, a gente sente uma sensação perfeita da sua imensidão, porque aí tudo é grandiosamente belo e surpreendente. As árvores seculares são gigantescas, sobressaindo dentre elas o pinheiro, o cédro, a cabriuva e o angico, que se destacam pela altura respeitável, desafiando os céus. A meio caminho, entre Vila de Oeste e Dionísio Cerqueira, do alto da serra de Guaraciaba, o sertão se perde de vista para todos os lados, proporcionando ao viajante um panorama invulgar e lindo. Êsse é, pois, o paraizo dos tigres.

A onça, jaguar ou tigre, como preferiram denominá-la, é animal de rara beleza e de grande porte, pesando além de cem quilos. É feroz, valente, traiçoeiro, manhoso e hipócrita, temendo, porém, o homem. Mal ferido, entretanto, enfrenta o seu inimigo com admirável decisão, pondo à prova a sua formidável força, aliada a sua agilidade indiscutível que o tornam respeitado pelo caçador que, para abate-lo, utiliza todas as suas qualidades excepcionais de matreiro artimanhoso.

É, o tigre, caçado, mais comumente, com o auxílio de cães ames-

trados para o citado fim. Pode, também, ser capturado por meio de armadilhas, processo que foi muito empregado primitivamente. Abate-se-o, ainda, fazendo-se um girão nas proximidades da criação por êle morta, sobre o qual, à noite, deve ficar, de espera, o caçador com a sua arma pronta para o tiro. O bicho vem na certa comer o resto da carniça, ocasião em que morre inglôriamente, sem dar, muitas vezes, sequer um rugido de protesto.

O caçador, porém, que caça por esporte, prefere fazer a "batida" no mato, devida à sensação que terá oportunidade de desfrutar. O processo usado para esta caçada quasi não difere das demais, consistindo no seguinte:

O caçador internando-se na mata procura o vestígio fresco da caça e descoberto êste faz a "solta" dos cães, que até êsse ponto são mantidos na corrente, evitando, assim, corram outros animais. Os cães, orientados dessa forma, seguem o rasto até encontrarem, ou melhor, para usarmos a linguagem do caçador, até "baterem no tigre". Dá-se, então, o "levante", que é a fase inicial da corrida, facilmente reconhecida, pelo caçador experimentado, porque, nesse minuto emocional, os cachorros fazem um alarido ensurdecador como se estivessem chorando ou apanhando, para logo depois continuarem na perseguição, ganiçando normalmente. A corrida termina quando a féra trepa em alguma árvore grande, iniciando-se, então, a "acuação", caracterizada pelo ladrado grosso e compassado dos "tigreiros". Às vezes o tigre não podendo trepar, deixa-se acuar em terra, caso em que é muito perigoso, sendo necessário precauções especiais para se atingir o local, do maior drama que se pode apreciar no coração das nossas selvas. Êsse é, na verdade, o momento em que

FARMACIA MODERNA

De EDUARDO SANTOS

A Farmácia que mais lhe convem pelos seus módicos preços, escrupulo e enorme variedade em seu estoque de tudo quanto diz respeito a esse ramo de negocio.

Aviamento de receitas feita com todo escrupulo e sempre por preços sem concurrencia.

Perfumarias dos melhores fabricantes.

Agora à Rua João Pinto n. 4

--- Telefone, 1375

Dr. Remigio

Molestias Internas em Geral — Doan-
ças das Senhoras e Crianças

CONSULTÓRIO:

Rua Felipe Schmidt
Edif. Amélia Neto — Fone: 1599
Consultas: 9 às 11 — 14 às 18 horas

RESIDÊNCIA:

Lgo. Benjamin Constant, 8
Fone: 1352

o caçador terá, na certa, a sua maior emoção na sua vida de esportista! Tigres, acuados nestas condições, outrora, deram cabo de muitos caçadores valentes. Forçoso é admitir-se que isso ocorria, na maioria das vezes, devido à precariedade das armas então usadas, que eram as de carregamento pela boca, cuja eficiência nem sempre atendia às necessidades. Hoje, com as armas modernas, os maiores tigres poderão ser abatidos com a mesma simplicidade com que se "derruba" um modesto cuati. Apesar de tudo, prevenindo surpresas, só se devem usar, para a caça dos tigres, armas especiais, isto é, Winchesters ou Remingtons automáticas ou de repetição, de calibres 44 e 45-ou espingardas de fogo central de calibres 16 e 12 municiadas com pólvora e bala apropriadas. Além disso, como arma suplementar destinada à luta corpo-a-corpo, no mato carrasquento e fechado, deve o caçador usar um bom revolver "Smith" ou "Colt", calibre 38 ou 44.

Agora uma sugestão nossa. Quem quiser caçar um bom tigre, embora ele possa ser encontrado, em quantidade mínima, nos sertões de Campo Alegre, Curitiba e nos limites de Porto União e Caçador, aconselhamos faça uma excursão ao oeste do Chapecó. Ai, na região que descrevemos é, como dissemos, o paraíso dos tigres, sendo porisso mesmo, como diz um velho adágio muito conhecido, "o lugar onde a onça bebe água". Por mim, confesso que jamais cacei tigre e mesmo não desejo caçá-lo. Para não topar com ele passarei de largo. Ele que faça o mesmo. Que seja muito feliz e se lhe aprou-

ver que "vá baixar noutro centro"... bem longe do meu.

Para finalizar, narrarei o que ouvi, certa feita, sobre caçadas de tigres, em uma roda de caçadores, em uma fazenda, em Figueiredo, no município de Bom Retiro. Alegres, como sabem ser os devotos de Santo Huberto, todos contavam as suas "vantagens". Assim, nesse ambiente de animada alegria e camaradagem, chegou a vez de um velho caçador contar as suas. Começou dizendo que naquela zona, há 30 anos passados, a caça era um "mundéu". Havia tanto bicho que até o tigre "era mato". Ninguém se importava com perdiz, com "viado" e com outros bichinhos ordinários.

Não se gastava pólvora em "ximango". A munição tinha que ser reservada para os tigres, leões e queixadas. O entusiasmo do guapo caçador era tanto que às vezes ele descia a detalhes mínimos, mencionando até as árvores em que estavam os bichos trepados ao serem mortos, apontando, outras vezes, até mesmo a região atingida no corpo do animal, pela bala mortífera. Depois de haver pormenorizado as caçadas de umas dez tigras, sim, porque ele só matava tigras, pigarreou, fazendo uma pausa para macetar um pinhão... e quando se aprumou para continuar, um outro caçador ambicioso atalhou, dizendo: "e eu que perdi

MATE é a mais saudável e a melhor bebida do Brasil, recomendada pelos mais notáveis cientistas do mundo

Tomar MATE é garantir a saúde!

COLCHOARIA
Gonzaga
DE
APOLONIO GONZAGA

Especialista em

REFORMAS DE MOVEIS ESTOFADOS, ACOLCHOADOS PARA AUTOMOVEIS, CAPAS, COLCHÃO DE MOLAS E MOVEIS EM GERAL.

Felipe Schmidt 31 - Fpolis. STA CATARINA.



tudo isso"! Mas, nem bem havia proferido a última palavra, um outro companheiro "meteu a sua colher torta no meio da conversa, acrescentando, despicientemente: "pois olhem, fiquem sabendo que eu não lamento nada, porque estou vendo que aqui no Figueiredo só dava tigre..." Nesse momento um grande silêncio se apossou do ambiente e todos se entreolhavam desconfiados, quando o velho caçador, acostumado a enfrentar essas paradas fortes, não perdendo a sua austeridade, lançou um olhar perscrutador para todos os presentes, largou uma bruta gargalhada, logo transformada em côro por todos, e arrematou vitorioso: "sim senhor, tigres davam muitos, mas o "diacho" é que por aqui não deu homem na coronha da "tateteira" prá matá-los". A sessão foi suspensa e depois do característica "boa noite", todos foram dormir.

Abril de 1949.

L. R.

Restaurante Estrêla

Bebidas nacionais e estrangeiras

Cosinha a "la carte"

Asseio e prontidão

WALDEMIRO ALVES

Praça 15 de Novembro

A Exposição

de ELIAS FEINGOLD

RUA FELIPE SCHMIDT, 54 - TEL. 1603

Casemiras - Tropicais - Linhos - Brins e Sedas. - Confeções finas para homens, senhoras e crianças.

TAPETES E CONGOLEUNS.

Distribuidor dos aparelhos de rádio "Olimple", "Airmec" e RCA Radiola

VENDAS A VISTA E PELO SISTEMA CREDIÁRIO

FLORIANÓPOLIS

O Prazer de Viajar

Ildefonso Juvenal

Alguém nos falou entusiasticamente das excelências de uma viagem pelas largas, imensas estradas do espaço, onde não há pontes nem viadutos, nem túneis, pântanos ou alagadiços; onde não se margeia perigosos precipícios, nem se demora subindo montanhas e descendo escarpas.

A rapidez com que a gente se transporta de um para outro lugar, em uma aeronave, a beleza dos panoramas que do alto se descortinam, e muitas outras cousas úteis e interessantes, nos induz avaliarmos quão ideal deve ser para todos uma viagem aérea.

Entretanto, porque preferimos viajar pelo chão, dada a maior solidez de suas estradas... algo poderemos dizer de viagens que temos realizado por muitos dos noventa mil quilômetros quadrados do território catarinense.

Viajando ora de ônibus, ora nos carros de nossas estradas de ferro, hemos testemunhado cenas ou acontecimentos, alguns revestidos de excentricidade, o que nos tem feito rir a bom rir, desopilando o fígado; outros, recreadores do espírito, pela convivência, embora breve com pessoas e cousas dignas de aprêço, e ainda outros, lamentavelmente importunos...

Os ônibus são uns veículos camaradas... Alguns param a miúdo pelas estradas, para gaudir dos passageiros... Viajamos, certa vez, em um que parou durante o trajeto, primeiramente para o motorneiro adquirir alguns centos de lenha e depositá-los na parte trazeira do carro; depois para um passageiro comprar louça de barro em uma fábrica à beira do caminho; mais adiante, para uma senhora comprar repolhos e laranjas a um quitandeiro que anunciava a mercadoria em altas vozes; mais a alguns passos, para um passageiro adquirir um cacho de bananas; e, finalmente, para outro jogar no bicho, em uma vendôla, enquanto o motorneiro deixando por instantes o veículo, com o motor em funcionamento, ensurdecendo os nossos ouvidos, fôra ingerir qualquer líquido espirituoso, capaz de aumentar a pressão em a sua máquina humana... — **azeitar as molas**, como nô-lo afirmou sorridente.

Excentricidades dignas de nota, hemos também observado nos carros de nossas estradas de ferro.

Em um trem mixto em que viajamos certa madrugada, de Imbituba para Laguna, o vagão não possuía iluminação própria. A luz era fornecida por um côto de vela, colocado muito engenhosamente em uma das janelas do carro. Como eram funereos os seus pálidos lampejos!... Felizmente, providencialmente, o meio se "aclarou", graças à loquacidade vitroleante de um guarda, gordachudo, boêmio, devéras brincalhão, o qual manteve os passageiros durante o percurso, em franca hilariedade.

Apezar de tudo, é preferível viajar no trem mixto da madrugada ao lusco-fusco de uma vela de sebo, a fazê-lo no habitual das 12 horas, principalmente se o vento sopra de frente, tornando o interior do carro semelhante à cozinha do pobre, quando por acúmulo de fuligem na chaminé, o fôgão inunda a casa de um dilúvio de fumaça.

Os ramais de Urussanga, ao sul, e de Ibirama ao norte, primam por expôr aos viajantes "carros museus", isto é, primitivos carros, vindos para o Brasil, talvez pela época de sua Independência. Um colecionador de antiguidades, nêles encontrará muito que admirar.

Mas a cousa mais interessante por nós constatado, em viagens por estrada de ferro, observamô-la, há bem poucos dias, quando percorriamos os municípios de Blumenau e do Rio do Sul. Vinhamos do distrito de Lontras, onde existe o mais alinhado estabelecimento farmacêutico do Estado, de propriedade do competente profissional Paulo Alves do Nascimento, e nos destinavamos a Ibirama, celebre pelo seu magestoso hospital, afim de visitarmos os dois ilustres facultativos que ali mourejam, proficientemente, honrando e engrandecendo a divina ciência de Esculápio: Drs. Vitor Mendes e Muniz Aragão, aquêles proficientíssimo e conceituado clínico e êste reconhecido fisiologista, de justa e merecida fama e competente cirurgião, especialista em intervenções pulmonares, operando prodígios nessa difícil especialidade, como tivêmos ocasião de nos certificar pelas radiografias que nos foram mostradas, obtidas antes e depois do tratamento.

Desembarcamos na Estação de Subida, onde tomâmos a composição que trafega no ramal de Ibirama, composta apenas da máquina a vapor e um vagão, destinado à toda classe de passageiros. Logo que embarcâmos, a composição começou a se movimentar. Persuadimo-nos de que o trem se achava operando necessária manobra, pois a máquina ao invéz de puxar, empurrava o vagão, mas logo nos dissuadimos, ao ver que o trem ganhava distância, o que nos levou a perguntar ao chefe do trem, se aquela máquina iria fazer todo o percurso, empurrando e não puxando o vagão, — ao que o homem nos respondeu afirmativamente.

— E no caso de se encontrar qualquer objeto sobre os trilhos?! Como removê-lo, evitando descarrilhamento, se o **limpa-trilhos** se encontra escondido entre a máquina e o vagão?! — aventuramos curiosos.

O homem calmamente nos esclareceu, apontando para um guarda que se achava à frente, vigiando a estrada, como o gageiro que no mastro de prôa do navio, descortina o oceano: — "Não há perigo, meu amigo... Aquêles guar-

da está vigilante. Quando surgir qualquer impecilho, êle nos avisará".

E assim, empurrados pela pequena máquina, resfolegante, que não parou, nem sequer para beber água ou comer lenha, vencemos, cheios de preocupação, a dezena de quilômetros que vão de Subida a Ibirama.

"Cada terra com o seu uso e cada pino com o seu fuso", já dizia aquêles velho circunspeto, o popular filósofo conhecido vulgarmente pela alcunha de Rifão. Teria êle, sido também, quem asseverou não poderem os carros andar adiante dos bois?...

Em uma época como a atual, em que os bois voam de uma para outra região, nas azas dos aviões, não seria de estranhar se alguém, procurando imitar o trem de Ibirama, procurasse jogar por terra, o que a sabedoria popular vem há milênios propagando...

Como seria interessante, pela sua excentricidade, a gente viajar em veículo, não puxado, mas empurrado por nédios e pachorrentos bovideos!

A par dessas cenas jocosas, desenrolam-se outras, desagradáveis, capazes de nos fazer desembarcar e ficarmos sózinhos no meio da estrada, à espera do primeiro veículo! Por vezes é um passageiro semi-selvagem, que se espreguiça à nossa frente ou ao nosso lado, "cachimbando" fumo ruim, fedorento, soprando para as nossas narinas fumaça nauseabunda, cuspidando a todo o instante, revoltando o nosso estômago já enjoado com as sacudidelas do veículo; por outras, um "letrado" que entende treinar para vereador ou deputado, à nossa custa, e se põe a falar sem reboços, de tudo e de todos, de política e de questões sociais, de religião e da carestia da vida, e aí, todos os olhares e todos os ouvidos se voltam para o homem parlador e para nós que o atuamos pacientemente, prescrutando, intencionados de saber se êle está manifestamente contra ou a favor de Moscou...

Como deverá ser agradável viajar em país estrangeiro, onde o viajante, porque não entende o idioma do lugar, só atende às explicações do cicerone poliglota! Aí, os olhos se deslumbram de ver, sem serem perturbados pelos ouvidos, que não escutam o que não devem... lugares onde os importunadores não se manifestam abertamente, como receio de se haverem com a policia de costumes...

Viajar... Como é bom viajar! Mas nem sempre pelo interior do nosso e outros Estados, em determinados veículos públicos. Recreia-se o espírito, desopila-se o fígado, mas, por vezes, estraga-se os nervos...

LIVROS NOVOS

A OUTRA FACE

Poesia — J. G. de Araujo Jorge —
Editôra Vecchi — Rio, 1949

Depois de publicar "Meu céu interior" e "Amo!" em novas edições, para atender ao interesse crescente dos leitores brasileiros, pelos livros de Araujo Jorge, a Casa Editora Vecchi vem de lançar mais um trabalho do consagrado escritor brasileiro.

Trata-se de "A OUTRA FACE", um livro onde o sentimento das coisas atuais e o espírito humano da vida moderna, inspiraram ao poeta de tantas obras consagradas, um trabalho original e cheio de beleza. "A OUTRA FACE", traduz no esperanto dos símbolos, uma poesia que é um reflexo das nossas emoções cotidianas.

Como epígrafe do livro, o autor nos informa que "A poesia é como aquela face da luta que ninguém vê, voltada sempre para o infinito". Sendo bela a imagem, é antes de tudo verdadeira. E talvez por isso mesmo, "a outra face", voltada para o infinito, reflete as paixões e os sentimentos desta face prosaica, voltada para a terra, face não menos iluminada e ardente.

Eis um livro que revela um novo aspecto deste poeta múltiplo e inesgotável. Captando a vida de todos os dias, desdobrando imagens objetivas em suas realidades, subjetivas, falando do amor, da paz, do sonho, da esperança, através de imagens que são as que povoam todos os destinos, Araujo Jorge, nos dá um livro moderno palpitante de sangue e de verdades.

Rainer Maria Rilke, (outra epígrafe citada pelo poeta), manda que não culpemos as coisas prosaicas da vida, mas a nós mesmos, quando não tivermos poderes para

tirar delas seu extrato de poesia.

Araujo Jorge, realiza desta vez este paradoxal milagre da arte; tira das coisas, muitas vezes aparentemente prosaicas, realidades belas, submersas, e que só um verdadeiro artista poderá alcançar.

Livro diferente de "Estrêla da Terra", do "Canto da Terra", onde o poeta é social e político. Livro "Amo!", "Meu céu interior", "Eterno Motivo", e tantas outras obras ricas de lirismo, A OUTRA FACE, é um caleidoscópio refletindo a vida em seus diversos e imprevisíveis aspectos.

Com este novo livro, que aumenta a sua já considerável bagagem literária, não há dúvida de que J. G. de Araujo Jorge, está publicando uma obra marcante na moderna poesia brasileira.

O poeta que conseguiu o maior público leitor de que se pode orgulhar um escritor brasileiro, aumenta sua obra em todos sentidos: em extensão e profundidade.

A OUTRA FACE, vem magnificamente apresentado, em um volume de mais de 200 páginas, com capa em tricomia do pintor Jan Zach.

ATIVIDADE DOS NOVOS

As maiores vozes da nova poesia brasileira são sem dúvida formadas pelos jovens poetas Fernando Ferreira de Loanda e Aôr Ribeiro, ambos prometem auspiciosa estréia para o ano de 1949. O primeiro com "Odes e Trenos" e o segundo com "Refúgio".

Fernando Ferreira de Loanda empregado ultimamente em grandes atividades literárias e ao mesmo tempo dirige a revista "Orfeu", organizou no fim de 1948 a antologia: "Panorama da

Nova Poesia Brasileira". Trás a mesma um rico prefácio o escritor Álvaro Lins, sairá breve.

Ainda para este ano teremos Darcy Damasceno com "Pêndulo e Mito", Fred Pinheiro com "Prisma" e Domingos Feliz de Sousa com "O Pátio" (contos).

CANTO DO MARINHEIRO POBRE

Audaz marinheiro
Que vem de alto mar,
Que trazes no barco
Tristonho e sereno
Que singra estas águas?...
— Saudades do lar?!...

Na praia distante,
Crianças pequenas
Esperam que voltes
De novo à palhoça...
Audaz marinheiro
Que vida tú levas
Lutando c'o as águas
O dia inteirinho?!...

Não pensas na vida,
Na morte que ronda
O barco perdido
Nas ondas do mar?...
Não leembras dos filhos
Que lá, na palhoça,
Alegres, esperam
Que voltes p'ro lar?!...

Audaz marinheiro,
Valente soldado
Das águas do mar...
Sem arma guerreira
Transpões a barreira
Que encerra esta frase:
"Viver é lutar!..."

Alberto Isaías Ramires

do Centro Cultural "Humberto
de Campos", de Espírito Santo —
Est. Esp. Santo.

COMERCIAL E INDUSTRIAL

FETT LTDA.

Indust. e Exportadores

Madeiras beneficiadas :

Forro, assoalhos, abas, caibros, reguas, e
demais madeiras para construções.
Caixarias pinho. — Resserrados.

ESCRITÓRIO E DEPOSITOS :

Rua 24 de Maio 246/258.

Tel. 23 — Estreito — Florianópolis.

End. Telegr. — "TELMO"

Caixa Postal 16

Fábrica : CAMBIRÉLA, mun. de Palhóça

Torrefação e moagem de café

"MIMI"

Fabricante: I. C. Pires

Rua Cel. Pedro Demoro, 1352

ESTREITO

FLORIANÓPOLIS — S CATARINA

"Tome Café MIMI"

Exija-o de seu fornecedor

ADORAR...

(Especial para "ATUALIDADES")

Adorar significa reconhecer em Deus o princípio e o fim de todo o universo.

— Meu Deus, eu vos adoro. Nada se fez senão por vós e tudo para vós se destina. Vós tudo creastes e para vós tudo converge. Sois o Supremo Senhor, diante do qual tudo se inclina reverente.

A definição dada é brevíssima: princípio e fim de todas as cousas. Mas, para adorarmos a Deus com plenitude de compreensão, devemos penetrar seu significado com muito mais demora.

PRINCIPIO E FIM DE TODAS AS COUSAS. Reconhecer em Deus o princípio e o fim de todas as cousas significa deixar no plano da contingência tudo o mais, até nós mesmos. Equivale a descermos em espírito a escada dos séculos, ir além da aurora da humanidade, ainda antes da formação da crosta terrestre, e dizermos: houve um dia em que era só Deus.

Do mundo nada existia. Em seu lugar repousava o abismo inconsistente do nada. Apenas um Espírito eterno e invisível pairava nos espaços vazios.

Deus sempre existiu e existirá, porque é de sua essência não ter princípio, nem fim. Na essência de Deus a nota predominante é a perfeição plena, tudo contendo, nada faltando. Seus limites não tem fim, Deus é infinito.

Consequência importante daí se deduz. Nós e todo o universo não lhe somos necessários, poderíamos não existir, estamos na pura contingência. Mas, se existimos, foi por um ato livre da vontade de Deus. O universo inteiro apresenta-se-nos como algo de bom. Disto, porém, não precisava Deus, porque em si possui toda a perfeição.

Se em Deus há tudo, as criaturas somente poderão ser uma reprodução de algum aspecto já existente em Deus. Mesmo assim, por mais criaturas que se criem para reproduzir perfeições divinas, nunca

conseguirão fazer um crescimento de perfeição. A quantidade continua sempre a mesma. O aumento foi apenas numérico, a maneira de fotografias que se reproduzem sem realmente aumentar o conteúdo estampado. Imaginemo-nos uma linha que parte para o infinito. Por mais paralelas que lhe tracemos, a distância geométrica não aumenta. O infinito é sempre o mesmo infinito. Multiplica-se apenas a linha original em seu significado numérico, não no quantitativo. Deus é a grande paralela. As criaturas não passam de reproduções da linha primária a diferentes alturas do percurso.

Portanto, Deus não precisa de nós para ser depositário de toda a perfeição. Quando, no princípio, a seu lado, só existia um grande abismo inconsistente, nada havia que reclamasse nossa existência. Só Deus, este Ser que de nós nunca sentiu necessidade, podia dizer: **exista a luz, faça-se o firmamento, as águas ajuntem-se num só lugar e apareça a terra enxuta, produza herba verde, animais viventes.** Viu Deus que isto era bom, e por fim disse também: **façamos o homem à nossa imagem e semelhança e presida a toda a terra** (Gênesis, 1º capítulo). E se Deus quis galar-doar-nos com o dom da existência, fê-lo apenas por puro querer de bondade. Pura bondade!

Este é o fato. Reconhecê-lo, agora, com a nossa boca, eis o que vem a ser adoração no sentido verdadeiro.

FIM DE TODAS AS COUSAS, é o segundo elemento da adoração. Fim é aquilo pelo qual alguma coisa se faz. Que poderia Deus projetar com a criatura, ao fazê-la, senão que ela fosse a glória do Artista e a felicidade de si mesma? Os bens recebidos pela criatura como que fulgem, manifestando a riqueza do ser divino, de que são reprodução parcelada, noticiando por toda a parte os esplendores de Deus. Ora, isto constitui senão glória de Deus, porque a glória outra coisa não é que um certo brilho. Esta vem a ser a face externa da criatura. A face interna constitui a felicidade. A criatura, em recebendo tantos dons, que por fora brilham, não pode senão comprazer-se. Ela como que veste um bellissimo casaco de duplo efeito. Por fora ostenta a gala (glória de Deus). Por dentro aquece o corpo (felicidade).

E não podia ser de outra forma. O fim da obra é realizar aquilo a que foi destinada. Acontece que, no caso da criação, este coincida com os objetivos do Operante. Tudo quanto a criatura deve operar, também o Criador quer que ela o opere. Deus quis dar à sua obra. Logo, a esta compete receber. Recebido o que lhe foi dado, está, ali, a criatura a exibir quanto re-

cebeu, o que vem a ser glória, eternamente, e felicidade, internamente. Receber, usufruir, glorificar, exibir passam a constituir diferentes aspectos de uma mesma realidade.

Nada melhor do que a poesia para entoar as magnificências da natureza em oração. Unir-se aos três mancebos do livro de Daniel (3,57-88), repetindo seu cântico, será uma forma bellissima de louvar o Senhor:

57. "Obras do Senhor, bendizei todas ao Senhor. Louvai-o e sobre-exaltai-o para sempre.
58. Anjos do Senhor, bendizei ao Senhor.
59. Céus, bendizei ao Senhor.
60. Águas todas que estais acima dos céus, bendizei ao Senhor;
61. Exércitos do Senhor, bendizei todos ao Senhor;
62. Sol e lua, bendizei ao Senhor;
63. Estrelas do céu, bendizei ao Senhor;
64. Chuva e orvalho, bendizei ao Senhor;
65. Ventos todos, bendizei ao Senhor;
66. Fogo e calor, bendizei ao Senhor;
67. Algêdes e frio, bendizei ao Senhor;
68. Rocios e chuvas, bendizei ao Senhor;
69. Gêlo e geada, bendizei ao Senhor;
70. Saraiva e neves, bendizei ao Senhor;
71. Noites e dias, bendizei ao Senhor;
72. Luz e trevas, bendizei ao Senhor;
73. Raios e nuvens, bendizei ao Senhor;
74. Bendiga a terra ao Senhor Louve-o e sobre-exalte-o para sempre
75. Montanhas e colinas, bendizei ao Senhor.
-
82. Filhos dos homens, bendizei ao Senhor;
84. Sacerdotes do Senhor, bendizei ao Senhor.
86. Espíritos e almas dos justos, bendizei ao Senhor;
88. Ananias, Azarias, Misael, (que eram os nomes dos três mancebos), bendizei ao Senhor. Louvai e sobre-exaltai-o para sempre".

Ali temos a explanação teórica e concreta de toda uma definição, a saber, que adorar significa reconhecer em Deus nosso princípio criador e fim último. O tema revela-se interessantíssimo e acreditamos que tivesse valido a pena penetrá-lo, porque nos dá a ocasião de viver com mais força e exatidão a existência em toda a sua plenitude.

Evaldo Pauli

DR. ORLANDO FILOMENO

Cirurgião-Dentista

(20 anos de prática)

Vários Cursos de Especialização em dentaduras

Consultório

Avenida Hercílio Luz, 69 esquina da Rua Fernando Machado

Música e Dança entre Índios do Brasil

Francisco S. G. Schaden

(Do Inst. Hist. e Geogr. de Santa Catarina).

I

Ouve-se às vezes a opinião errônea de que os índios sulamericanos possuem um "senso musical" muito rudimentar. É verdade que as culturas ameríndias do Brasil e das terras vizinhas não emprestam em geral às artes do som e do ritmo a ênfase extraordinária que lhes cabe, por exemplo, em numerosos grupos do continente africano. Mas, de outro lado verificou-se que em muitas tribos se encontram pessoas que aprendem com relativa facilidade a nossa música instrumental. Assim, os Missionários Salesianos, que se incumbiram da catequese dos Bororo do Mato Grosso, formaram, logo nos primeiros anos, uma orquestra que logrou calorosos aplausos na capital do país. Todos os componentes eram índios daquela tribo. Grande foi também o êxito alcançado outrora em Buenos Aires pela orquestra de índios Nokobi da célebre redução do Padre Floriam Baucke. E é notório que na vida das Sete Missões tiveram papel de relêvo as bandas de música organizadas pelos Jesuítas.

Deve-se, pois, receber com a necessária desconfiança os juízos, na maior parte levianos, sobre a "incapacidade musical" dos índios. Em seu livro "Brasilianischer Sommer", Hermann Uilmann, referindo-se aos Xokleng ou Botocudos de Santa Catarina, afirma terem falhado inteiramente tôdas as tentativas de ensinar música a crianças da tribo. E aventura-se à conclusão de que essas crianças possuíam memória ótica, mas não acústica. Ora, conheçamos o caso da índia Korikrá, dêsse mesmo grupo, que em criança foi adotada pelo Dr. Hugo Gensch, médico de Blumenau. Ouvindo-a pela primeira vez cantar as suas canções primitivas, estas lhe pareciam muito melancólicas e lembravam o zumbido de uma vespa. (Dr. Hugo Gensch, "Ein Indianermädchen", Internationaler Amerikanisten — Kongress, Viena, 1908). Em sua comunicação, o médico informa: "Quanto à música, não tardou a revelar grande interesse e um talento natural. Vencido o primeiro acanhamento, ela cantava as suas canções, de conteúdo em grande parte sério e contemplativo, e predominantemente em menor e compasso de dois quartos. Mais tarde, punha-se a cantar canções alegres em maior e quase tôdas em compasso de três quartos". E em

outra passagem: "Comprei-lhe uma gaita dupla, que aprendeu a tocar bem no decorrer de curto espaço de tempo. Foi grande a sua alegria quando eu lhe comprei outra maior. Começou a marcar corretamente o compasso com os pés enquanto tocava as músicas e a mover o corpo de forma rítmica, e em pouco tempo adquiriu uma habilidade tal que eu não me atrevo a concorrer com ela". — Mais ou menos na mesma época foi educado, no Colégio Santo Antônio, de Blumenau, um índio Xokleng, que, segundo o testemunho de um de seus professores, se destacava entre os colegas pela facilidade com que aprendia as lições de música.

Uma vez que as artes indígenas — e a música de maneira especial — estão ligadas intimamente com a vida religiosa da tribo, é difícil apontar um instrumento musical que não desempenhe papel de relêvo nas cerimônias de culto. Em sua maioria, os sons produzidos pelos chocalhos ou maracás, pelos tambores, bastões de ritmo, buzinas, flautas, zunidores e outros instrumentos que acompanham as danças rituais dão a impressão de reproduzirem, antes de mais nada, determinados ruídos da natureza ou vozes de animais. Ora se parecem com o estrondo soturno dos trovões, ora com o bramido das cachoeiras ou com o sussurrar do vento e das chuvas. Outras vezes se diria que imitam os gritos ou o gorgoejo de certas aves. Mas na realidade, qualquer que seja a sua origem, a música indígena tem uma significação muito mais profunda, decorrente de seu caráter sagrado e da função primordial de fornecer um liame entre a comunidade dos vivos e o reino dos mortos, dos heróis ou dos deuses.

Com efeito, na maioria dos casos o som dos instrumentos musicais de nossos índios simboliza ou "é" a voz dos espíritos, dos antepassados míticos ou das almas dos defuntos. O médico-feiticeiro ou "rezador" Guarani recorre aos sons rítmicos de seu maracá para se pôr em comunicação direta com a divindade suprema de sua religião. Segundo informações quinhentistas, os Tupi da zona litorânea interpretavam os ruídos do chocalho como a voz de algum espírito. O zunidos, que os Bororó e outras tribos brasileiras fazem

ouvir em certas festas rituais, é um instrumento sagrado e parece reproduzir, pelo menos originariamente, a voz de avoengos totêmicos. Esta significação é também a das grandes flautas "kadukê", tão importantes no culto religioso dos Mundurukú. O Padre Kruse, missionário que estudou a vida e as tradições dêsse aborígenes do Tapajoz, escreve: "Os antepassados dos clãs, tubê ou unçun, estão abrigados nos adukê, grandes instrumentos de sôpro, que se consideram como seres vivos. Na festa dos homens tocam-se os kadukê. Por fim, derrama-se na abertura superior das flautas uma porção de mesêri, que é uma beberagem de manicuera consumida na solenidade; numa cuia, colocada em baixo, recolhe-se a bebida para tomá-la (!). O objetivo da cerimônia é fazer com que o antepassado não fique bravo e conserve sempre uma atitude favorável para com os seus descendentes". (Citado por Egon Schaden, "Ensaio etno-sociológico sobre a mitologia heróica de algumas tribos indígenas do Brasil", pág. 132). As trombetas ou buzinas de "jurupari", em torno das quais gira quase todo o ritual religioso de muitas populações primitivas do território das Guianas, reproduzem igualmente a voz de espíritos. Em suas "Viagens às regiões equinoxiais", Alexander von Humboldt conta que os índios do Alto-Orinoco veneram uma trombeta sagrada, feita de argila cozida; é um tubo de uns três ou quatro pés de comprimento, que em vários pontos se amplia em forma de esfera. Kachimana, o "grande espírito", comunica a sua vontade através dêsse instrumento, cuja guarda fica a cargo dos médicos-feiticeiros ou "piaches".

Comumente os zunidores, as tubas sagradas e outros instrumentos rituais que representam totens, espíritos ou divindades da religião tribal constituem tabu para as mulheres, a que não é permitido vê-las, sob pena de morte.

Diante dêsse fato, parece ficar evidente a ingenuidade dos que tentam chegar a uma compreensão satisfatória da música indígena encarando-a como simples resultante de talentos mais ou menos rudimentares ou mais ou menos privilegiados. É preciso ir ao âmago das culturas primitivas para se entender as suas manifestações de arte.

JANICE

Romance de JOSÉ CORDEIRO

Continuação

V

Aos vinte e dois anos de idade — principiou Geraldo a narração — eu me afigurava igual à maioria dos rapazes do meu país que voltam das universidades: era ignorante e presumido. Da vida só conhecia o lado fútil, — os prazeres dos sentidos e a satisfação plena de meu egoísmo imensurável. Enexperiente, levado por um estado dalma misto de desejo e curiosidade, casei-me, antes mesmo de completar vinte e três anos. Maria Amélia era linda, meiga, doce, carinhosa, tolerante, compreensiva e de uma bondade extrema. Vivíamos felizes, isto é, eu vivia satisfeito, — embriagado do que me parecia felicidade; e pouco se me dava que minha mulher pensasse e sentisse de igual maneira. Eu só cuidava de mim mesmo, como se eu fosse o centro do mundo. Mas à medida que as virtudes atrativas de Maria Amélia se revelaram mais nitidamente à minha percepção, apoderava-se de mim um mêdo pânico de a perder. Ao fim de poucos meses, um ciume atroz dominou-me por completo, — ciume que eu disfarçava, ocultava, recalcava, para que nem ela nem pessoa alguma percebesse. Assim, embora simulasse viver normalmente, eu vivia amargurado e sofria, — um sofrimento horrível! Meu ciume, aos poucos, degenerou e tornou-se patológico. Foi quando a idéia exclusiva de posse me trouxe à mente esta outra: a de reclusão e sequestro...

Interrompeu-se para perguntar:

— Estou me alongando muito, Reverendo?

— Absolutamente — respondeu Frei Gabriel.

— Está sendo claro, preciso e, até, interessante.

Eu enxergava — prosseguiu Geraldo — em cada homem, fosse êle moço ou velho, feio ou de boa aparência, uma constante ameaça ao que eu chamava — minha felicidade conjugal. Devia, por consequência, em razão de minha lógica, afastar Maria Amélia do convívio de todos os homens. Afastei-a a pouco e pouco, — sutilmente, dissimuladamente, para que ninguém percebesse. Certa vez cheguei em casa fingindo achar-me alegre — porque a verdadeira alegria de há muito que eu estava muito longe de sentir. Falei com naturalidade a Maria Amélia, e creio mesmo que lhe dirigi um gracejo. Ela olhou-me a sorrir. Parecia contente; e chegou-se a mim, acariciando-me a cabeça.

— Escute, benzinho — disse-me ela em tom de voz carinhoso — você não se aborrecerá se eu lhe fizer uma pergunta?

— Eu? Não. Por que aborrecer-me?

— É natural. Às vezes há qualquer coisa que a gente deseja esconder, e a gente não gosta que façam perguntas...

— Tem você algo a esconder de mim?

— Eu?!

— Quem havia de ser?

— Eu?

— Claro.

— Que idéia! Eu não, querido!

— Quem sabe? Ninguém pode penetrar no coração da mulher. No coração, é um modo de dizer, — no subconciente. É região interdita e indevassavel. Depois, a mulher é dissimuladora habilitíssima. Se há em sua cabeça um pensamento oculto, não se sabe ao certo quando a mulher mente ou quando está dizendo a verdade...

— Geraldo, meu bem — atalhou ela — que é isso? Que há com você? Parece que duvida de mim?

— Duvidar de você prôpriamente, não. Eu duvido é das mulheres! Duvido de todas as mulheres!

— Por que, meu bem?

— Eu explico. Intrinsecamente e por educação defeituosa, a mulher, em geral, revela tendências introspectivas. Assim, porque não podem dar expansão a íntimos desejos, elas recalcam; e quando sobrevem o momento propício, dá-se a eclosão. E se a eclosão se dá, elas não se detêm diante de coisa alguma... Tornam-se capazes das maiores indignidades, — principalmente de mentir, de iludir, de enganar, de trair! Você é mulher; há de agir como mulher. Pode muito bem dizer que me ama, e na realidade não me amar, e amar a outro, dizendo que me ama! Pode estar em meus braços pensando em outro... Você é linda! É muito linda! É linda demais, sabe? Não haverá um só homem que diga o contrário! Você atrai! Você perturba! Você desperta o desejo! E todos olham para você. Todos a desejam, compreende? Todos dariam a vida por possuí-la! Eu também, — se você não fosse minha mulher... Pois bem, eu darei a vida para continuar a possuí-la, e matarei, e tirarei uma e muitas vidas para não a perder! Eles, os homens todos que a vêem, desejam possuí-la, e você "em pensamento" é possuída por êles! É possuída, ouviu? E eu? Sim! E eu? Eu sou, apenas, o marido, — talvez o marido enganado...

— Geraldo, meu amor! — disse Maria Amélia em tom humilde e suplicante, com os olhos humidos, prestes a chorar. É justamente sôbre você que eu queria fazer a pergunta... Não se aborreça, queridinho. Faça um grande esforço, e controle-se; e veja se escuta paciente o que lhe quero dizer. Pode?

— De certo que posso. Sou homem normal...

— Pois bem, de uns tempos para cá você está ficando diferente! Anda triste; anda sempre com ar zangado! Já não brinca, não graceja nem conversa comigo. Ao entrar em casa vem com ar desconfiado; põe-se a olhar os cantos, — a pesquisar, como se estivesse procurando alguma coisa. Examina os cinzeiros, as almofadas e as poltronas. Espia por todos os cantos da casa. Chega inesperadamente. Por que?

— Por que? Estará você, Maria Amélia, insinuando que eu...

— Não, querido! Não insinuo coisa alguma! Não tenho o costume de falar com segundas intenções: e creio que você me conhece bem para saber

que sou franca e sincera. Não, meu bem. Você anda nervoso... Seus trabalhos nas minas esgotam-no! Descanse um pouco; umas férias haviam de fazer-lhe bem. Olhe, vamo-nos divertir uma vez por outra; vamos reviver os primeiros tempos de casados! Não temos saído mais, Geraldo! Não temos ido nem ao cinema, de que eu e você tanto gostavamos! Vamos aproveitar a mocidade! A vida é boa! Vamos rir! Vamos dançar!

Maria Amélia, coitada — prossiguiu Geraldo — falava com entusiasmo, e em seus olhos havia intenso brilho. Ela abraçou-me e reclinou sua linda cabeça em meu ombro. Depois beijou-me a face; e pôs nesse beijo tôda a imensa ternura de sua alma de santa. Eu permanecia insensível, imóvel, calado, olhar fixo, a raciocinar como qualquer paranoico, — remoendo uma idéia fixa. E quando ela pensou que eu tivesse voltado à normalidade, deixou-a perplexa, dizendo:

— Sim! Lembrar os tempos idos! Cinemas, passeios, festas e bailes! E rir, e folgar e dançar! Não é isso?

— Sim, meu bem — confirmou a coitadinha, emocionada. A vida é curta e cheia de conflitos e contradições. As alegrias são rápidas e passageiras; as tristezas — são lentas e demoradas. Vamos, Geraldo! Aproveitemos o lado bom e alegre da vida!

— Sim! Eu sei; tenho absoluta certeza! O que você quer é mais ou menos isto: divertir-se! Quer ver homens! Quer entrar em contacto com eles! Quer dançar! Quer ser abraçada, envolvida e apertada por eles! Quer que eles a retenham nos braços! Que eles a cortejem! Que a beijem! Que eles...

— Basta! — gritou ela. Não o escutarei mais! A princípio eu percebi que se tornava grosseiro. Vejo agora que o ciúme o enloquece!

— Ciúme, eu? Tem graça...

E ria como um louco.

A soluçar copiosamente, Maria Amélia exclamava, profundamente sentida:

— Como sou infeliz! Que fiz eu, meu Deus, para merecer êste tormento?

VI

Daí por diante — é ainda Geraldo quem fala — pelo menos a Maria Amélia, não pude mais esconder o ciúme terrível que me transtornava a mente e impedernia o coração. Passei a vigiá-la com redobrada cautéia. Estudava, comparava e analisava cada gesto que ela fazia e cada palavra que lhe saía dos lábios. Minha razão obliterada, cedendo a preconceitos subconscientes, e meu raciocínio, condicionado ao ciúme, — em tudo viam suspeitas e culpabilidades. E em meu cérebro tomou vulto e consistência, uma sombra funesta: o medo! Eu tinha medo, — medo de que ela já me não tivesse amor, de que me enganasse e, principalmente, o que mais me perturbava, medo de perdê-la, a ela, que era tudo para mim! Uma tarde estava eu a ler, ou por outra, tinha um livro nas mãos, corria os olhos por êle, mas não conseguia decifrar uma linha sequer. Maria Amélia aproximou-se de mim, sentou-se ao meu colo, passou um dos braços pelo meu pescoço e beijou-me muitas vezes, a dizer:

— Está zangado comigo? Está muito zangado, benzinho?

— Por que pergunta? — disse eu, — e exprimi-me num tom sêco, quase agressivo.

— Eu perdi a calma; respondi mal a você. Parece que o ofendi... Mas, já estou arrependida, sabe?

Abraçou-me com mais força, beijou-me com maior ternura e continuou:

— Amo-o tanto, Geraldo! Nós devíamos acabar com estas brigas, e não brigar mais! Vamos voltar ao que eramos antes? Você quer?

— Não depende de mim — disse eu no mesmo diapasão hóstil.

— De quem depende? — perguntou ela, ameaçando chorar.

— Exclusivamente de você...

— De mim?

— Claro!

— E você diz isso conscientemente?

— Sem dúvida alguma!

— Não seja injusto, meu bem! Meu amor por você é o mesmo! Eu procuro ser delicada, terna e carinhosa! Não o contrario em coisa alguma! Faço o que me é possível por ser boa! Não tenho a mais leve recordação de ter feito alguma coisa de mal! Cumpro o meu dever de esposa! Desempenho com boa vontade a missão que me cabe! Que mais você exige de mim? Diga, Geraldo, que deseja?

— Quer mesmo saber?

— Quero sim, meu bem. Entre marido e mulher não devem existir segredos; deve haver franqueza...

— Pois bem! Já que você quer franqueza... Mas depois não venha com cenas! Quer, realmente saber?

— Quero!

— Vou levá-la daqui! Para longe! Para o Sertão! Para onde você não possa exibir sua beleza! Para onde não haja homens que a desejem, — homens que a não devorem com os olhos, homens que ao vê-la não alimentem pensamentos malsãos! Homens que não a queiram ter entre os braços! Que não a queiram afastar de mim! Que não a queiram roubar de mim!

Maria Amélia — continuou Geraldo com serenidade — olhou-me espantada e empalideceu. Seus olhos foram-se cobrindo de névoa; e as lágrimas sustidas havia pouco, começaram a cair-lhe pelas faces. Ficou silenciosa por alguns instantes — silêncio de espanto e receio — e abrindo-se em soluços, perguntou:

— Que é isso, Geraldo? O ciúme o transtornou? Você está louco!

— ... Levarei você para longe — dizia eu com a fisionomia transtornada, olhos arregalados, gestos desconexos e sorriso indefinido de quem houvesse de súbito ensandecido — para um lugar afastado, para as minas do Guatá! Lá eu serei superior a todos! Lá eu mandarei! Lá eu terei poder quasi absoluto! Lá você estará no meio de homens feios, sujos, desleixados, impregnados de pó de carvão, cheirando a piritá, mal encarados, quase repulsivos! Eles não desejarão você porque vivem em suas mansardas, fatigados, mal alimentados, doentes, em seus aldeamentos imundos, muito longe de você! E você não os desejará porque eles lhe parecerão repugnantes... Lá, Maria Amélia, você há de ser só minha! Minha! Inteiramente minha! Minha de corpo e minha de alma!

E eu — contou ainda Geraldo — pus-me a rir, às gargalhadas, inteiramente sem domínio da razão. Ela, minha esposa, não mais resistiu. Estava além de suas forças o suportar o martírio a que eu a submetia em minha loucura.

— Não, Geraldo — disse ela com dignidade. Não serei mais sua! Há uma barreira intransponível entre mim e você: o seu ciúme sem fundamento, o seu louco ciúme! Você me tortura e me oprime! Você me escraviza e mata aos poucos! Não suporta-

Jansen Filho

Clélia Lopes de Mendonça

Não quero reviver aqueles dias
Risonhos passageiros e banais,
Do nosso amôr, das nossas alegrias
Que os tempos idos não trarão jamais...

Vendo morrerem minhas fantasias
E os nossos belos sonhos de cristais,
Rasguei do nosso amôr as profecias
Porque relê-las não pretendo mais!

Como foi nosso idílio passageiro!
— Eu pensava que fôsse o tempo inteiro
E não como uma lágrima que corre!

Na tela dêste amôr radiosa e linda
— Tu vives de um martírio que não finda!
— Eu vivo de um passado que não morre!

João Pessoa, 1949.

Tive teus lábios unidos aos meus
Naquele beijo que foi o estigma
Do nosso triste adeus!

Tive teus olhos bem dentro dos meus
Encerrando o segrêdo tão singelo
Do nosso triste adeus!

Tive momentos de emotividade
Na paisagem daquela desventura
Quando fugiu-me a felicidade!
Tive a tortura infinda e o sofrimento
Quando te ví partir para bem longe
Levando os sonhos de um deslumbramento...
Fiquei sozinha co'alma embriagada
Sorvendo o vinho rôxo da Saudade,
Doce veneno que entorpece os sonhos!

Na taça de cristal dos meus desejos
Afoguei o calôr daqueles beijos...
Hoje recordo o nosso triste adeus
E evoco com saudade os lábios teus!

rei mais um minuto sua tirania! Adeus, Geraldo!
Adeus para sempre!

Vendo-a encaminhar-se à porta, resoluto, e em
passos firmes, desatinei-me por completo, e gritei:

— Que é isso? Onde vai, Maria Amélia?

— Vou-me embora! Você não me quer! Vou
para casa de meus pais! Não o quero ver nunca
mais!

— Não! Não! Não! E eu? Você não pode fazer
isso! Não me pode abandonar! Não! Não me aban-
donará...

— Não há outro remédio — exclamou Maria
Amélia, já da porta. — Mandarei buscar minhas
coisas. Você enlouqueceu!

— Eu?!

— Você sim! E Adeus pela última vez!

— Não! Não! Não! Volte! Volte, Maria Amélia!
Ela deteve-se um instante para responder se-
camente:

— Nunca mais hei de voltar!

E dando-me as costas continuou a andar.

— Pare! Nem mais um passo! — ordenei eu,
completamente cego de raiva. — Você quer, não
quer? Pois tome!

Toldou-se-me a vista. Uma onda de fúria neu-
tralizou-me o raciocínio lógico e amorteceu-me a
razão. Não mais me pude conter. Saquei de um re-
volver que trazia sempre comigo, sempre que ia
inspecionar os trabalhos das galerias e embocamen-
tos; e descarreguei-o sobre ela, até a última bala.

Maria Amélia, de costas para mim, perdeu
equilíbrio, cambaleou e caiu à porta, a esvaír-se em
sangue, mortalmente ferida. Olhou-me com uma ex-
pressão triste, e balbuciou a custo:

— Você me atirou! O ciúme... o ciúme... nos
arruinou. Que pena! Se não... fosse o... ciúme...
podíamos ser felizes!

Eu atirei-me a ela, aos gritos:

— Não! Não pode ser! Não é possível! É men-
tira! Eu não sabia o que estava fazendo! Eu não
queria matá-la! Foi uma loucura, Meu Deus! Não
Não quero que morra! Não, querida, você não po-
de morrer!

E abracei-me a ela, embebendo-me de seu san-
gue, a soluçar convulsamente.

Ela dizia-me num derradeiro alento:

— Que Deus... o perdõe... e... proteja!

E começou sua última préce, com extrema di-
ficuldade:

— Pai... nosso... que... estás.. nos... céus... san-
ti... fi... ca... do... se... e... e... j... a...

E calou-se para sempre!

Ao exalar-se-lhe o suspiro final, um leve sor-
riso iluminou-lhe a face.

Eu gritava, preso de imenso desespero:

— Morta! Morta Maria Amélia! E fui eu! Fui
eu quem a matou! Eu sou um assassino! Prendam-
me! Prendam-me! Matem-me também.

(Continúa)

Uma História Pequena...

(Especial para «ATUALIDADES»)

WILMAR GERENT

À Mimi, com os afetos de seu irmão.

Tarde sombria de outono num recanto da linda Piracicaba. O sol já descambara no horizonte e a cidade parecia envolvida num manto escuro de seda fina. O ruído estridente das ruas ia pouco a pouco cessando, e as fábricas já apitavam num som rouco de cançasso como que também sentindo as fadigas de um dia de trabalho. O silêncio vae reinando naquele bairro e só de quando em vez ouve-se o badalar triste e compassado de um relógio de igreja velha.

Debruçada ao portão dum jardim defronte uma casa modesta daquele subúrbio sem luxo, uma jovem de seus dezoito anos, morena, de olhos negros, cabelos compridos a escorrer ao longo de suas costas, olha tristonha e pensativa ao horizonte iluminado pelos últimos clarões do sol.

É Helena, a noiva infeliz de um moço de vinte e um anos que se acha tuberculoso. Ela espera seu querido Carlos Alberto, que dentro em pouco há de passar num automóvel que o conduzirá para longe, lá para os planaltos de Santa Catarina, onde o clima frio da serra possa talvez restituir sua saúde.

Seus olhos não se desviam daquele horizonte colorido, como que lendo nele uma longa história de sua vida.

Carlos Alberto baila em sua memória. Helena parece sonhar... Passa por seu espírito todo o romance com seu noivo: aquele primeiro encontro na noite santa do Natal... os passeios à fazenda de seu tio... o dia feliz de seu noivado... os castelos que em noites de lua iam edificando... tudo se desenrola aos olhos de Helena, tão claro, assim como a alvorada ao descerrar com seu manto côr de rosa o tenebroso véu da noite.

Agora este vendaval tremendo por que tem que passar... esta pesada atmosfera de tristezas e de amarguras que deve tragar... Vem a despedida, o adeus... a separação cruel de seu noivo... a distância longa que os vae separar.

Lajes... Piracicaba!...

Não posso, dizia ela, enchugando as lágrimas que lhe rolavam por suas faces pálidas de dor: mas é o destino... Deus assim o quer!

Uma leve brisa soprava, e à canção dos ventos misturou-se de repente um apito agudo de automóvel.

É seu noivo!... Helena treme, empalidece... O automóvel pára. Agasalhado num grosso capote, manto ao pescoço, sai do carro um indivíduo magro, olhos fundos, faces pálidas e chupadas.

Helena quer falar mas o pranto já lhe embarga a voz. Carlos Alberto, tentando abreviar aquele momento difícil para si e para sua noiva, escondendo toda a sua emoção, estende-lhe a mão e se apressa:

— Helena, minha noiva, adeus!... Devo partir e urge que o faça sem demora.

Dos lábios dela, porém, não se desprende uma só palavra. Seus olhos molharam-se e foi desmaiar na mão fria do noivo uma pérola de lágrima.

— Não chores, Helena, em breve eu voltarei curado, e então realizaremos as nossas esperanças. Não ouviste o que disse Dr. Rodrigues? — O clima de Lajes por si é um sanatório. Por que choras então, querida noiva?...

Mas Helena não se conformava. Chorava amargamente nos braços de seu noivo, como que adivinhando que era aquela a última vez que ouvia sua voz.

Um acesso de tosse ameaçou Carlos Alberto e ele teve que puxar de seu lenço para abafar a golfada de sangue que não tardou.

Helena soluçava convulsionada. Notou-se então que dos olhos do pobre moço também duas lágrimas desprendiam-se pelas faces pálidas e secas.

— Helena, querida, adeus — repetiu o noivo, reprimindo os soluços e apressando-se para o automóvel.

— Adeus, Carlos Alberto... sê feliz... eu rezarei sempre por ti, — conseguiu responder Helena, numa voz abafada, enquanto apertava por entre as suas, as mãos frias do enfermo.

Olhares profundos e cheios de emoção lançaram-se mutuamente e Carlos Alberto embarcou. Partiu o automóvel. Um lenço branco ainda acenava nos ares, até desaparecer ao longe, nas estradas poeirentas de Piracicaba, o automóvel que levava o infeliz moço.

Já era noite e o vento soprava mais forte. Os cabelos longos de Helena esvoaçavam pelo ar, beijando de leve seus delicados ombros. Ao farfalhar das folhas secas nos canteiros do jardim misturavam-se soluços de mulher. Ela ainda chorava. Seus olhos molhados refletiam a lua que ia surgindo vagarosa ao longe, bem longe, por entre os pinheiros das montanhas.

Passaram-se dias e semanas até que Helena recebesse as primeiras notícias de seu noivo. É desnecessário falar da ânsia com que ela sempre esperava as cartas.

Numa delas, Carlos Alberto elogiava o ar puro e saudavel de Lajes; continuava, entretanto, di-

zendo que julgava ser demasiado tarde tal mudança de clima, pois que só ele sabia de seu estado.

Desde aquela carta Helena não teve mais alegrias. Chorava continuamente e as esperanças já iam morrendo uma por uma, assim como as lágrimas que de seus olhos se iam esgotando gota a gota...

Depois passou-se muito tempo sem que Helena recebesse notícias de seu noivo.

Eram decorridos onze meses de sua partida, quando Carlos Alberto, às portas da morte, internado num pavilhão, já sem forças para escrever, pediu ao enfermeiro que assentasse uma carta que ele ia ditar.

Eram seis horas e os sinos da Catedral badalavam as Ave-Maria...

21 de abril! Manhã risonha de céu límpido na longínqua Piracicaba.

O carteiro bate à casa de Helena e entrega uma carta.

É de Carlos Alberto — exclamou a desolada noiva, rasgando ansiosa o envelope.

Começou a ler mas não chegou à terceira linha. Caiu convulsionada em prantos sobre o sofá, apertando as folhas que se iam humedecendo de lágrimas.

Assim dizia a missiva:

HELENA — Minha querida noiva:

Quando chegar às tuas mãos esta carta, talvez já não existirei mais...

Do leito amargo de meus sofrimentos, onde há onze meses permaneço solitário, sem ver sequer alguém de minha família, eu te escrevo, enquanto os sinos de um velho templo vão badalando tristonhos as Ave-Marias.

São seis horas!... Hora de silêncio e de meditação para pedir a Deus a paz para os que sofrem... E eu penso em ti, querida, nesta hora de saudade e de amargura.

Todos os dias, ao badalar compassado e melancólico desta mesma Ave-Maria, eu ergo aos céus uma prece por ti.

Hoje, minha Helena, senti bem perto de mim a mão fria da morte. Procurei-te a meu lado mas não te achei... A cada recordação do nosso passado saudosos e cheio de ilusões, tu me surgias em lembrança, e me sorrias com aquele mesmo sorriso inocente de outrora. Tive saudades de ti, e chorei, meu amor...

Tudo me parecia turvo e minha voz já não se fazia ouvir naquele quarto abafado e sem luz de um moribundo. Era a agonia que se apoderava de mim. Julguei ser aquele, meu último instante, meu último sofrimento.

E agora eu te escrevo, Helena,

talvez a minha última carta. Em breve receberás a notícia fatal de que parti para nunca mais me veres.

— Não chores, meu amor, porque é o destino que assim o quer...

Assim como ele nos fez conhecer um dia, e naquela saudosa noite de Natal uniu dois corações pelos laços do amor, há também de desfazer-lo e fazer-te esquecer de mim.

Não lamentos nunca minha morte, porque talvez seja ela tua felicidade. Viva sempre contente e procura esquecer-me porque os castelos que um dia edificamos já vão ruindo e sobrarão sómente os escombros dum passado...

Do nosso amor há de ficar a história e das esperanças uma saudade!

Não te desanimes nunca, que hás de encontrar em outro homem a felicidade que juntos planejamos. Nessas horas de agonia eu ainda rezarei por ti, minha noiva, para que sejas feliz.

E agora eu vou dar-te o meu último adeus... — Perdoa-me tudo, Helena, o que por acaso, nesses dois anos de nosso amor, te poude

ofender. Se algum dia uma desconfiança eu tive de ti, dá-me, agora, nestes instantes últimos de minha vida o teu perdão...

Não podemos mais apertar nossas mãos... é tarde!... Mas esta carta há de levar-te minha despedida, a mais cruel de minha vida, porque eu bem sei que este é meu último adeus.

Não chores, querida!... Coragem! — Meu sofrimento é mil vezes mais que o teu, e eu tenho medo da morte cada vez que te recordo. De ti não quero pranto — quero uma prece junto a meu túmulo onde agora vou descansar.

— Adeus... sê feliz, minha Helena!... Deus te proteja sempre.

Adeus para nunca mais nos vermos.

Teu infeliz

Carlos Alberto.

A resposta não tardou. Bem sabia Helena que sua carta não alcançaria mais em vida, seu desolado noivo. Escreveu-o, entretanto, para desabafar do peito aquela saudade e aquela ânsia de contar-

lhe o seu sofrimento, o seu amor sem fim.

Eis a resposta de Helena:

Carlos Alberto — Meu saudoso noivo:

Ao escrever-te esta minha última carta, já não posso conter no peito o meu pranto e reter as lágrimas que se vão desmaiando pelas minhas faces.

Comecei a ler tua missiva, mas não pude terminar. Mamãe a leu para mim, enquanto meus soluços abafavam sua voz.

Sei agora, meu Carlos Alberto, que não nos podemos mais ver neste mundo.

A última esperança que ainda me sobrava desfaleceu ao ler tua carta.

Não vou dar-te o meu adeus, querido noivo, porque não nos vamos separar. O punhal da saudade já está gravado em meu peito e eu morrerei contigo.

Nos céus nos encontraremos. Até lá, meu saudoso noivo.

De tua para sempre

Helena.

Carlos Alberto, porém, sofreu ainda duas semanas. Na véspera de sua morte chegou às suas mãos a carta de Helena. Leu-a e chorou profundamente.

As golfadas de sangue provocadas pelos soluços não cessavam, e, naquela tarde friorenta de Maio, nos planaltos verdejantes de Santa Catarina, na linda Lajes, morria Carlos Alberto.

Em Piracicaba, nessa mesma tarde, os sinos daquela igreja velha de bairro sem luxo, murmuravam a canção fúnebre que anunciava a morte de Helena, a noiva infeliz do infeliz Carlos Alberto.



E todos, a seu turno, pedirão

«Saturno»

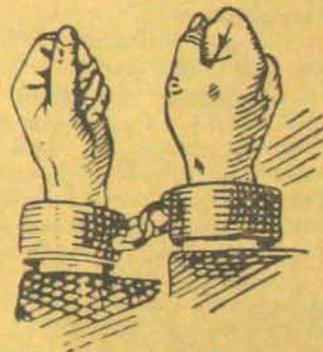
Fabrica de Chocolate Saturno
BLUMENAU, S. C.

Representante em Florianop.:

JOSÉ P. LIMA

Caixa Postal, 49

As algemas



da IGNORÂNCIA
podem ser destruídas
A leitura da Sabedoria

Desejando livros
sobre
quaisquer assuntos
peça-os a

LIVRARIA ROSA
Rua Deodoro, 33
FLORIANÓPOLIS

Atende pelo Serviço
de Reembolso Postal.

Completou há pouco o seu 37º aniversário o popular e mais antigo diário catarinense, "O Estado", atualmente sob a direção de Sidney Nocetti, dr. Rubens de Aruda Ramos e Gustavo Neves, tendo sido a data devidamente festejada.

As inúmeras felicitações recebidas, embora tarde, juntamos as nossas, com os votos de que "O Estado" continue, como sempre foi, a ser um vanguardeiro na defesa dos interesses catarinenses.

"CORREIO DO POVO"

Com grandes festividades foi comemorado em Jaraguá do Sul o 30º aniversário do popular semanário "Correio do Povo", fundado por Venancio Porto e Artur Mueller.

Entre as solenidades, merece especial destaque a romaria ao cemitério em visita ao túmulo de Venancio Porto, há vários anos falecido.

Ao "Correio do Povo" e seus colaboradores, os parabens de "Atualidades" pelo transcurso da festiva data.

"GAZETA DE PARAPEBA"

O Município de Parapeba, em Minas Gerais, festejou recentemente uma data grata a toda a sua população: o transcurso do 39º aniversário do semanário local "Gazeta de Parapeba".

É seu proprietário e diretor o nosso confrade Manoel Antônio da Silva, estando a gerência a cargo de Lauro Sodré da Silva.

Comemorando a festiva data, "Gazeta de Parapeba" publicou uma excelente edição especial de 18 páginas, fartamente ilustrada e que contou com colaborações de elementos dos mais destacados entre os escritores mineiros.

"Atualidades", embora tarde, envia aos amigos da "Gazeta de Parapeba" parabens pelo transcurso da data, com votos de crescentes prosperidades.

"BOLETIM GEOGRÁFICO"

Do Departamento Estadual de Geografia e Cartografia do Estado, recebemos o 3º volume, do 2º ano, correspondente a janeiro de 1948, do "Boletim Geográfico".

Contém o volume excelente trabalho dos srs. drs. Victor A. Pehuso Júnior e Wilmar Dias, apresentando-se ótimamente impresso e fartamente ilustrado, num total de cerca de 100 páginas, além de gráficos e noticiário de relevante importância.

Gratos pela gentileza da remessa.

O último romance de Théó-Filho, cujo título serve de cabeçalho a esta apreciação, é incontestavelmente algo de novo na história e na técnica da ficção brasileira. Foi o primeiro livro que li do festejado escritor, apesar de sua volumosa bagagem literária. Não vacilo em afirmar que se trata de uma obra importante e que muito ainda será discutida em nosso meio cultural e artístico.

O enredo é nosso conhecido. Ou melhor, a matéria prima (uma boa porção) que Théó-Filho usou para aaturar o seu humamissimo trabalho estava ao alcance de qualquer um. Mas, como o ovo de Colombo, foi ele quem primeiro a aproveitou. A verdade é que o autor de AO SOL DE COPACABANA, ao mesmo tempo que apresentava a evolução do bairro de Copacabana, também fazia crescer com ele os seus personagens. E ali vieram também se misturar os exilados e os fugitivos da última guerra.

Nesse ambiente heterogêneo e cosmopolita, Théó-Filho agita uma série de problemas que são fundamentais para o Brasil. A questão racial, por exemplo, é fixada sob diferentes aspectos. O inglês Charlie Glynn, casado com brasileira, acha que os filhos nascidos aqui são ingleses e os manda (os rapazes) para lutar na RAF. A filha Hilda (Pupe), para se casar com o brasileiro dr. Raimundo Alves, teve que fugir com ele. A filha do estadista e refugiado belga Erwin Wenzell, chamada Erna, ficou meses trancafiada no apartamento do Hotel Beira Mar, quando os pais descobriram que ela gostava de Afonso Alves. Casar com brasileiro? Só que faltava!

Outros problemas, quer sob o aspecto político, econômico ou militar, são sempre muito bem desen-

"PARÓQUIA DE SOMBRIO"

Gentilmente oferecido pelo autor, Revd. Raulino Reitz, Lente de Ciências Naturais no Seminário de Azambuja, município de Brusque e Presidente do Herbário "Barbosa Rodrigues", recebemos o livro "Paróquia de Sombrio" (Ensaio de uma Monografia paroquial), edição comemorativa do 10º aniversário da paróquia, transcorrido a 31 de maio de 1948.

Trata-se de um trabalho de incalculável valor, retratando todo o progresso religioso e social da vasta região abrangida pela paróquia, nos distritos de Sombrio, Passo do Sertão, Praia Grande e Jacinto Machado, contando com a Matriz em Sombrio e 19 capelas disseminadas pelo interior. Tem o volume 191 páginas e é fartamente ilustrado, sendo sua apresentação impecável sob todos os pontos de vista.

Ao autor, o nosso muito obrigado com os parabens pelo excelente trabalho.

volvidos. O autor, vamos sintetizar, deseja que o nosso povo não faça o jôgo de nenhuma potência. O Brasil tem que se defender e tirar proveito de sua privilegiada posição estratégica e de grande possuidor de matérias primas e não servilmente se colocar a serviço das ambições dessa ou daquela nação. As teses nacionalistas são súdis e surgem desde o começo do livro.

A intriga internacional nessa última guerra é tão bem apresentada que se vive as cenas de espionagem e contra-espionagem, de propaganda e contra-propaganda com emoção e até mesmo com revolta de nossa ingenuidade...

Além do material riquíssimo, palidamente sintetizado acima, há o desfile dos tipos principais do romance, que são de grande valor psicológico. Pedro é um personagem admiravelmente bem traçado. Quem, como ele, desde a infância e a adolescência agia do modo como sempre agiu, não poderia ter outro destino. Jacira, a filha mais nova do casal Zé Caetano e D. Brites, nascida em 1918, ano em que o desespero e a "espanhola" mexiam com os nervos de todo o mundo, é outro tipo inesquecível e digno do maior elogio ao autor. Ninguém mais inconsequente do que ela. Foi bem a embaixatriz do snobismo do seu bairro. Jacira, Miss Copacabana, é figura que ficará na nossa literatura, assim como ficou Capitú, a dos olhos de ressaca, de Machado de Assis.

AO SOL DE COPACABANA tem também o seu valor pela técnica e pela forma. O estio de Théó-Filho encanta pela correção e pela clareza. As descrições são quadros de pintura. Os diálogos, naturais. Não se pode desejar maneira de escrever mais fluente e um enredo tão surpreendente e fascinante. No fim, lamenta-se só ter o livro 470 páginas!

É impossível resumir num artigo as qualidades de AO SOL DE COPACABANA. Ainda nem mencionei outros figurantes, como Irma Kauffmann, Clara Elisabeth, Jack Schmidt, Tanajura, Maria da Conceição, Leitor Assíduo, etc., e já tenho de pensar no ponto final. Não contei como Zé Caetano veio para o Brasil e nem como começou a vida. Sou obrigado a omitir a importância do livro quanto à vida que, nesses anos, levou o povo carioca, principalmente o do bairro de Copacabana.

Mesmo assim, recomendo aos possíveis leitores o romance de Théó-Filho. O autor de AO SOL DE COPACABANA bem merece uma homenagem pelo serviço que acaba de prestar às letras nacionais. Mais uma vez fica provado que não necessitamos das traduções de certos romancistas estrangeiros, porque já contamos valores reais que não lhes ficam a dever cousa alguma. Os brasileiros que comparem, são os nossos votos.

La Batalla Naval del "Riachuelo"

Al Exmo. Sr. Almirante Antão A. Barata

Once de Junio, aun da madrugada.
La claridad se oculta atraz del velo
de la neblina del invierno, fria;
Fué en esa madrugada, en ese dia
que se escribió la pagina sagrada
del Trafalgar de America: Riachuelo.

Once de Junio, fecha en que Barroso
con sus brabos escribió esa página
que gloria y heroismo reberbera.
La página inmortal do que se orgulla
la Patria de Tamandaré glorioso;
De la auri-verde y éplea bandera.

La historia que a los siglos ultrapasa,
la gloria de los hechos eterniza
Hay hechos que retratan una raza;
Barroso en Riachuelo con sus héroes,
el valor de una raza sintetiza.

¿ De que sirvió al pérfido enemigo
todo el audaz y traicionero acecho
y el número mayor de armas y gente
para tentar el éxito que ansiaba?
De que el valor empresta acero al pecho,
sin duda el enemigo no contaba:
Y ni con el tradicional y ardiente
ideal de patriotismo inextinguible
de aquellos que Barroso comandaba.

Y el enemigo en decidido empeño
vá, sobre la nave «Parnayba»;
La asalta de sorpresa, audaz, terrible,
en la certeza absoluta que iba
lograr su plano, sin contar ingenuo
con el valor que indómito e invencible
guarda el audaz marino brasileño.

Y cae luchando, sin piedad abatido
el capitan Afonso, de un sablazo;
Luego Greenhalgt, y mortalmente herido
Marcilio Dias luce como un héroe
envuelto en su bandera, sin un brazo.

La lucha crece y se generaliza
feroz, sangrienta, sin piedad, salvaje;

La ventaja obtenida en la sorpresa
al enemigo audaz aun mas atiza
su insana crueldad y la fiera
con que se ha lanzado al abordaje!

Mas, en la nave capitanea, al lado
del auri-verde pabellon glorioso,
en gallardetes traducida impera,
la leyenda sagrada que Barroso
a sus brabos marinos ha lanzado:
«Que altive cumpla su deber sagrado,
la Patria heroica de cada uno espera».

La fé que impulsa ardiente, esa divisa,
al jefe heroico anima, al proclamarla
a sus brabos marinos, a esa classe
Que tradicion heroica sintetiza.

La Patria esta en peligro, hay que salvarla;
y lanzase con ellos al combate,
pués que les sabe a fondo su valor;
y que la adversidad jamás abate,
porque les dá al contrario mas vigor.

Y con su barco impávido se lanza
contra la nave principal contrarla
veloz imbeste como un proyectil;
Y la submerge, y resolute avanza
contra las otras y las pone en fuga,
logrando la victoria extraordinaria
la hazaña que enaltece hoy el Brasil.

Y hoy que reviven victoriosamente
eses gloriosos héroes cuyos nombres
resuenan en la historia como un himno;
De hinojos reclinada y reverente
a vuestra Patria heroica yo imagino
cultuando de los héroes la memoria
que duermen en la cuna de laureles
al cariñoso arrullo de la Gloria!

JULIO N. HERRERA

Restaurante Lira Tennis Clube de FRANCISCO PRAZERES

Diariamente

Atende serviços externos

Cozinha de ra,

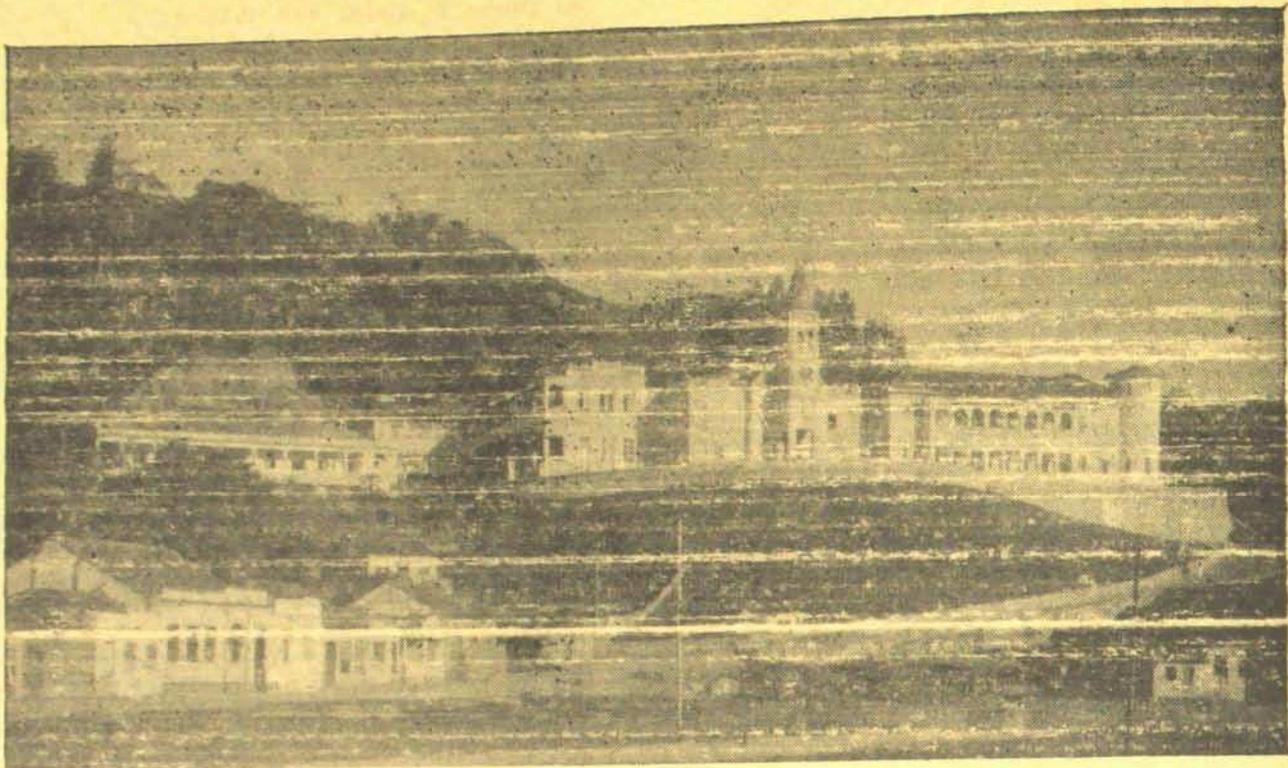
Confôrto - Higiene = Ótima vista - Ambiente próprio para
homenagear uma familia ou amigos de fóra

Hospital de Caridade

Da «Irmandade do Senhor Jesus dos Passos»

FLORIANÓPOLIS

STA. CATARINA



Apartamentos de luxo, com telefone, facilitando ao doente, do seu próprio leito, comunicar-se diretamente com todos os pontos do Estado servidos pela Telefônica Catarinense. Quartos de 1ª e 2ª classe e salas de quatro leitos. Refeitórios para as diferentes classes.

Salas de estar e avarandados com vista para o mar.

Quatro salas de operações para cirurgia séptica, asséptica e especializada com negatoscópio, sala ortopédica com mesa especial para correção de defeitos e fraturas sob raios X, água esterilizada e aspirador, e nove salas de curativos.

Fisioterapia, diatermia, ondas curtas, pantostato, correntes galvânicas e farádicas, electrocoagulação, bisturi elétrico, infra-vermelho, ultra-violeta, termóforo de Bier, câmara de aquecimento, banho Suda intestinal, nebulização de penicilina e streptomina.

Oxigenoterapia (também em residência) pelo aparelho tenda e máscaras.

Clínica das doenças do coração — Electrocardiografia.

Clínica das glândulas internas — Emagrecimento e engorda — Bócios — Metabolismo Basal. Reumatismo, clínica e cirurgia.

Exames radiológicos em geral (gabinete completo) e especiais com pielograma, serigrafia gastro-duodenal, enemas, colecistograma, arteriografia, utero-salpingografia, broncografias e tomografias. Aparelho transportável sobre rodas para exames no leito, durante as operações e em residência.

Clínica médica geral e especial do coração, rins, fígado, vesícula, intestinos (regimes dietéticos). Curas de repouso. Clínica infantil médica e cirúrgica (cozinha dietética).

Convênios especiais com todos os Institutos, Caixas e Companhias de Seguros para dar a seus beneficiários todos os recursos do aparelhamento em continuo aperfeiçoamento.

Centro de estudos: reuniões bimensais dos Médicos para aperfeiçoamentos dos modernos estudos e tratamentos.

Laboratório — Exames clínicos de urina, sangue, fezes, liquor, derrames e pús; dosagens de uréia, creatinina, cálcio, potássio, glicose, hemoculturas, hemossedimentação, contagem de glóbulos. Serviço de transfusão de sangue, seleção de doadores, imunotransfusão — Plasma sanguíneo. Tubagem duodenal.

Centro de aplicação de penicilina (enfermagem especial).

Serviços cirúrgicos em geral, ginecológicos, do estomago, intestinos, da vesícula, rins, uretères e bexiga, uretra e próstata. Clínica e cirurgia do reto e anus (hemorróidas, fistulas e fissuras). Do simpático cérvico-torácico (estrelado) lombar e periarterial. Da tuberculose, cancer e tumores em geral. Bócio (papo). Ortopédicos (fraturas, defeitos, pés tortos — Mesa especial de correção e controle aos raios X).

Estufa de esterilização permitindo ter a qualquer hora todo material pronto para socorro urgente.

Instalações e material especializado da clínica de olhos, nariz, garganta e ouvidos. Aparelhagem de laringo-tráqueo-broncoscopia.

Correção de lábio leporino e guela de lobo.

Radioterapia: aparelho o mais moderno e possante para tratamento dos tumores, dores, inflamações, doenças da pele; radium (110 miligramas).

Corpo de clínicos e cirurgiões especialistas em escala de plantão dia e noite garantindo prontidão e eficiência de socorro.

A ADMINISTRAÇÃO DA IRMANDADE E HOSPITAL NÃO VISANDO LUCROS, AS RENDAS SE DESTINAM A MELHORIA, APERFEIÇOAMENTO E AMPLIAÇÃO DOS SERVIÇOS, HOSPITALIZAÇÃO E TRATAMENTO DOS INDIGENTES, QUE SE BENEFICIAM DE TODAS AS APARELHAGENS CITADAS. O HOS-

PITAL DISPÕE DE SEIS CONFORTÁVEIS ENFERMARIAS PARA HOMENS, SETE PARA MULHERES E SEIS PARA CRIANÇAS, COMPORTANDO EM MÉDIA TREZENTOS LEITOS PARA INDIGENTES, EM DEPENDÊNCIAS SEPARADAS DAS DOS PARTICULARES.

Euclides da Cunha é nosso! E' do Povo

NELSON MAIA MACHADO

Há quase quatro de enios, no dia 16 de agosto, na Estação de Piedade, suburbio carioca, ferido por uma bala, para morrer numa sarjeta, Euclides da Cunha, um escritor do povo que, cheio de dignidade, com heroísmo e beleza, soube interpretar os problemas do Brasil e de sua gente, contando num livro que vence o tempo, a tragédia das nossas populações rurais, escalpelando o seu maior inimigo — o monopólio da terra. O escritor, cuja vida é um exemplo de amor ao povo, de dedicação á causa publica e de espirito progressista, ao tombar, atingido pelo tiro certo, ouviu da boca do assassino que lhe enxovalhara o lar os seguintes e últimas palavras: — Espera cachorro!

Euclides da Cunha foi gerado em plena tragédia nacional — a guerra do Paraguai. Toda agitação daqueles dias, através do temperamento sensível e impressionante de sua mãe, deixa profunda marca no ser que se formava. Com apenas tres anos perde sua progenitora, d. Eudaxia da Cunha, depois de longos e cruéis sofrimentos.

Manoél Pimenta da Cunha — seu pai — baiano de nascimento, guarda-livros de profissão e amante de boas leituras, obrigado pela necessidade, inicia com os filhos uma peregrinação por várias cidades fluminenses. Nestas viagens, com a constante mudança de cenários, nasce no menino Euclides o seu amor á terra e a sua admiração pela natureza, responsáveis, mais tarde, por algumas das admiráveis páginas de sua obra-prima. Em casa de seu tio, coronel Magalhães Garcez, onde passa o primeiro periodo da infância, assiste ao choque entre o passado e o futuro: — entre os decadentes postulados de uma monarquia absoluta e as «revolucionarias e perigosas» ideias de uma monarquia liberal. Mais tarde, em Friburgo, centro da aristocracia rural, esse liberalismo toma cores mais radicais em contacto com o professor Caldeira, seu primeiro mestre, um português exilado por suas ideias republicanas. Euclides não pararia, porém. Vamos encontrá-lo em plena República defendendo o socialismo. Era um espirito progressista, cheio de idealismo e de energia para a luta. Teve uma infância pobre. Esta circunstância irá influir em todo seu futuro, em tudo que fizer. Os jovens inteligentes e pobres, do seu tempo só tinham duas carreiras diante de si: — o clero ou o exército. Euclides prefere o segundo. Prefere como a melhor entre duas coisas para as quais não tinha inclinação. Forçado pela necessidade. O seu temperamento inquieto não suportava a disciplina da caserna. Foram, porém, esses jovens inteligentes e pobres que o Exército recebeu naqueles tempos para educar, o pugilo de nomes que pelos seus feitos encheu os ultimos dias do Segundo Império e os primeiros da República. A pobreza, não obstante a disciplina da caserna, manteve, neles a capacidade para o ideal e o sacrificio. São seus herdeiros os jovens oficiais de 1922 e 1924 que tornaram o Exército brasileiro o mais democrata das Américas.

Como quase todos os escritores brasileiros e inicia fazendo versos. No Colegio Aquino fun-

da um jornalzinho a que dá o sugestivo nome de «O Democrata» onde publica os seus primeiros versos. São composições liricas. Versos sem as melosas deusas inspiradoras de olhos azues e cabelos loiros. Mas, energicos, cheios de revolta e vigor. São inspirados em vultos da revolução francesa. Sobre Danton diz

«De seu cranio vulcão — a rubra-lava
Foi que gerou essa sublime aurora:
Noventa e tres e a levantou sonora
Na frente audaz da populaça brava!...
De Marat dizia que — «Batia o despotismo

á luz do dia». Robespierre «é o pesadelo mais cruél dos reis!...»

Surge então, o incidente na Escola Militar. O ministro da Guerra do Império, conselheiro Tomaz Coelho, desafiando a juventude republicana da Escola Militar resolve visitar aquele estabelecimento de ensino. Alguns estudantes vão recebê-lo com manifestações de desagrado. Formam os cadetes. Tomaz Coelho inicia a revista que terminaria sem um protesto, pois á ultima hora os jovens ficam temerosos. Euclides não se contém. Dá um passo, toma a espada e depois de parti-la nos joelhos, joga os pedaços aos pés do Ministro. E' preso, submetido a conselho de guerra e desligado do Exército. Muda-se para São Paulo e, pelas mãos de Julio de Mesquita, ingressa no jornalismo. Sob o pseudonimo de «Proudhon» escreve uma serie de artigos, abordando questões sociais. Aí começa o escritor do povo que não pára em sua caminhada progressista.

Não queremos fazer a biografia do escritor, acompanhando-o nas diversas atividades que enobreceu com seu genio. Desejamos apontar alguns aspectos de sua obra e de sua vida, mostrando que Euclides da Cunha é nosso, é do povo. Herdeiro de Gregorio de Matos, de Gonzaga, de Castro Alves, colocou sua inteligencia a serviço das massas advogando-lhe os interesses. Em toda a sua vida Euclides foi vitima da ação dos reacionarios que sempre criticou; das igrejinhas literarias, dos militares anti-democratas; dos poderosos. Se nunca o atingiram é porque era a conspiração da estupidez contra o genio.

Por que é nosso, é do povo, Euclides da Cunha? O traço fundamental da obra euclidiana é o seu sentido progressista. São os problemas da gente brasileira e o combate ás forças que entravam o nosso desenvolvimento. A eternidade de «Os Sertões» — que hoje já encontra uma porção de criticos, eternos bajuladores dos poderosos — reside no fato de ser a historia tragica do camponês brasileiro, vitima do latifundio, que o explora, imbeciliza e fanatiza. E' o vaqueiro, o sertanejo, o seringueiro, o jagunço; aqueles que «vivem cuidando a vida inteira, fiélmente, os rebanhos que não lhes pertencem», mas são propriedades de alguns fazendeiros do sertão que usufruem «parasitariamente, as rendas das terras dilatadas, sem divi-

«sas físicas». Ninguém, antes de Euclides, estudou profundamente os males provocados pelo monopólio da terra. O escritor percebeu que Canudos era a sua sangrenta e cruél consequência. Antonio Conselheiro, com suas promessas, era a esperança daquela multidão de infelizes que não encontravam na terra onde nasceram, que trabalhavam, mas pertencia a outros, um só momento de felicidade.

Foi Euclides inimigo do caudilhismo civil e militar. Na sua conferencia sobre «Castro Alves e seu tempo», falando sobre Diogo Feijó diz: «Que os outros admirem os marechais dominadores de rebeldia dentro do circulo de aço dos batalhões fiéis; eu prefiro admirar aquele padre estupendo, que com as mãos inermes quebrava as espadas do regimentos sublevados». Em seu artigo sobre o Kaiser, escrito em 1917, denunciando os perigos de uma guerra, diz ser «um neto retardatário das Walkyrias» e «hoje o genio laureado na terra de Goethe é o capitão Ianff, um lirico de caserna». Diz que Bismark — tão glorificado pelos partidarios da força bruta — é diminuto de mais para construir um povo», apontando como verdadeiros construtores da Alemanha os filosofos, como Schlegel. No «Os Sertões», critica os teóricos do Exercito, conhecedores de tantas teses e filosofias militares, mas que desconheciam, porém, as condições físicas do Brasil, «levando surras tremendas dos sertanejos que sabiam aproveitar todos os accidentes naturais desde os mandacurús até o cinzento das caatingas».

Euclides da Cunha é nosso, é do povo!

CIA. WETZEL INDUSTRIAL

Joinvile

FABRICA DE:

Vélas de Stearina

das afamadas marcas
JOINVILENSE - ECONÓMICA
LINDA - N.º 6 - PARA CARRO

Velinhas para Natal

em 6 lindas côres

Sabão

«VIRGEM ESPECIALIDADE»
em 3 tipos - 1/1 - 1/2 - 1/3

Glicerina

«LOURA FINA» e «BRANCA»

Massa para rolos
para tipografias.

Sociedade Beneficiadora de Madeiras Ltda.

TELEFONE 1248 - RUA 7 DE SETEM-
BRO

Blumenau

Fornecedores de Madeiras

em geral

Forro paulista

Encantoneiras de qualquer

espécie

Alinhamentos, etc.

Especialidade:

soalho marca

STROBEL

A Felicidade é assim...

Conto

As vezes, quando me ponho à sós, vivendo a vida dos meus pensamentos, escorregando despreocupadamente nessa plataforma clarividente que os sonhos nos oferecem, chego a julgar que, sendo o amor uma realidade indecifrável, é, também, na maioria das vezes uma dívida, que sempre nos desapercibemos em pagar. Estranho! Porque será que só mesmo a sós se pode imaginar que existem no meio dos homens certos objetos que jamais se vê? Por ventura o leitor não deve nada, não deixou algo a desejar nas suas aventuras amorosas? Vamos, folheie novamente o livro dourado das suas paixões juvenis. E' feliz? Qual é o preço dessa felicidade? A quem pagar? A vida só nos apresenta um aspecto inteiramente bom quando se faz acompanhar do amor que, em suma, é o mais delicioso entorpecente que podemos sorver. Sem embargo, quantas e quantas vezes esse mesmo amor nos faz desanimar da vida na atmosfera comum da humilhação, do fracasso, da covardia. Somos os mais intrépidos lutadores, cuja incompreensível espontaneidade de lutar pelo amor nos poria nos mais cobiçados caracteres de viver. Mas quem vive quando ama! Quem não sonha quando assim procede! Sonho é ilusão, é mentira! Amar é sonhar! Sonhar é viver! Viver é lutar! Em resumo: nossa vida é a luta pelo amor, um objeto tão perceptível como o corpo humano e tão desconhecido como o próprio espírito humano. Amar é ter uma dívida inajustável. Quem ama é feliz e a felicidade é ouro, cujo valor é tamanho que se nos aventurássemos a presentear-lo a outrem, perderíamos o doce encaço de viver. Amar é ser feliz e não ha na terra ser humano que não tenha a sua dívida, uma vez que ama, uma vez que goza da felicidade do amor.

Certa vez, nos meados da minha juventude, fui surpreendido à hora do jantar por um bilhete cuidadosamente confeccionado. Dizia assim: «Há dois meses eu te falava no dia de hoje. Lembras-te? Se apareces de acordo com a tua promessa, hei de arranjar palavras bem bonitas para te agradecer como realmente devo. Se não vires não precisarás

vir jamais; é que então nossa amizade teve um fim. Ada».

Ada, minha boa amiguinha, — pensei — Há dois meses, de fato, que eu não a via unicamente porque um traço negro havia alterado o panorama clarissimo da minha vida amorosa. Uma claridade que já se extinguia. Ada não tinha a ver com o caso a menor coisa que fôsse, pelo menos eu o imaginava.

Debrucei-me na janela do meu quarto e mirei os últimos afagos do dia.

Anoitecia. Era inverno e o céu daqueles dias era turvo como a minha inquietação. Na rua o silêncio era sombrio, de vez em quando estremecido por um sopro do vento. Uma tarde de domingo que antes me parecia o êrmo da minha vida. Era uma tarde fleugmática e fria como um suspiro de viuva e melancólica como a fisionomia de um defunto que desconhece ainda a vontade de estar sobre a terra.

Pois bem. Eu iria à casa de Ada. Afinal, a moça estava de aniversário e... conforme fôssem as coisas, eu ficaria um pouco por lá, conversando e, etc. Mas, conforme as coisas...

Aprontei-me e meti o nariz na rua pela primeira vez naquele dia.

Apesar da grossa roupagem que eu envergava parecia-me que até a alma queria se gelar. Um ônibus levou-me ao centro da cidade e lá fui arranjar um companheiro para ingerir uns «drinks» n'um bar qualquer. Quando me pús a caminho da casa de Ada tive a impressão que bafejava chamas como esses dragões que as crianças temem na hora de dormir. Era o efeito do alcool e nessas horas a pessoa sempre o bendiz. Sim, o frio era tremendo.

Algo me feria a coragem quando me aproximei do meu objetivo. Quiz voltar mas fui impedido por uma incerteza feroz. Embora eu nada visse ou soubesse, quase que profetizava. Encontrei Ada que mais uma vez tentava me achar dentro do véu negro da noite. Lá dentro, as vozes e risadas vinham ao meu encontro como um convite à festa. No portão mesmo dei os cumprimen-

A CAPITAL

Oscar Cardoso S. A.

Confecção DISTINTA - Marca registrada

Da Fábrica ao consumidor, distribuída pela casa

A CAPITAL

Endereço Telegráfico: CAPITAL

Filiais: Blumenau e Lages

O melhor sortimento em artigos para homens, senhoras e crianças

tos de praxe a aniversariante e como a minha ansiedade ou receio era tamanho, perguntei:

— Ela está aí?

— Está, sim.

Bem que eu adivinhava. Mas se eu temia. Porque vim? Ada? Ora, chego a pensar que sou o maior dos hipócritas.

— Ada quero que me faças um favôr. Não diz a ninguém que estou aqui e me bota n'um lugar onde esses glutões não me venham achar.

— Tú, sempre tú, — balbuciou a moça. — Pois bem; seja feita a vossa espantosa vontade.

Na sala de estar, onde fiquei, não havia mesmo viva alma. Arriei o sobretudo preto n'um cabide próximo e me sentei. A meu pedido, as luzes ficaram apagadas. Do aposento seguinte as vozes cresciam, voavam abraçando têmes pueris. (Eu também sou assim). Adiante de mim um piano quedava solitariamente. Eu também era um piano, cujas cordas nunca vibraram, porque a realidade não era pianista bastante apta a reviver a sinfonia dos meus devaneios. Ada não se demorou. Vinha radiante de alegria, trazendo no dórso de uma bandeja prateada as iguarias multicôres.

— Temos que fazer algo mais, para que a minha satisfação seja completa, mais completa, — disse-me ela enquanto eu comia.

— Que é? — perguntei com a boca cheia d' doces e bebidas e com a cabeça cheia de pecados.

— Glória está aí, já o sabes.

— E que tem isso?

— E' preciso acabar com essas histórias de separação.

— Que relação tem os meus particulares com a satisfação do teu dia de aniversário? Isto não me apraz. Mudemos de assunto, por favôr.

— Deve-se a mim as gentilezas, — continuou Ada — portanto atende-me.

— Pois bem, continua.

— Devo chama-la?

— Não! — respondi gravemente. — E não preciso ser rogado!

— Bem sabes que ela te ama, não é verdade?

— Ah, me ama? Não sabes ou queres esquecer que ela me repeliu sem mais nem menos? E eu não imaginava que isto viesse a acontecer um dia... (fazendo uma pausa) Já sei. Ela gostaria de possuir o meu coração de palerma juntamente com o bigodinho atraente do outro a quem ama. Não, Ada, minha fraqueza não chegou a este ponto.

— Glória jamais amou a outro — insistiu a minha amiguinha — O que ela fez contigo eu o faria também e porisso justifica-se. Ninguém ainda fugiu à essa norma do amor. Digo-te isto porque estou, mais do que ela, ao par dos fatos.

— Que queres dizer?

— Quero dizer que deves esquecer o que houve entre vocês dois naquela noite; quero dizer que deves amá-la sem precisar jamais mostrar a todo o mundo essa cara de sofredor. Bem... com licença, vou ver se falta alguma coisa para os meus gentis comilões. Até já.

Foi-me impossível chamá-la devido a minha situação embaraçosa. O que significava tudo aquilo? Meu Deus, meu Deus, que confusão tremenda. Ada sempre me fôra franca e eu não duvidaria dela. Enguli nova dóse da bebida que me foi trazida e botei a cabeça entre as mãos. Ada iria voltar e tudo se elucidaria.

— Pensando? — vociferou alguém da porta que dava para o lado dos convidados.

— Glória!

Ela chegou-se e se sentou comigo.

— Sabias que eu estava aqui? — indaguei.

— Sim... é claro...

— Porque vieste?

— Cruzês... tens ódio de mim?

— Não... isto não...

— Eu não devia ter feito aquilo, naquela noite...

— E porque o fizeste?

— Amas-me?

— Não falo disto, mas não o poderei negar.

— Se voltasses para mim irias saber com o tempo. Voltas?

— Depende da tua explicação.

— Bem, eu quiz ser boa, pagar com a minha felicidade o preço de uma felicidade que outrem desejava.

Eis que a verdade se esclarece.

— Eu estava sendo disputado nisto, por acaso?

— Exatamente.

— Ada?

— Que tino. Mas cala-te, por favor.

Arrê! Eu estava mesmo com sôrte.

— Aceitas as pazes? — tornou Glória.

— Feito. — cedi.

— Então despeçamo-nos de Ada e vamo-nos daqui. Foi ela mesmo quem pediu.

— Mas como vieste a saber de tudo isto? — perguntei impressionado.

— Ada.

Sorri com um sorriso de lata enferrujada e balancei a cabeça levemente.

Ada chegava novamente.

— E então, arrumaram-se?

Respondemos afirmativamente.

— Puxa... como custou. — prosseguiu ela. —

Bem... agradeço a ambos a amavel visita. E tú, (dirigiu-se a mim) olvida logo o que passou. E tu, Glória, segura-o, segura-o firme. Sejam bem felizes.

Eu e Glória começámos a nova e feliz jornada. A noite continuava fria como o bafo horrípilante da morte; mas era bela, era a mais bela das noites.

* * *
Glória, sabendo que Ada me amava, quiz oferecer-lhe a felicidade que possuía, terminando o namoro comigo, pensava, como todo o ser pessimista que ama, que eu e Glória pudéssemos ser felizes juntos, haja visto que, se Ada me amava, eu também sentiria algo por ela. (Eu faria o mesmo). Quando compreendeu que errara na sua suposição, aproveitou a melhor oportunidade para novamente se unir comigo.

Teve como dívida a felicidade que deveria ser de Ada, desde que venceu a questão, e o meu perdão, o qual pensava nunca mais conseguia-lo.

Ada confessou à Glória que me amava e pediu-lhe que me levasse para longe ou as consequências poderiam ser fatais. Com isto separou-nos, mas notando o seu imperdoavel êrro, tratou em fazer a retificação no caso, aproveitando a data do seu aniversário. Ficou devendo à Glória a culpa do amor que deveria ser seu, e a mim, o sublime efeito de um amor escondido.

* * *
Fui separado de ambas e sofri porque perdi um amor e uma amizade. Recobrei o amor, mas a amizade, nunca. Sou feliz, mas devo à Glória a sinceridade que me dispensou, quando engenhou para a minha e a felicidade de Glória a atroz separação. Devo à Ada um episódio inesquecível na minha vida amorosa e também os agradecimentos pela nova união que fez entre eu e Glória.

O amor e as suas dividas. A felicidade é assim mesmo...

Para a História de Lajes

A criação da vila de Lajes, data de 22 de Maio de 1771.

Diz-se definitiva, porque anteriormente, em 1767, segundo o Cons^o Mafra e em 1766, conforme observa o Cel. Vidal Ramos, havia Correia Pinto dado inicio à construção de uma capela de madeira na paragem denominada «Taipas», chapa-da de Cajurú, de onde retrocedeu pouco depois nove leguas para as cercanias do Rio Canoas, onde fundou segunda povoação, que pouca duração teve, em virtude de uma enorme cheia do rio, que destruiu tudo quanto em sete meses de trabalhos fôra feito.

Foi, pois, a 22 de Maio de 1771, que a vila de Lajes teve a sua criação definitiva, no lugar onde hoje está a cidade.

Daí a denominação de *nova vila*, que se encontra nos documentos que adiante vão transcritos.

Da criação foi lavrado um auto, datado de 22 de Maio de 1771, no qual vem transcrita a ordem do Morgado de Mateus, Dom Luiz Antonio Botelho de Souza Mourão a Correia Pinto, para que creasse a vila de Lajes.

Da referida ordem que traz a data de 4 de Setembro de 1770 só pode ser transcrito um pequeno trecho de quatro linhas, visto como a primeira folha do auto da fundação foi perdida.

Tem a seguinte redação o auto da fundação de Lajes:

... Conforme aqui detrimino que ao mesmo que me facultão as ordens de Sua Majestade acima apontadas São Paulo a coatro de Çetembro de mil e çetecentos e çetenta Dom Luiz — Em virtude da qual mandou apregoar em altas vozes pelo porteiro Domingos Rodrigues Vidigal que ali se pretendia formar vila para çepoder administrar as justiças aqueles povoadores por ficarem muito distantes da villa de Coritiba a que erão e tinham çido sujeitos a qual fundação se fazia para aumento e perpetuidade deste lugar para prova do que ja se achava precenciada a Igreja para nova freguezia o que indica a duração que devia o mencionado lugar e de como se fundou a dita nova vila mandou o dito Capitam mor Regente Antonio Correya Pinto fazer este auto em que açignou com toudos os moradores dela que presentes estavão e o porteiro Domingos Rodrigues Vidigal e Eu Marcelino Pereira do Lago escrivão que o escrevy. — Antonio Correia Pinto. O Capitam de Auxiliares deste Continente Bento do Amaral Gorgel Annes — Domingos Rodrigues Vidigal. — Antonio de Souza Pereira. — (ilegivel). — Manoel Barboza. — Bento Soares da Mota. — Joze Rapozo Pires. Lourenço Roiz da Rocha. — Sebastião Pinto (ilegivel) — Antonio Joze (ilegivel). — Manoel Joze de Souza.

Banco de Crédito Popular e Agrícola de S. Catarina

CAPITAL REALIZADO Cr\$ 1.640.000,00
RUA TRAJANO 16 — SÉDE PRÓPRIA

Registado no Ministério da Agricultura pelo Certificado n. 1, em 20 de Setembro de 1939
Endereço telegraf.: BANCREPOLA — Códigos usados: MASCOTE 1^a e 2^a edição

FLORIANÓPOLIS

Empréstimos especiais a agricultores

EMPRÉSTIMOS — DESCONTOS — COBRANÇAS E
ORDENS DE PAGAMENTO

Tem correspondentes em todos os municípios do Estado.
Mantém carteira especial para administração de prédios
Recebe dinheiro em depósito pelas melhores taxas

C/C à disposição (retirada livre)	2%
C/C Limitada	5%
C/C Aviso Prévio	6%
C/C Prazo Fixo	7%

Aceita procuração para receber vencimentos em tôdas as repartições Públicas, Federais, Estaduais e Municipais

COMPANHIA FLORESTAL BRASILEIRA

Indústria e Comércio de Madeiras

Matriz:
FLORIANÓPOLIS, S. C., Rua 14 de Julho
(Estreito)
Caixa Postal n^o 225 — Telefone n^o 1520
Telegramas: FLORESTAL

Filiais:
JOINVILE, S. C., Rua Jacob Richlin (Edifício Colon)
Caixa Postal n^o 155 — Telefone n^o 51
Telegramas: FLORESTAL

S. PAULO, S. P., Rua B. Vista, 65, 4^o, sala 4
Caixa Postal 4569 — Telefones 2-1633 — 2-5024
Telegramas: FLORESBRA

Agências:
ITAJAÍ, S. C., Rua Blumenau, n^o 456
Telegramas: FLORESTAL

BOM RETIRO, S. C. — Telegramas:
FLORESTAL

SERRARIAS:
São Judas Tadeu — Espírito Santo — São José

Felipe Barboza Leme. — Luiz Alexandre Ramos. Caetano Saldanha. — Domingos Antonio Pereira. — (ilegível). (ilegível). — Pedro (ilegível). Furtado. — Francisco Antunes de Purcicula. — Agostinho de Souza Rabello. — Antonio Lopes Negreiro. — (ilegível). — Bento Manoel Rodrigues*.

Lavrado o auto da fundação, foi procedida a lavratura do termo de levantamento do pelourinho, que traz a seguinte redação:

«Termo de levantamento de pelourinho desta nova vila de Noça Senhora dos Prazeres das Lages.

Aos vinte e dous dias do mez de Mayo do anno mil e çetecentos e çetenta e hu nesta povoação de Noça Senhora dos Prazeres das Lages, onde se achava o Capitam mor Regente Antonio Correya Pinto com ordem para acrear em vila çendo ahy presente os povoadores abaixo açignados escolheo a melhor situação, e terreno para se levantar pelorinho em cinal de jurisdição e logo este selevantou fazendo-lhe ce de hu pão de ley chamado aipé de quatro quinas com seys braços de pão seco... em cima para... dicer que era pelorinho. E logo o dito Capitam mor Regente mandou apregoar que se levantava o dito pelorinho na referida vila para que ficaxe constando a todos. Do que para constar mandou fazer èste termo que açignou com os povoadores que presentes se achavão e do porteiro e Eu Marcelino Pereira de Lago escrivão que o escrevy. — Antonio Correia Pinto - Bento do Amaral Gorgel Annes - Domingos Rodrigues Vidigal. - Antonio de Souza Pereira. - Manoel Barboza. - Bento Soares da Mota. - Joze Rapozo Pires - Sebastião Pinto (ilegível). - Louren-

co Roiz da Rocha. - Antonio Joze de Miranda. - Luiz Alexandre Ramos. - Matheos Joze de Souza. Felipe Barboza Leme. - Caetano Saldanha. - Domingos Antonio Pereira. - Luiz (ilegível) da Silva. Francisco Rodrigues Xavier. - Pedro (ilegível) Furtado. - Fran isco Antunes da Porcincula. - Agostinho de Souza Rabello. - Antonio Lopes Negreiro. Bento Manoel Roiz. - (ilegível).

A èste termo seguiu-se a escolha do local para a casa da Câmara e Cadela, o que depois de assentado entre todos os presentes, mandou o fundador fosse lavrado um termo, que é o seguinte:

«Termo de escolha de lugar para fundar a Caza da Camara e Cådeya nesta dita Vila de Noça Senhora dos Prazeres.

E logo no mesmo dia mez e anno declarado no termo retro nesta nova vila, no largo e praça que ficou destinada para amesma vila fronteando a rua que se chama rua da Praça aonde foi vindo o Capitam mor Regente Antonio Correya Pinto commigo escrivão abaixo declarado e sendo ahy, em presença dos povoadores que ali se achavão eixame para se açentar logar serto em que se avia de fundar a caza da Camera e Cadeya e por touts uniformemente foi acentado que a melhor parage era a em que se achava que o que assim se declara. E de como assim se asentou entre toudos mandou o dito Capitam mor Regente lavrar este termo em que açigna com os que presentes se achavão e eu Marcelino Pereira do Lago escrivão que o escrevy. - Antonio Correia Pinto. - Bento do Amaral Gorgel Annes. - (Seguindo-se as demais assinaturas já transcritas em documentos anteriores).

A CLIPER

Rua Trajano, 4

Confecções finas

Tecidos em geral

Grande sortimento

de

Tapetes e Congoleuns

Livraria Moderna

de PEDRO XAVIER & CIA.

Tipografia - Encadernação - Pautação

Rua Felipe Schmidt, 8 - Cxa. Postal 129
Telefone 1418

PAPELARIA - MIUDEZAS - ARTIGOS
ESCOLARES - FIGURINOS - REVISTAS
ESTAMPAS - ARTIGOS DE PINTURA
E DE ESCRITÓRIO E DE DESENHO etc.

Fabrica de Artefatos de Cimento

Rua Mato Grosso
BLUMENAU

Telefone 1248
Caixa Postal, 121



GRESSER & CIA.

LADRILHOS
HIDRAULICOS
Cores firmes
Desenhos modernos
Resistentes - Duraveis

LADRILH. ESPECIAIS
«Granitoid»
para fabricas e oficinas

DEGRAUS e
LADRILHÕES
VIBRALITE CERAMITE
para todos os fins
TUBOS DE CIMENTO
com e sem armação
POSTES, PIAS,
TANQUES

Banco Indústria e Comércio de Santa Catarina S. A.

MATRIZ: ITAJAÍ

Fundado em 23/2/35 — Enderêço telegráfico «INCO»

Depósitos em 31/7/49 : Cr\$ 311.073.581,60

FILIAIS, AGENCIAS E ESCRITORIOS EM :

Araranguá — Blumenau — Braço do Norte — Brusque — Caçador —
Canoinhas — Cambirela — Chapecó — Concórdia — Cresciana —
Curitiba — Curitibaanos — Campos Novos — Florianópolis — Gaspar
— Ibirama — Indaial — Ituporanga — Jaraguá do Sul — Joaçaba
— Joinville — Laguna — Lajes — Mafra — Orleans — Piratuba — Pôr-
to União — Rio de Janeiro — Rio Negrinho — Rio do Sul — São
Francisco do Sul — São Joaquim — Taió — Tangará — Tijucas —
Tubarão — Urussanga — Videira.

FILIAL DO RIO DE JANEIRO :

Travessa do Ouvidor, 17-A (térreo) —
Caixa Postal, 1239 — Telegramas : «Rioinco»

FILIAL DE CURITIBA :

Rua Monsenhor Celso, 50 — Caixa Postal, 584
Telegramas : «INCO»

TAXAS DE DEPOSITOS :

CONTAS DE MOVIMENTO :

A Disposição 2% a. a.
Limitada 3% a. a.
Particular 4% a. a.
Limitada Especial 5% a. a.

CONTAS A PRAZO :

C/ Aviso de 60 dias 5% a. a.
" " 90 " 5½% a. a.
" " 120 " 6% a. a.
Prazo Fixo de 6 meses 6% a. a.
Prazo Fixo de 1 ano 6½% a. a.

DEPOSITOS POPULARES 5%

Depósitos especiais a prazo e c/ aviso, saldo mínimo
de Cr\$ 50.000,00 7% a. a.

CAPITALIZAÇÃO SEMESTRAL

«Abra uma conta no «INCO» e pague com cheque»

INSTITUTO DE DIAGNÓSTICO CLÍNICO

— DR. DJALMA MOELLMANN —

Formado pela Universidade de Genebra (Suíça)
Com prática nos hospitais europeus
CLÍNICA MÉDICA em geral, de adultos e crianças,
doenças do sistema nervoso, aparelho genito-urinário do
homem e da mulher

PNEUMOTORAX ARTIFICIAL

Assistente Técnico: DR. PAULO TAVARES

Diplomado em radiologia e radioterapia pelo Hospital
Municipal de São Paulo (Professores Cássio Vilaça e
Carlos Fried)

Curso de Radiologia Clínica com o Dr. Manuel de Abreu
Campanário (S. Paulo). Especializado em higiene e
saúde pública pela Universidade do Rio de
Janeiro.

GABINETE DE RAIO X

Aparelho moderno "Siemens" para diagnóstico das doen-
ças internas — Coração — Pulmões — Viscula
Biliar — Estomago, etc. — Radiografias osseas
e radiografias dentárias

ELETROCARDIOGRAFIA CLÍNICA

(Diagnóstico preciso das moléstias cardíacas por meio
de traçados elétricos).

METABOLISMO BASAL

(Determinação dos distúrbios das glândulas de secreção
interna).

SONDAGEM DUODENAL

(Exame químico e microscópico do suco duodenal
e da bilis).

GABINETE DE FISIOTERAPIA

Ondas curtas, raios ultra-violetas, raios infra-vermelhos
e eletricidade médica

LABORATÓRIOS DE MICROSCOPIA E ANÁLISES CLÍNICAS

Exames de sangue para diagnóstico de sífilis, diagnóstico
do impaludismo, dosagem de urea no sangue, etc.
Exame de urina (reação de Ascheïn Zondeck, para
diagnóstico precoce da gravidez). Exames de puz,
escarro, líquido e raquiano e qualquer pesquisa
para elucidação de diagnóstico.

RUA FERNANDO MACHADO, 6 — TELEFONE 1195
Luz própria no consultório
FLORIANÓPOLIS — SANTA CATARINA

Instituto Catarinense de Radioterapia

Anexo à Casa de Saúde São Sebastião

Diretor Clínico: DR. DJALMA MOELLMANN
Viagem de especialização em radioterapia, nos
Institutos de Montevidéo e Buenos Aires.

Diretor Técnico: DR. PAULO TAVARES
Curso de especialização em radioterapia, com os
Drs. Carlos Fried e Nelson Carvalho no Instituto de
Radio São Francisco de Assis, São Paulo

Instalação moderna da Fábrica "Westinghouse" com a
potência de 220 Kw. e 25 milampérs, permitindo
Roentgenterapia profunda, semi-profunda e
superficial

RADIUMTERAPIA

O Instituto possui 115 miligramas de RADIUM,
importados dos EE. UU. trazendo atestados de
eficácia e dosagem fornecidos pelo Governo
Americano.

Força Elétrica própria

permitindo tratamento regular e dosagens exatas.

Largo São Sebastião FLORIANOPOLIS

SANTA CATARINA

Casa de Saúde e Maternidade 'São Sebastião'

Sob a direção clínica de .

Dr. Djalma Moellmann

Construção moderna e confortável, situada em aprazível
chácara com esplendida vista ao mar.

Excelente local para cura de repouso; água fria e quente

Aparelhamento completo e modernissimo para tratamento
médico, cirúrgico e ginecológico

Raios X - Ultravioleta - Infravermelho - On- das curtas - Eletricidade médica - Exames endoscópicos

Laboratórios para os exames de elucidação de
diagnósticos.

Apartamentos de luxo com instalação sanitária própria.
Varandas de cura.

Quartos de 1ª. e 2ª. classe.

— PREÇOS MÓDICOS —

O doente pôde ter médico particular.

Largo São Sebastião

FLORIANOPOLIS

Telefone 1.153